

Trajetórias da Juventude nos Mercados de Trabalho Metropolitanos

Mudanças na inserção
entre 1998 e 2007

DIEESE



Trajetórias da Juventude nos Mercados de Trabalho Metropolitanos

Mudanças na inserção
entre 1998 e 2007



DIEESE
1ª edição
São Paulo, 2008

Presidente da República – Luiz Inácio Lula da Silva
Ministro do Trabalho e Emprego – Carlos Lupi
Secretário de Políticas Públicas de Emprego - SPPE – Ezequiel Sousa do Nascimento
Diretor do Departamento de Emprego e Salário - DES – Rodolfo Peres Torelly
Coordenadora-Geral de Emprego e Renda - CGER – Adriana Phillips Ligiéro

© copyright 2008 – **Ministério do Trabalho e Emprego**
Secretaria de Políticas Públicas de Emprego – SPPE
Esplanada dos Ministérios Bloco F – Sede – 2º Andar – Sala 251
Telefone: (61) 3225-6842/3317-6581 – Fax: (61) 3323-7593
CEP: 70059-900 – Brasília/DF

DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos

Rua Ministro Godói, 310 – Perdizes – CEP 05001-900 – São Paulo/SP
PABX: (011) 3874-5366 – Fax: (011) 3874-5394

DIREÇÃO SINDICAL EXECUTIVA

João Vicente Silva Cayres – Presidente – Sindicato dos Metalúrgicos do ABC
Carlos Eli Scopim – Vice-presidente – STI Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Osasco e Região
Tadeu Moraes de Sousa – Secretário – STI Metalúrgicas, Mec. e de Materiais Elétricos de São Paulo e Mogi das Cruzes
Antonio Sabóia B. Junior – Diretor – SEE Bancários de São Paulo, Osasco e Região
Alberto Soares da Silva – Diretor – STI de Energia Elétrica de Campinas
Zenaide Honório – Diretora – Sindicato dos Professores do Ensino Oficial de São Paulo (Apeoesp)
Pedro Celso Rosa – Diretor – STI Metalúrgicas, de Máquinas, Mecânicas, de Material Elétrico de Veículos e Peças Automotivas de Curitiba
Josemar Alves de Souza – Diretor – Sindicato dos Eletricitários da Bahia
José Carlos de Souza – Diretor – STI de Energia Elétrica de SP
Carlos Donizeti França de Oliveira – Diretor – Femaco – FE em Serviços de Asseio e Conservação Ambiental Urbana e Áreas Verdes do Estado de São Paulo
Mara Luzia Feltes – Diretora – SEE Assessoramentos, Perícias, Informações, Pesquisas e Fundações Estaduais do Rio Grande do Sul
Josinaldo José de Barros – Diretor – STI Metalúrgicas, Mecânicas e de Materiais Elétricos de Guarulhos, Arujá, Mairiporã e Santa Isabel
Eduardo Alves Pacheco – Diretor – Confederação Nacional dos Trabalhadores em Transportes da CUT - CNTT/CUT

DIREÇÃO TÉCNICA

Diretor técnico – Clemente Ganz Lúcio
Coordenador de estudos e desenvolvimento – Ademir Figueiredo
Coordenador de pesquisas – Francisco José Couceiro de Oliveira
Coordenador de relações sindicais – José Silvestre Prado de Oliveira
Coordenador de educação – Nelson de Chueri Karam
Coordenação administrativa e financeira – Cláudia Fragozo dos Santos

EQUIPE RESPONSÁVEL

Thaiz Braga – Lúcia Garcia – Ana Paula Queiroz Sperotto – Fernanda Chuerubim
Marcel Henrique Becker – Edgard Rodrigues Fusaro – Geni Marques – Iara Heger



Trajetórias da Juventude nos Mercados de Trabalho Metropolitanos

**Mudanças na inserção
entre 1998 e 2007**

DIEESE

1^a edição

São Paulo, 2008

Tiragem
3 mil exemplares

Projeto e capa
Caco Bisol Produção Gráfica Ltda.

Diagramação e produção
Márcia Helena Ramos

Impressão
BC Gráfica

*É permitida a reprodução parcial ou total dos textos desta publicação,
desde que citada a fonte.*

DIEESE

Trajetórias da juventude nos mercados de trabalho metropolitanos: mudanças na inserção entre 1998 e 2007. / DIEESE. – São Paulo: DIEESE, 2008.

108 p. - (Biblioteca DIEESE)

ISBN 978-85-87326-39-3

1. Desemprego. 2. Ocupação. 3. Mercado de Trabalho. I. DIEESE. II.
Título. III. Série.

CDU 331.5-053.6

Sumário

Introdução	7
Capítulo 1 Juventude metropolitana: em nove anos, menor e mais madura	11
Capítulo 2 Diante do mundo do trabalho: os jovens trabalhadores e os economicamente inativos	19
Capítulo 3 Entre a escola e o trabalho: as condições da inserção produtiva juvenil	35
Capítulo 4 O desemprego dos jovens metropolitanos	63
Capítulo 5 Jovens trabalhando: caracterização da ocupação e dos rendimentos	79
Considerações finais	99
Bibliografia	105

Introdução

O mercado de trabalho urbano sofreu radical transformação ao longo dos anos 1990, passando a projetar para a juventude expectativas bastante distintas das consolidadas em décadas anteriores. Se até o final dos 1980 uma boa trajetória escolar era suficiente para garantir a mobilidade social de diversas gerações, 10 anos depois, embora as exigências de elevada escolaridade tenham sido reforçadas pelo mercado de trabalho, uma trajetória acadêmica bem-sucedida, no máximo, habilitaria à disputa por escassas possibilidades de emprego. Com o novo marco, a inserção do jovem nos mercados de trabalho urbanos do mundo inteiro passou a se destacar pela intensidade do desemprego, o que, no Brasil, adquiriu contornos mais dramáticos devido à importância quantitativa dos contingentes juvenis. Nos primeiros momentos, sobretudo, questões ligadas à dificuldade da primeira inserção ocupacional tomaram o centro das preocupações da política do trabalho. Gradativamente, contudo, a ocupação juvenil e a qualidade do emprego, associadas à exclusão de parcela importante dos jovens do sistema educacional, foram inseridas na pauta de gestores de políticas públicas, que têm buscado entender e intervir sobre essa realidade.

O trabalho e o desemprego dos jovens, desta forma, adquiriram importância crescente, inclusive passando a contar com estruturas especializadas nesta temática nas estruturas de Estado – secretarias, diretorias, gerências, entre outras. Já o conhecimento da estrutura da ocupação e do desemprego juvenil e o reconhecimento das diferenças entre os jovens tornaram-se essenciais para a elaboração de políticas voltadas para atender às demandas específicas desta população, com características e necessidades bastante heterogêneas conforme o grupo etário analisado.

O estudo presente nesta publicação tem como proposta somar a experiência do DIEESE na leitura das condições de inserção juvenil em mercados de trabalho metropolitanos ao esforço realizado por diversas instituições

que estudam o tema. Além de retratar as dificuldades vivenciadas pelos jovens, o estudo mostra que as oportunidades de romper com as condições desfavoráveis de inserção no mercado de trabalho são desiguais para esta parcela da população, de acordo com a faixa etária, a cor e o sexo.

Toda a análise foi realizada com base nos dados do Sistema Pesquisa de Emprego e Desemprego (Sistema PED), resultado de convênio entre DIEESE, Fundação Seade (do governo do Estado de São Paulo), Ministério do Trabalho e Emprego/Fundo de Amparo ao Trabalhador (MTE/FAT), para a Grande São Paulo, além de outros parceiros regionais para as regiões metropolitanas de Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Salvador e Distrito Federal.

Para esta análise foram utilizadas informações do período compreendido entre 1998 e 2007. Portanto, o cenário macroeconômico que serve de pano de fundo para a investigação é o de uma clara redução da pressão demográfica juvenil associada à expansão do nível de atividade econômica, notadamente nos últimos anos da série escolhida. Apesar do contexto favorável, impulsionar trajetórias bem-sucedidas para a inserção dos jovens no mercado de trabalho constitui um desafio, dada a enorme heterogeneidade dos diversos coletivos juvenis.

A faixa etária considerada para o estudo da população jovem é de 16 a 24 anos. Esta delimitação etária está em consonância com a definição de população jovem estabelecida pela Assembléia Geral das Nações Unidas – ONU, de 1985. Da perspectiva analítica do mercado de trabalho, o limite inferior para a operacionalização do conceito de população jovem obedece à idade mínima legal para inserção na atividade econômica que, de acordo com a legislação brasileira, é de 16 anos¹. Já o limite superior é a idade em que se espera que o indivíduo esteja apto a atuar de forma mais qualificada no mundo do trabalho a partir da conclusão da educação formal.

Adicionalmente, admitindo-se a heterogeneidade no interior do próprio grupo populacional jovem, e buscando captar as diferenças referentes à relação dessas pessoas com o mundo do trabalho, optou-se, neste estudo, por desagregar esta população em dois grupos etários distintos: aqueles de 16 e 17 anos, que, de acordo com a literatura especializada são classificados

1. A proibição do trabalho do menor de 16 anos foi implementada pela Lei 10.097, de 19/12/2000, oriunda do Projeto de Lei nº 2.845/2000, e pela Portaria nº 6, de 5 de fevereiro de 2001, do Ministério do Trabalho e Emprego, Secretaria de Inspeção do Trabalho e Departamento de Segurança e Saúde no Trabalho, que altera os dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT, decreto-lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943).

como jovens ou adolescentes, e aqueles de 18 a 24 anos, também denominados “jovens adultos”. O critério adotado para a criação dos subgrupos etários está relacionado ao conceito jurídico de emancipação juvenil. O Código Civil brasileiro considera o indivíduo emancipado aos 18 anos de idade, o que significa que com a interrupção do pátrio poder, estes sujeitos ficam habilitados à prática de todos os atos da vida civil.

Nesse sentido, a idade é usada como uma *proxy* de experiência no mercado de trabalho e, assim, a partir da análise da heterogeneidade da inserção destes dois grupos etários, evidencia-se a associação entre desemprego e idade, precariedade das relações de trabalho e idade, renda e idade, entre outros.

A apresentação da seleção de informações apuradas mensalmente pelo conjunto das pesquisas que conformam o Sistema PED foi organizada em cinco capítulos. O primeiro dedicado à dinâmica demográfica que provoca rápida alteração no dimensionamento da população juvenil; o segundo, ao exame das taxas de participação no mercado de trabalho. No terceiro é apresentado um conjunto de informações que articula o diálogo entre a preparação escolar e o exercício do trabalho para adolescentes e jovens adultos, enquanto nos dois últimos capítulos procura-se explorar os dados do desemprego e da ocupação, que caracterizam a inserção da juventude em mercados de trabalho metropolitanos.

Este estudo compõe o elenco de ações previstas pelo Convênio MTE/SPPE/Codefat nº 092/2007, que busca consolidar o Sistema PED como base estatística do Sistema Público de Emprego, Trabalho e Renda.

Capítulo 1

Juventude metropolitana: em nove anos, menor e mais madura

Os dados agregados para as seis regiões metropolitanas onde a Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) é realizada mostram que, em 2007, da população com 16 anos ou mais de idade, 22,2% estavam na faixa etária de 16 a 24 anos. Nesse período, os jovens somavam 6,3 milhões de pessoas, dos quais 80,0% pertenciam ao grupo dos jovens adultos (18 a 24 anos).

TABELA 1
**Estimativas da população de 16 anos e mais, segundo condição de atividade
por grupos de idade**
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2007 (em mil pessoas)

Condição de atividade	População total (acima de 16 anos)	Jovens					
		16 a 24 anos		16 e 17 anos		18 a 24 anos	
		Nº de pessoas	Em %	Nº de pessoas	Em % ⁽¹⁾	Nº de pessoas	Em % ⁽¹⁾
População de 16 anos e mais	28.215	6.254	22,2	1.253	20,0	5.001	80,0
População Economicamente Ativa	19.182	4.462	23,3	517	11,6	3.944	88,4
Ocupados	16.262	3.156	19,4	265	8,4	2.890	91,6
Desempregados	2.920	1.306	44,7	251	19,3	1.053	80,6
Inativos	9.034	1.793	19,9	735	41,0	1.058	59,0

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Em relação à população jovem

A maior proporção de jovens foi encontrada no Distrito Federal (24,5%) e na Região Metropolitana de Salvador (23,6%). Nas áreas metropolitanas de Recife e Belo Horizonte, os jovens eram 23% da população estudada. Em São Paulo e Porto Alegre, representavam 21,7% e 20,7%, respectivamente.

TABELA 2
Estimativas da população acima de 16 anos e dos jovens de 16 a 24 anos
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2007 (em mil pessoas)

Regiões Metropolitanas	População total (acima de 16 anos)	Jovens	
		16 a 24 anos	
		Nº de pessoas	Em %
Belo Horizonte	3.755	845	22,5
Distrito Federal	1.734	425	24,5
Porto Alegre	2.962	614	20,7
Recife	2.776	632	22,8
Salvador	2.648	625	23,6
São Paulo	14.339	3.112	21,7

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Entre os jovens das regiões metropolitanas, as mulheres eram maioria. Em 2007, a mão-de-obra feminina entre 16 e 24 anos representava 51,2% do total de jovens ou 3,2 milhões de pessoas. A presença feminina era maior que a dos homens em todas as áreas metropolitanas, com destaque para o Distrito Federal, que no último ano contava com 52,9% de mulheres entre os jovens.

No mesmo período, os negros representavam quase 50% do grupo de jovens nas regiões metropolitanas pesquisadas. Porém, diferentemente do observado em relação ao recorte de sexo, a distribuição da população jovem negra segundo as áreas metropolitanas apresentava diferenciais regionais muito acentuados.

TABELA 3
Estimativas da população jovem de 16 a 24 anos por sexo e cor
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2007 (em mil pessoas)

Regiões Metropolitanas	População jovem total	Jovens			
		16 a 24 anos			
		Mulheres		Negros	
		Nº de pessoas	Em %	Nº de pessoas	Em %
TOTAL	6.254	3.205	51,2	3.082	49,3
Belo Horizonte	845	434	51,4	479	56,7
Distrito Federal	425	225	52,9	278	65,4
Porto Alegre	614	311	50,6	93	15,2
Recife	632	320	50,7	486	76,9
Salvador	625	321	51,3	545	87,1
São Paulo	3.112	1.594	51,2	1.201	38,6

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Como ocorre no conjunto da população urbana, os jovens negros constituíam maioria absoluta nas regiões metropolitanas do Nordeste do país - Salvador, 87,1% e Recife, 76,9%. No Distrito Federal (65,4%) e Belo Horizonte (56,7%) os negros eram mais da metade do total da população jovem. Somente nas áreas metropolitanas de São Paulo (38,6%) e Porto Alegre (15,2%) a população dos negros era inferior à dos não-negros. Esse quadro se deve à conformação econômica e social brasileira, primeiramente pela preponderância da força de trabalho escrava nas culturas extensivas que caracterizaram a ocupação do Nordeste do país, seguida da mineração, e, posteriormente, da ocupação europeia das regiões Sul e Sudeste.

No período 1998-2007, a população jovem cresceu 0,3% ao ano, taxa menor que a média do crescimento da população de 16 anos e mais, que aumentou 2,3% no mesmo período. O declínio da proporção de jovens na população total, implícito nesta menor taxa de crescimento, reflete o processo de desaceleração do ritmo de crescimento deste contingente populacional, pois são gerações nascidas sob o efeito de uma fecundidade declinante, intensificada a partir da década de 1970¹. Em 1998, eram 6,1 milhões de pessoas neste grupo etário; em anos mais recentes, 2002 e 2007, as estimativas da PED enumeraram 6,4 e 6,3 milhões de pessoas de 16 a 24 anos de idade.

Segundo Madeira e Bercovich (1992), a dinâmica demográfica do contingente de jovens, particularmente nas últimas quatro décadas, reflete as alterações observadas nos níveis e padrões dos principais componentes do crescimento populacional: natalidade, mortalidade e migração; afetando a estrutura etária da população. Assim, a desaceleração do ritmo de crescimento da população jovem e o consequente aumento do peso dos outros grupos etários é resultado do contínuo declínio da fecundidade e da queda significativa da mortalidade (MADEIRA e BERCOVICH, 1992; OLIVEIRA et. al, 1998). Neste sentido, o processo de transição da estrutura etária nos últimos anos vem se destacando, pouco a pouco, pela conformação de um “perfil mais envelhecido” da população, embora, como foi descrito anteriormente, a participação dos jovens na população total do país permaneça elevada.

Examinando a variação do contingente de jovens de 16 a 24 anos, entre 1998 e 2007, é possível destacar que se em quase uma década há um aumento de apenas 187 mil jovens, este está concentrado na faixa etária de

1. Ao contrário dos países centrais, a queda da fecundidade brasileira, responsável pelas atuais reduções do contingente absoluto de jovens em algumas faixas etárias, não foi precedida de substancial aumento do desenvolvimento econômico e desconcentração de renda. Isso despertou atenção de vários estudiosos, entre os quais, Berquó (1983) e Carvalho (1980). Para uma reflexão mais recente sobre o fenômeno brasileiro, com suas idiossincrasias, ver Carvalho e Brito (2005).

18 a 24 anos, uma vez que houve decréscimo do número de adolescentes da ordem de 150 mil pessoas. De fato, as taxas de crescimento associadas ao grupo dos adolescentes (16 e 17 anos) no período foram restrinidas de tal forma que se tornaram negativas a ponto de atingir o percentual médio anual de -1,2%. Já para os jovens de 18 a 24 anos, embora em ritmo cada vez mais lento, as taxas médias de incremento ainda se mantêm positivas (0,8% ao ano). Portanto, a pressão demográfica dos jovens sobre o mercado de trabalho metropolitano parece provir, principalmente, dos indivíduos que pertencem à faixa etária de 18 a 24 anos.

TABELA 4
Evolução das estimativas da população jovem de 16 a 24 anos por grupos de idade
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998 e 2007 (em mil pessoas)

Grupos de idade	Anos	População	Variação Em nºs abs.	Variação Em %	Participação ⁽¹⁾ (em %)	Taxa de crescimento anual (%)
Jovens 16 a 24 anos	1998	6.067	-	-	26,4	-
	2007	6.254	187	3,1	22,2	0,3
Jovens 16 e 17 anos	1998	1.403	-	-	6,1	-
	2007	1.253	-150	-10,7	4,4	-1,2
Jovens 18 a 24 anos	1998	4.664	-	-	20,3	-
	2007	5.001	337	7,2	17,7	0,8

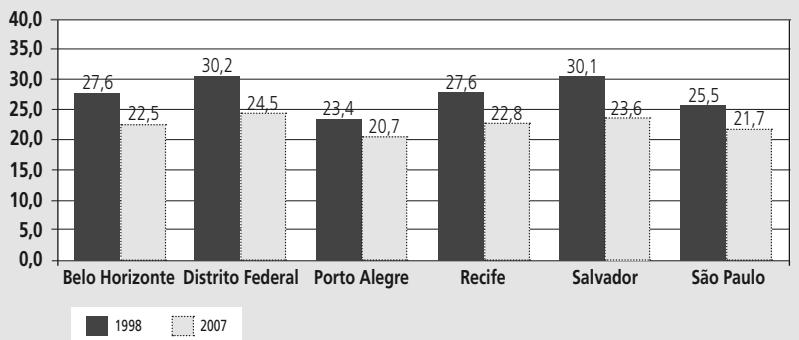
Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Em relação à população total acima de 16 anos

Adicionalmente, conforme a variação do peso relativo dos jovens de 16 a 24 anos em relação à população total, verifica-se que a participação deles vem, ao longo do período analisado, adquirindo pesos cada vez menores. Isso se deve à diminuição do ritmo de crescimento da população jovem em todas as regiões analisadas. Para o conjunto das regiões metropolitanas, em 1998, este grupo etário representava 26,4% da população total, reduzindo-se para 25,3%, em 2002, e passando para 22,2% em 2007. Considerando as áreas investigadas, na metrópole baiana, em 1998, a proporção de jovens na população correspondia a 30,1%, mas nos últimos nove anos este percentual caiu para 23,6% (Gráfico 1).

Na análise segundo o sexo, as informações da PED atestam que há, no conjunto das regiões metropolitanas, mais mulheres na população jovem (51,2%) do que homens, com ligeira redução no período (Gráfico 2). No primeiro ano da série, em três das seis regiões metropolitanas investigadas, a proporção de mulheres entre os jovens era ainda maior que a encontrada nos

GRÁFICO 1**Evolução da participação relativa da população jovem, de 16 a 24 anos, na população total - Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998 e 2007 (em %)**

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

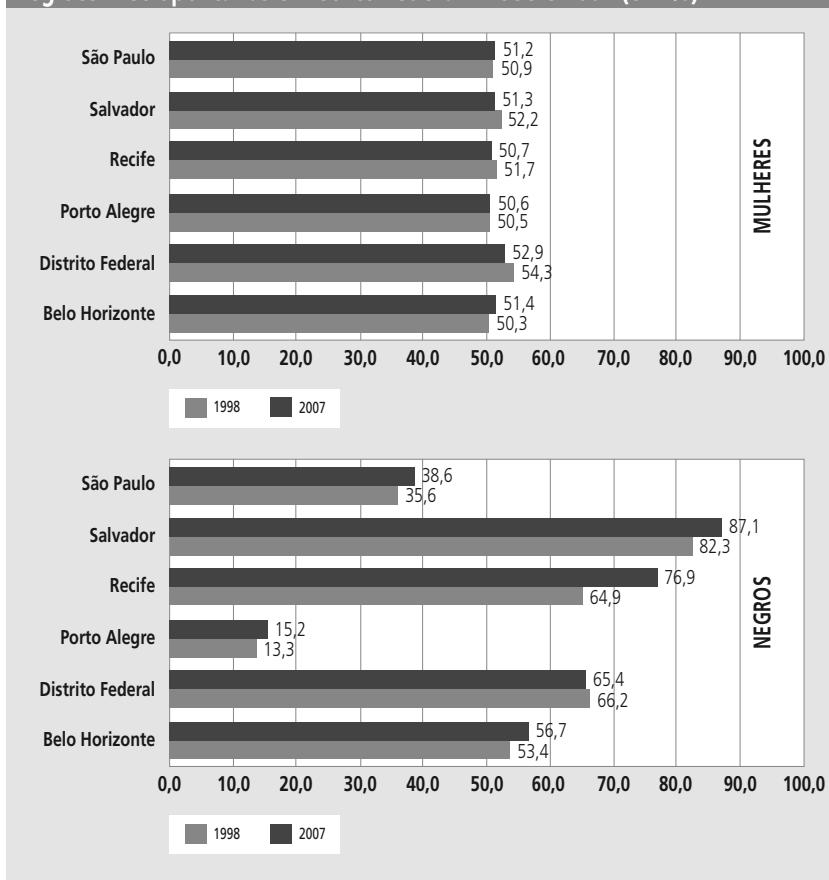
anos recentes. No Distrito Federal, por exemplo, a população feminina reduziu sua representação na população jovem total, ao passar de 54,3% para 52,9%.

Cabe ainda enfatizar o aumento do grupo de jovens negros nas regiões investigadas, destacadamente nas áreas metropolitanas nordestinas. Em 1998, na Região Metropolitana de Recife, os jovens negros correspondiam a 64,9% do conjunto de pessoas na faixa etária de 16 a 24 anos. Os resultados da PED para o ano de 2007 mostraram que estes percentuais elevaram-se para 76,9%. Este crescimento na proporção da população negra entre os jovens nordestinos, pode, em parte, ser explicado pela maior taxa de fecundidade das mulheres negras residentes nestas regiões.

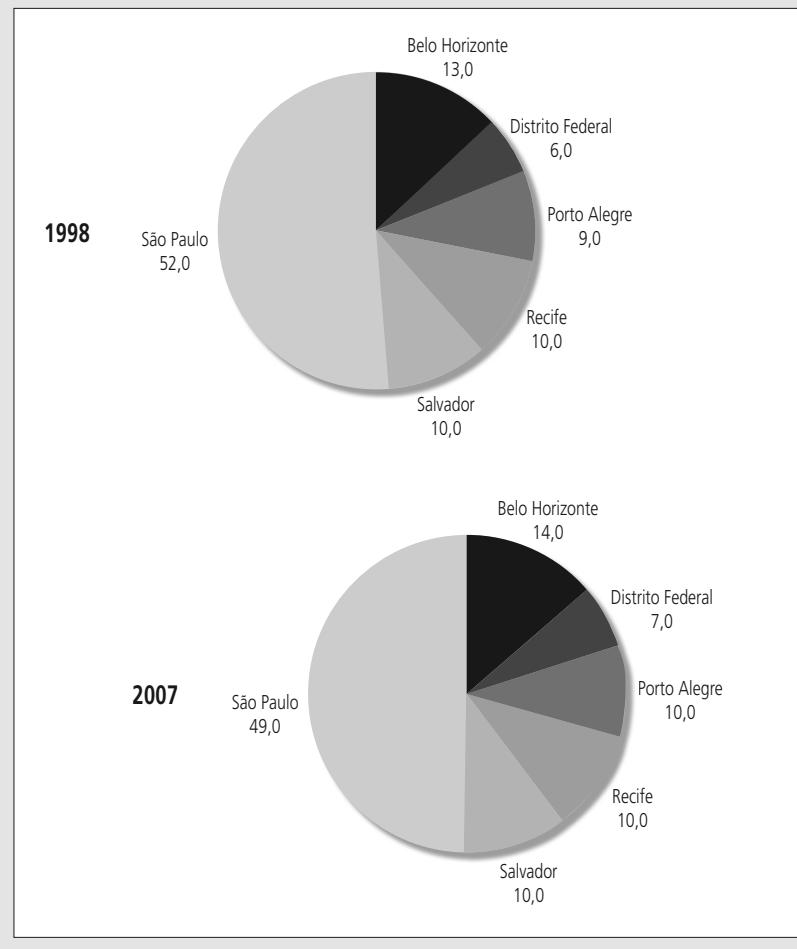
Embora não se perceba diferença substancial na proporção de jovens, quando comparada à população total nas áreas metropolitanas, a distribuição espacial desta parcela da população implica significativa concentração deste grupo populacional na grande São Paulo. Em 2007, a metrópole paulista agregava 3,1 milhões de jovens, ou cerca de 50% do total da população jovem investigada. Como já foi assinalado, de 1998 a 2007, os dados demográficos indicam que, a despeito de a área metropolitana de São Paulo concentrar elevada proporção da população jovem, esta é a única região pesquisada em que se observou decréscimo, em números absolutos, da população jovem.

GRÁFICO 2

Proporção de mulheres e negros na população jovem de 16 a 24 anos Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998 e 2007 (em %)



Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

GRÁFICO 3**Distribuição regional da população jovem de 16 a 24 anos
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998 e 2007 (em %)**

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

Capítulo 2

Diante do mundo do trabalho: os jovens trabalhadores e os economicamente inativos

A FORÇA PRODUTIVA JUVENIL

Entre os 6,3 milhões de jovens com idade entre 16 e 24 anos, que residiam nas áreas metropolitanas investigadas pelo Sistema PED em 2007, a expressiva maioria compunha a força de trabalho. Eram 4,5 milhões de pessoas que contribuíam efetivamente para a geração de riqueza, na condição de ocupados, ou buscavam oportunidades de trabalho, perfazendo nada menos do que 23,3% da População Economicamente Ativa metropolitana.

Estes percentuais, declinantes entre o final década de 1990 e boa parte da atual, apontam para certo padrão de inserção produtiva e ciclo de vida que não parece afetado por especificidades regionais. De fato, observa-se que as proporções de jovens inseridos no mercado de trabalho, de modo geral, são semelhantes entre as metrópoles, conforme os anos estudados. No último ano da série, a maior incorporação de jovens na População Economicamente Ativa encontra-se no Distrito Federal (24,4%) e a menor, na Região Metropolitana de Recife (21,5%) - Tabela 5.

Este padrão de engajamento produtivo, determinado por aspectos culturais, organização familiar e estratégias de sobrevivência e formação do jovem, todavia, não é imutável. Ele vem sofrendo alterações, motivadas tanto pelo avançado estágio da transição demográfica² por que passa o espaço urbano brasileiro quanto por significativas mudanças nas expectativas e no comportamento de indivíduos e grupos diante das oportunidades e dos obstáculos colocados pelo mercado de trabalho em tempos de estabilidade monetária e crescimento econômico.

2. Chama-se transição demográfica, a partir do texto seminal de Notestein (1945), o fenômeno em que a população de um determinado país, saindo de seu estado tradicional e rural, reduziria sua taxa de mortalidade, e, depois, a de fecundidade, e assumiria as características próprias de uma população urbana e industrial.

TABELA 5
Estimativa da população economicamente ativa de 16 anos e mais
e dos jovens economicamente ativos de 16 a 24 anos
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2007

(em mil pessoas)

Regiões Metropolitanas	PEA total (acima de 16 anos)	PEA Jovem	
		16 a 24 anos	Nº de pessoas
TOTAL	19.182	4.462	23,3
Belo Horizonte	3.755	591	23,3
Distrito Federal	1.734	309	24,4
Porto Alegre	2.962	420	22,2
Recife	2.776	346	21,5
Salvador	2.648	417	23,1
São Paulo	14.339	2.378	23,6

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Para compreensão de permanências e eventuais mudanças no modo como os jovens têm se inserido no mundo produtivo, a seguir são apresentadas as principais características da população juvenil, bem como essa diversidade influencia e é influenciada pela decisão de participar do mercado de trabalho.

Entre estes jovens economicamente ativos do conjunto metropolitano em 2007, 3,9 milhões, ou 88,4%, tinham entre 18 e 24 anos, proporção que supera largamente a presença deste segmento etário na população juvenil (80,0%) e indica o gradual ganho de importância que a inserção no mundo do trabalho vai adquirindo com o avançar da idade desta população. Esta interpretação é reforçada pelos resultados apurados para os adolescentes com idade entre 16 e 17 anos, cuja proporção no contingente juvenil é de 20,0% , enquanto na força de trabalho jovem se restringe aos 11,6%.

Como ocorre com a população adulta, embora o contingente feminino seja o majoritário entre os jovens, a parcela referente às moças (48,2%) na força de trabalho é menor que a dos rapazes. Os jovens negros, por sua vez, somavam 2,2 milhões de indivíduos, correspondendo a 49% do total de jovens inseridos nos mercados de trabalho metropolitanos, em proporção similar àquela vista no conjunto do segmento juvenil (Tabela 6).

Embora a População Economicamente Ativa dependa de fatores exógenos à própria dinâmica demográfica, como as sociais, que condicionam o aumento ou a diminuição da disponibilidade para o trabalho, e as econômicas, das quais depende a criação de oportunidades de trabalho e de emprego,

TABELA 6
Estimativa da população economicamente ativa de 16 a 24 anos por sexo e cor
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2007
 (em mil pessoas)

Regiões Metropolitanas	PEA Jovem total	Jovens			
		16 a 24 anos		Negros	
		Nº de pessoas	Em %	Nº de pessoas	Em %
TOTAL	4.462	2.150	48,2	2.192	49,1
Belo Horizonte	591	287	48,5	352	59,5
Distrito Federal	309	158	51,1	208	67,3
Porto Alegre	420	199	47,4	64	15,1
Recife	346	157	45,3	266	76,8
Salvador	417	202	48,6	369	88,4
São Paulo	2.378	1.147	48,2	934	39,3

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
 Elaboração: DIEESE

a natalidade, a mortalidade e as migrações têm papel fundamental na determinação do comportamento da força de trabalho. Com efeito, as alterações da composição etária da população e seus impactos sobre o mercado de trabalho desafiam os gestores de políticas públicas no que diz respeito à pressão sobre o mercado de trabalho dos grupos etários mais jovens.

Entre 1998 e 2007, de acordo com as estimativas calculadas pelo Sistema PED, o número de jovens economicamente ativos se ampliou (0,6% a.a.), porém em intensidade inferior ao observado para a PEA total, cuja taxa de crescimento foi de 2,4% a.a. no período.

Para este desempenho, destacou-se a redução do contingente de jovens com idade entre 16 e 17 anos no mercado de trabalho, pois, nos últimos nove anos, o número de adolescentes economicamente ativos diminuiu em 154 mil pessoas. Este movimento correspondeu à retração de 2,9% ao ano deste segmento na força produtiva metropolitana, ritmo de redução mais intenso do que o visto para este segmento na população total (-1,2%).

Em contrapartida, no mesmo intervalo de tempo, o grupo etário de 18 a 24 anos, que forma a chamada população jovem adulta, agregou 388 mil indivíduos à PEA (1,2% a.a.), superando a taxa de crescimento populacional (0,8% a.a.). O engajamento destes últimos, entretanto, não foi suficiente para manter a proporção juvenil entre os trabalhadores que, no início do período estudado, era de 27,3%, passando a representar 26,4%, em 2002, e 23,3%, cinco anos depois (Tabela 7).

TABELA 7
**Evolução das estimativas da população jovem de
 16 a 24 anos economicamente ativa por grupos de idade
 Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998 e 2007**

Grupos de idade	Anos	PEA Jovem	Variação		Participação (⁽¹⁾)	Taxa de crescimento anual (%)
			Em nºs abs.	Em %		
Jovens 16 a 24 anos	1998	4.227	-	-	27,3	-
	2007	4.462	235	5,6	23,3	0,6
Jovens 16 e 17 anos	1998	671	-	-	4,3	-
	2007	517	-154	-22,9	2,7	-2,9
Jovens 18 a 24 anos	1998	3.556	-	-	22,9	-
	2007	3.944	388	10,9	20,6	1,2

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

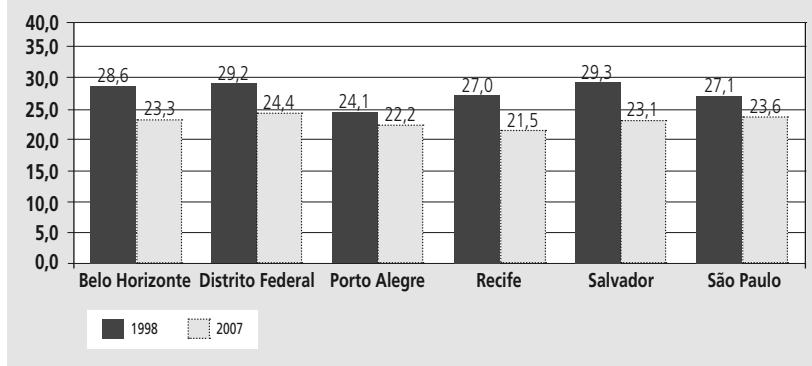
Nota: (1) Em relação à população total acima de 16 anos

Na análise das informações no nível regional, observa-se que a presença relativa da juventude na População Economicamente Ativa decresceu em todas as regiões investigadas. Em geral, esta evolução foi similar àquela vista para o conjunto metropolitano, determinada pelo declínio mais intenso da presença de adolescentes na força de trabalho do que o verificado na população total, e, incorporação produtiva de jovens adultos em níveis superiores ao incremento no número de residentes de 18 a 24 anos nas metrópoles estudadas.

Na área de cobertura do Sistema PED, deve-se enfatizar que a região metropolitana de Salvador apresentou decréscimo mais expressivo da juven-

GRÁFICO 4

**Proporção de jovens economicamente ativos na PEA total
 Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998 e 2007 (em %)**



Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

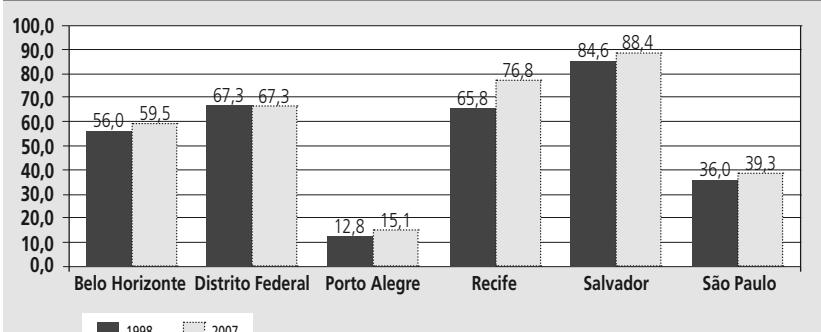
tude na força de trabalho, pois, em 1998, 29,3% da PEA tinham idade entre 16 e 24 anos, e em 2007, este percentual estava reduzido a 23,1%. Já Porto Alegre figura como a região de maior estabilidade da proporção de jovens na população produtiva, passando de 24,1%, em 1998, para 22,2%, em 2007 (Gráfico 4).

Acompanhando o movimento já observado para o conjunto da população entre 16 e 24 anos, destacou-se na evolução da População Economicamente Ativa juvenil importante incremento na proporção de negros. Isto foi, particularmente, pronunciado na Região Metropolitana de Recife, na qual os negros expandiram sua presença na força de trabalho jovem de 65,8%, em 1998, para 76,8%, em 2007.

Embora com menor intensidade, este comportamento foi ainda registrado nas demais áreas metropolitanas, exceto no Distrito Federal, onde não ocorreu variação da representatividade dos jovens negros na PEA juvenil, permanecendo este percentual, no período analisado, no elevado patamar de 67,3% (Gráfico 5).

GRÁFICO 5

Proporção de jovens negros economicamente ativos na PEA jovem de 16 a 24 anos – Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998 e 2007 (em %)



Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

CARACTERÍSTICAS DA JUVENTUDE OCUPADA

Em 2007, nas regiões analisadas neste estudo, os jovens ocupados somavam 3,2 milhões de trabalhadores, contingente que equivalia a 19,4% dos ocupados de 16 anos e mais de idade. Esta situação reflete as semelhanças existentes na inserção ocupacional da juventude entre as metrópoles pesqui-

TABELA 8
Estimativas da população ocupada de 16 anos e mais e
dos jovens de 16 a 24 anos ocupados
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2007

(em mil pessoas)

Regiões Metropolitanas	População ocupada total (acima de 16 anos)	Jovens	
		16 a 24 anos	Nº de pessoas
TOTAL	16.262	3.156	19,4
Belo Horizonte	2.239	447	20,0
Distrito Federal	1.051	203	19,3
Porto Alegre	1.649	316	19,2
Recife	1.295	213	16,4
Salvador	1.415	254	18,0
São Paulo	8.614	1.722	20,0

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

sadas, nas quais a proporção de jovens ocupados variou muito pouco, entre 16,4% (Recife) e 20,0% (Belo Horizonte e São Paulo).

Além da inserção global, outras características apresentadas pela população juvenil ocupada são comuns a todas as regiões metropolitanas, como é o caso da configuração etária e composição sexual deste segmento. De fato, em todas as regiões, em relação à presença de jovens adultos, a proporção de adolescentes entre os ocupados é notavelmente menor, em torno de 8,0%.

Este quadro se reflete no total de jovens ocupados das seis regiões metropolitanas cobertas pelo Sistema PED que, em 2007 contabilizava 2,9 milhões de trabalhadores com idade entre 18 e 24 anos (91,6%), dos quais 55% eram homens. Com isso, as jovens, que participam do mercado de trabalho de modo menos intenso que os rapazes, encontram, entre os ocupados de 16 a 24 anos, espaço mais diminuto ainda. A presença das mulheres entre os ocupados varia entre 39,6% (Recife) e 48,3% (Distrito Federal) - Tabela 9.

A composição por cor da população jovem (16 a 24 anos) nas áreas metropolitanas indica maior proporção dos não-negros (53,6%) no conjunto dos ocupados metropolitanos nesta faixa etária. Este resultado, porém, é bastante distinto regionalmente. Nas regiões metropolitanas do Nordeste, especificamente Salvador e Recife, e no Distrito Federal, encontravam-se as maiores diferenças nas proporções de jovens por cor: do total de jovens ocupados nestas áreas, 87,2% (Salvador), 76,3% (Recife) e 66,5% (Distrito Federal) eram negros.

Considerando a evolução da ocupação entre 1998 e 2007, a *performance* da ocupação juvenil foi notadamente inferior à verificada para a população ocupada total, assim como para os adultos com idade igual ou supe-

TABELA 9
Estimativas da população ocupada de 16 a 24 anos por cor
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2007
 (em mil pessoas)

Regiões Metropolitanas	Jovens				
	Total	16 a 24 anos			
		Nº de pessoas	Em %	Nº de pessoas	Em %
TOTAL	3.156	1.464	46,4	1.692	53,6
Belo Horizonte	447	257	57,4	191	42,6
Distrito Federal	203	135	66,5	68	33,5
Porto Alegre	316	43	13,5	274	86,5
Recife	213	162	76,3	50	23,7
Salvador	254	222	87,2	32	12,8
São Paulo	1.722	645	37,5	1.077	62,5

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
 Elaboração: DIEESE

rior a 25 anos. No conjunto das áreas metropolitanas, enquanto esses dois últimos grupos registraram crescimento anual médio de 2,8% e 3,3% de seu nível ocupacional. Para o grupo de pessoas com idade entre 16 e 24 anos, a taxa de crescimento da ocupação foi de apenas 0,8%.

Neste período, os jovens de 18 a 24 anos apresentaram em média crescimento do nível ocupacional de 1,3% ao ano, enquanto os de 16 a 17 anos registraram queda de 3,8%. Essas evidências relativas à ocupação indicam que os jovens de 16 a 17 anos têm enfrentado grandes dificuldades para inserção no mercado de trabalho metropolitano.

TABELA 10
Evolução das estimativas da população ocupada
jovem de 16 a 24 anos por grupos de idade
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998 e 2007
 (em mil pessoas)

Grupos de idade	Anos	Ocupados	Variação		Participação ⁽¹⁾	Taxa de crescimento anual (%)
			Em nºs abs.	Em %		
Jovens 16 a 24 anos	1998	2.950	-	-	23,2	-
	2007	3.156	206	7,0	19,4	0,8
Jovens 16 e 17 anos	1998	375	-	-	2,9	-
	2007	265	-109	-29,2	1,6	-3,8
Jovens 18 a 24 anos	1998	2.575	-	-	20,2	-
	2007	2.890	315	12,2	17,8	1,3

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

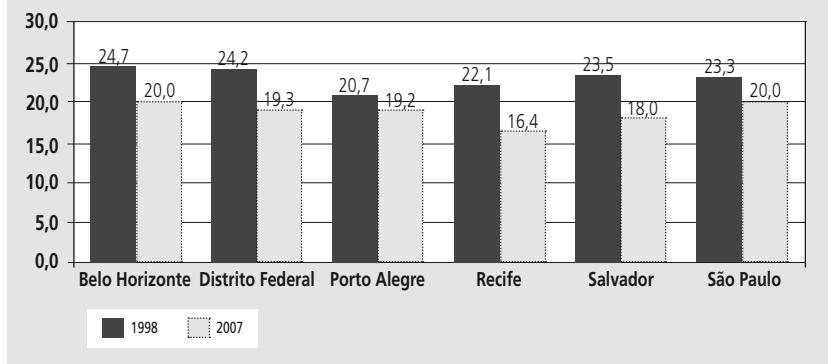
Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Em relação à população total acima de 16 anos

Os obstáculos para absorção deste segmento entre os ocupados, por sua vez, podem ser dimensionados pela diminuição na proporção dos jovens de 16 e 17 anos no total da ocupação juvenil, principalmente entre os homens. Dos 109 mil adolescentes que perderam sua ocupação entre 1998 e 2007, 71 mil, ou aproximadamente 65%, eram homens.

GRÁFICO 6

**Proporção de jovens ocupados de 16 a 24 anos na população ocupada total
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998 e 2007 (em %)**



Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

Considerando as regiões metropolitanas investigadas pela PED, as quedas mais significativas na proporção da população jovem no total da ocupação aconteceram nas metrópoles nordestinas: Recife (-5,7 pontos percentuais) e Salvador (-5,5 pontos percentuais). As demais áreas metropolitanas apresentaram reduções em torno de 5 pontos percentuais, com exceção de Porto Alegre (1,5 pontos percentuais).

CARACTERÍSTICAS DA POPULAÇÃO JOVEM DESEMPREGADA

Do total de 2,9 milhões de desempregados encontrados pelo Sistema PED nas seis regiões metropolitanas pesquisadas em 2007, 1,3 milhões eram jovens. Estes números permitem precisar: daqueles que não conseguiram uma oportunidade ocupacional no último ano, 44,7%, tinham entre 16 e 24 anos.

Esta proporção de jovens entre os desempregados chegou a 49,1% no Distrito Federal e ficou um pouco menor nas metrópoles mineira e paulista, estas duas últimas, localidades onde o percentual da juventude em situação

TABELA 11
Estimativas da população desempregada acima de 16 anos e dos jovens
de 16 a 24 anos desempregados
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2007

(em mil pessoas)

Regiões Metropolitanas	População desempregada total (acima de 16 anos)	Jovens	
		16 a 24 anos	Nº de pessoas Em %
TOTAL	2.920	1.306	44,7
Belo Horizonte	299	144	48,2
Distrito Federal	216	106	49,1
Porto Alegre	242	104	42,9
Recife	317	133	42,1
Salvador	389	163	41,8
São Paulo	1.458	656	45,0

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

de desemprego ainda correspondia, respectivamente, a fartas fatias de 48,2% e 45,0% da população desempregada. Nas regiões metropolitanas de Salvador, Recife e Porto Alegre estas proporções foram bastante semelhantes, ficando em torno do elevado patamar de 42%.

Em 2007, para o conjunto das regiões metropolitanas investigadas pela PED, o percentual de negros entre os desempregados (55,9%) era pouco superior ao dos jovens não-negros. Segundo o sexo, entretanto, a maior parte dos desempregados nas áreas metropolitanas eram mulheres (56,0%). Essa elevada participação das mulheres no contingente dos desempregados jovens mostra que uma parcela importante deste grupo populacional sai de uma

TABELA 12
Estimativas da população desempregada jovem de 16 a 24 anos por sexo e cor
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2007

(em mil pessoas)

Regiões Metropolitanas	População ocupada jovem total	Jovens			
		Mulheres		Negros	
		Nº de pessoas	Em %	Nº de pessoas	Em %
TOTAL	1.306	731	56,0	730	55,9
Belo Horizonte	144	89	61,6	95	66,2
Distrito Federal	106	60	56,6	73	68,9
Porto Alegre	104	60	58,0	21	20,5
Recife	133	73	54,7	104	77,7
Salvador	163	90	55,4	147	90,3
São Paulo	656	359	54,8	290	44,3

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

condição de inatividade para a de desemprego, configurando o que se convencionou relatar como a feminização do desemprego juvenil.

Entre 1998 e 2007 houve uma expansão média anual da PEA jovem de 0,6%, enquanto no mesmo período, a taxa de crescimento anual do nível de ocupação foi de 0,8% a.a. Como será visto adiante, esta maior expansão dos postos de trabalho em relação à PEA jovem refletiu positivamente sobre o tamanho do desemprego para uma parcela dos jovens metropolitanos, notadamente os jovens adultos e homens.

TABELA 13
Evolução das estimativas da população desempregada
jovem de 16 a 24 anos por grupos de idade
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998, 2002 e 2007 (em mil pessoas)

Grupos de idade	Anos	Desempregados	Variação		Participação ⁽¹⁾	Taxa de crescimento anual (%)
			Em nºs abs.	Em %		
Jovens 16 a 24 anos	1998	1.277	-	-	46,1	-
	2002	1.508	231	18,1	45,6	4,2
	2007	1.306	-202	-13,4	44,7	-2,8
Total 1998-2007		-	29	2,3	-	0,3
Jovens 16 e 17 anos	1998	296	-	-	10,7	-
	2002	288	-8	-2,7	8,7	-0,7
	2007	251	-37	-12,7	8,6	-2,7
Total 1998-2007		-	-45	-15,0	-	-1,8
Jovens 18 a 24 anos	1998	981	-	-	35,4	-
	2002	1.220	240	24,4	36,9	5,6
	2007	1.053	-167	-13,7	36,1	-2,9
Total 1998-2007		-	72	7,4	-	0,8

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Em relação à população total acima de 16 anos

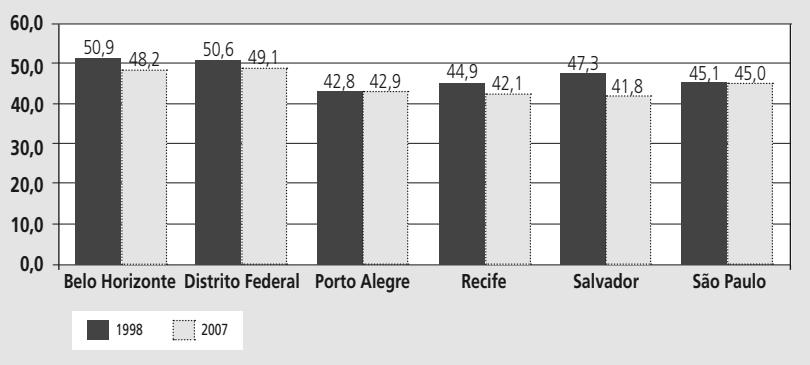
Embora a população desempregada juvenil tenha aumentado no período 1998-2007, já em 2002, a tendência de crescimento deste contingente foi nitidamente refreada. Pois, se, entre 1998 e 2002, a taxa de crescimento médio anual do número de desempregados jovens foi de 4,2%, no período compreendido entre 2002 e 2007, verificou-se tendência inversa, com o contingente de desempregados experimentando redução de 2,8% a.a.

Esta mudança de trajetória resultou na saída de 202 mil jovens da condição de desemprego, fazendo, no conjunto metropolitano, a proporção juvenil entre os desempregados decair dos 46,1%, identificados em 1998, para os 45,6%, em 2002, atingindo os 44,7% atuais. De modo geral, foi ob-

servado comportamento similar nas áreas metropolitanas, exceção feita à região de Porto Alegre, na qual a proporção de jovens entre os desempregados permaneceu relativamente estável. Cumpre destacar, neste quadro, a Grande Salvador, onde a diminuição da presença dos jovens no total de desempregados alcançou 5,5 pontos percentuais: passando de 47,3%, no início do período estudado, para 41,8%, em 2007 (Gráfico 7).

GRÁFICO 7

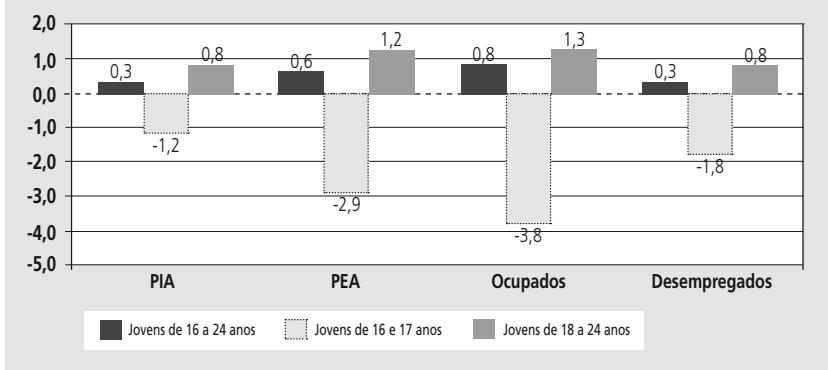
Proporção de jovens desempregados de 16 a 24 anos na população desempregada total – Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998 e 2007 (em %)



Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

As mudanças ocorridas no peso relativo da juventude entre os desempregados metropolitanos refletem, sobretudo, a queda da participação deste grupo etário no total da População em Idade Ativa, determinada, entre outros fatores, pela mudança do padrão de fecundidade no país, associada aos ganhos na expectativa de vida da população brasileira. Contudo, fatos demográficos não esgotam o elenco de fatores que explicam a inserção produtiva juvenil nas economias metropolitanas. Esta é a situação sugerida pela discrepância com que foi reduzida a presença juvenil na PIA e População Economicamente Ativa, particularmente nos subgrupos de ocupados e desempregados: a redução dos grupos populacionais de jovens de 16 a 24 anos na composição da população total é maior entre os ocupados (de 23,2% para 19,4%, entre 1998 e 2007) que a observada entre os desempregados (46,1% e 44,7%, no mesmo período) - Gráfico 8.

A análise da proporção do contingente de desempregados jovens na PIA, segundo atributos pessoais, revelou comportamentos diferenciados para mulheres e negros.

GRÁFICO 8**Taxa de crescimento anual da população jovem de 16 a 24 anos, segundo condição de atividade – Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998 a 2007 (em %)**

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Na disagregação por sexo verifica-se expansão da proporção de mulheres entre os jovens desempregados, pois as moças, que correspondiam a 52,0% daquele contingente em 1998, nove anos depois respondiam por 56,0% da juventude desempregada. A situação das jovens é bastante desfavorável em comparação ao segmento masculino juvenil, uma vez que, no período compreendido entre 1998 e 2007, a proporção das mulheres jovens na PIA manteve-se estável. De início, pode-se concluir então que as mulheres jovens não apenas têm contribuído com maior peso entre os desempregados jovens, mas que esta parcela da população experimenta crescente distanciamento das possibilidades de inserção ocupacional, quando comparada aos homens.

O olhar sobre a evolução da presença feminina entre os desempregados jovens nas regiões metropolitanas mostra que esta concentração se deu com mais ênfase em Belo Horizonte e Porto Alegre, onde a participação relativa de mulheres no total de desempregados cresceu 10,3 e 5,4 pontos percentuais, respectivamente. Na metrópole mineira, em 2007, a proporção de mulheres no contingente de desempregados chegou a 61,6%.

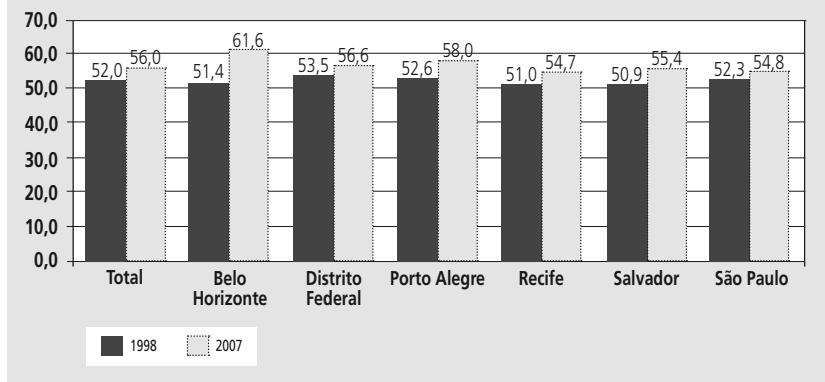
O exame da composição de cor dos desempregados entre 16 e 24 anos indica redução dos não-negros entre este segmento em todas as áreas metropolitanas. Em 2007, 44,0% do contingente juvenil de desempregados eram não-negros.

A inserção diferenciada entre os jovens na população desempregada revela que os jovens negros, cuja inserção já é mais difícil e vulnerável no mercado de trabalho, nos anos recentes passaram a sofrer com mais intensi-

dade os constrangimentos relacionados à exclusão a partir do desemprego. Ou seja, os jovens negros foram discriminados na distribuição dos postos de trabalho criados no período compreendido entre 1998 e 2007, uma vez que foram absorvidos por apenas 46,4% dessas ocupações, embora conformem 49,1% da PEA juvenil. Como resultado, os jovens negros acentuaram sua representação no desemprego metropolitano, passando a responder por 55,9% dos jovens trabalhadores nesta condição.

GRÁFICO 9

Proporção de mulheres na população desempregada jovem de 16 a 24 anos Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998 e 2007 (em %)

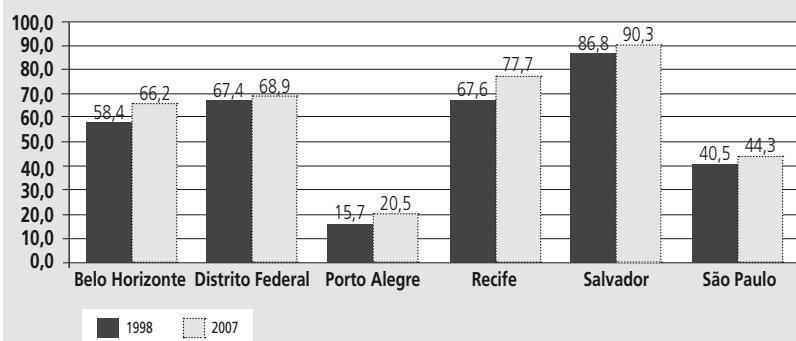


Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

GRÁFICO 10

Proporção de negros na população desempregada jovem de 16 a 24 anos Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998 e 2007 (em %)



Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

A JUVENTUDE QUE NÃO PARTICIPA DO MERCADO DE TRABALHO

Nem todo o contingente da população de jovens de 16 a 24 anos está disponível para efetivamente engajar-se em postos de trabalho ou interessado em procurar oportunidades de emprego. No mercado de trabalho metropolitano estudado, em 2007, foi estimada a existência de 1,8 milhões de jovens inativos, dos quais cerca de 1,0 milhão pertenciam à faixa de 18 a 24 anos.

As maiores proporções de jovens inativos encontravam-se no Distrito Federal (25,1%), depois nas regiões metropolitanas de Salvador e Recife (em torno de 24%). Nas áreas metropolitanas de São Paulo e Porto Alegre, porém, menos de 20% da população jovem estava fora do mercado de trabalho.

TABELA 14
Estimativas da população inativa de 16 anos e mais
e da população jovem de 16 a 24 anos inativa
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2007

Regiões Metropolitanas	População inativa total (acima de 16 anos)	Jovens		(em mil pessoas)
		Nº de pessoas	Em %	
TOTAL	9.034	1.793	19,9	
Belo Horizonte	1.218	254	20,8	
Distrito Federal	467	117	25,1	
Porto Alegre	1.072	194	18,1	
Recife	1.164	286	24,5	
Salvador	844	208	24,7	
São Paulo	4.268	735	17,2	

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Embora os índices de participação feminina na força de trabalho venham aumentando para todas as regiões analisadas, no grupo dos jovens inativos, as mulheres ainda detêm a maior presença, estimando-se em 1,1 milhão o contingente feminino com idade entre 16 e 24 anos que não participava da estrutura produtiva metropolitana em 2007 (58,8% do total). É importante notar que muitas vezes estas jovens, mesmo consideradas inativas, acumulam a freqüência à escola com aquelas atividades que são atribuídas a elas desde crianças nas tarefas domésticas no interior dos domicílios.

Segundo a composição por cor, no conjunto da população que não exerce pressão sobre o mercado de trabalho das seis regiões metropolitanas pesquisadas pela PED, a proporção de jovens negros era minoritária (49,5%).

TABELA 15
Estimativas da população inativa de 16 a 24 anos por sexo e cor
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2007
 (em mil pessoas)

Regiões Metropolitanas	População jovem total	Jovens			
		Mulheres		Negros	
		Nº de pessoas	Em %	Nº de pessoas	Em %
TOTAL	1.793	1.054	58,8	888	49,5
Belo Horizonte	254	147	57,9	127	50,1
Distrito Federal	117	67	57,3	70	59,8
Porto Alegre	194	111	57,2	30	15,4
Recife	286	164	57,3	220	77,1
Salvador	208	118	56,5	176	84,6
São Paulo	735	447	60,9	265	36,1

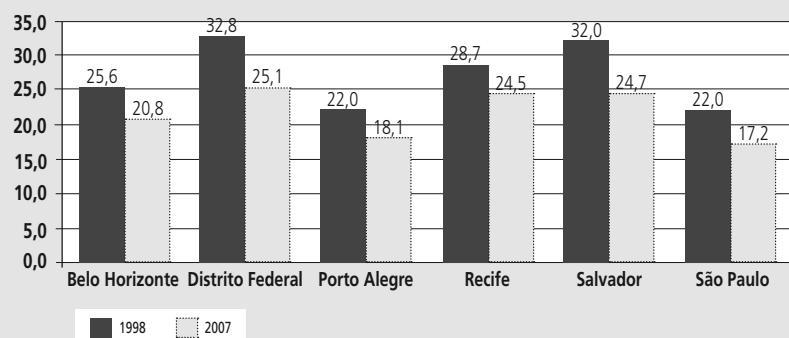
Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Na comparação com o período inicial da série de informações estudadas, a proporção de inativos entre os jovens das regiões metropolitanas experimentou intenso decréscimo. No Distrito Federal, por exemplo, o percentual de inativos, que representava 32,8% da população jovem em 1998, caiu para 30,2%, em 2002, e ficou em 25,1%, em 2007. Movimento de intensidade similar foi visto em Salvador, que no final da última década mantinha inativos 32,0% de seus jovens, percentual que decresceu para 24,7%, em 2007. Mesmo na área metropolitana de Porto Alegre, em que os níveis de inatividade da juventude têm se apresentado mais estáveis, a proporção de jovens não produtivos sofreu redução de 22,0% para 18,1% no período analisado (Gráfico 11).

GRÁFICO 11

**Proporção de jovens de 16 a 24 anos na população inativa total
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998 e 2007 (em %)**



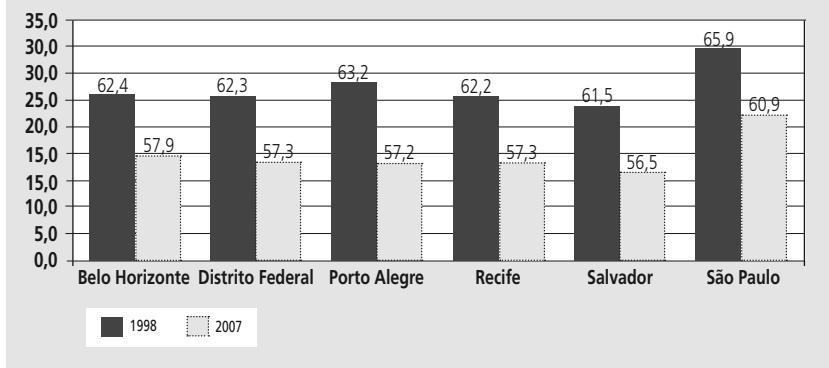
Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

As estatísticas da PED mostram ainda que as mulheres diminuíram a participação na composição da população inativa jovem. No conjunto das áreas metropolitanas, o declínio da proporção das mulheres entre os inativos ocorreu em paralelo à expansão da participação destas entre os jovens desempregados. Na Grande Salvador, por exemplo, enquanto a proporção de mulheres perde representatividade (- 4,9 pontos percentuais) no grupo dos inativos, sua participação aumenta entre os desempregados (4,5 pontos percentuais) e se reduz para os ocupados jovens (-1,0 ponto percentual). Em resumo, a grave situação de desemprego de parcelas importantes do contingente de jovens nos mercados de trabalho metropolitanos é ainda mais crítica para as mulheres, em função da sua participação majoritária no contingente de desempregados jovens, e seu crescimento no período de análise.

GRÁFICO 12

**Proporção de mulheres na população inativa jovem de 16 a 24 anos
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998 e 2007 (em %)**



Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Capítulo 3

Entre a escola e o trabalho: as condições da inserção produtiva juvenil

A análise das condições de inserção dos jovens no mercado de trabalho requer o exame cuidadoso das dinâmicas da demanda e oferta de trabalho desta parcela da população. A oferta de trabalhadores numa economia é determinada pelo tamanho da população ou mais especificamente pelos efeitos demográficos de fecundidade, mortalidade e migração. Enquanto sua estrutura etária e de sexo, outro fator relevante na análise da oferta de trabalho, é influenciada por fatores econômicos, sociais e culturais que podem restringir ou potencializar a “atratividade” do mercado de trabalho para os jovens diante de outras alternativas disponíveis. Desta forma, a taxa de participação dos jovens é influenciada pela dinâmica demográfica, associada à união de fatores econômicos, sociais e culturais da localidade.

Pelo lado da oferta, percebe-se que a idade influencia de maneira importante a escolha pela inserção no mercado de trabalho. A maior disponibilidade da força de trabalho dos adolescentes está condicionada, em grande medida, à decisão familiar diante de fatores como pobreza ou impossibilidade de acesso à educação, ou inficiência do sistema educacional (BARROS e MENDONÇA, 1991; MADEIRA, 1986, 1993, 1998). Os adolescentes pobres, em geral, não têm a perspectiva de usufruir os benefícios da educação adquirida por mais tempo, seja pelas condições socioeconômicas ou deficiências do sistema educacional ao qual têm acesso (SABÓIA, 1998).

Já para os jovens adultos cresce a importância das variáveis individuais na decisão de oferta de trabalho. Os fatores que determinam a incorporação dos jovens adultos ao mercado de trabalho estão mais associados aos mecanismos de atração deste mercado, bem como uma maior autonomia nas decisões próprias do consumo (RAMA, 1986). Para Madeira (1993, 1998), o elemento decisivo para a entrada do jovem no mundo do trabalho é a existência de um mercado apropriado à incorporação desse contingente específico.

co de mão-de-obra. Quanto maior a idade do jovem, mais evidentes são os elementos de atração do mercado de trabalho, particularmente aqueles que se referem à demanda de mão-de-obra pelas empresas.

Do ponto de vista da empresa, os riscos inerentes à contratação do jovem, notadamente aqueles relacionados à falta de experiência profissional, ao comprometimento com o trabalho, à capacidade de produção e de adaptação a rotinas, tornam-se menores com a maior idade. De outro lado, as empresas estão cada vez menos dependentes de mão-de-obra e demandantes de maior capacitação e experiência profissional de jovens, muitas vezes, em busca da primeira experiência de emprego.

As alterações na estrutura da produção e na demanda por trabalho nas últimas décadas modificaram as condições em que se dá a oferta de trabalho, bem como as escolhas e estratégias de ingresso da população jovem na atividade produtiva. As exigências cada vez maiores do mercado de trabalho em relação à qualificação estão contribuindo para uma procura por maior escolaridade entre os jovens. Como consequência, acredita-se que muitos desses jovens tenham alterado suas estratégias de inserção, ficando mais tempo na escola ou retornando aos ambientes de formação e profissionalização para ampliarem as chances de encontrar um posto de trabalho em um mercado de trabalho cada vez mais seletivo.

Como será visto adiante, conforme os dados da PED, o aumento das exigências no nível de escolaridade e o aumento da permanência na escola induzem à simultaneidade entre as atividades escolares e do mercado de trabalho para os jovens adultos. Para os adolescentes, entretanto, na medida em que a possibilidade de “escolha” dos empregadores se alarga, aumenta a dificuldade de inserção no mercado de trabalho desta parcela da população. Em outras palavras, a demanda por trabalhadores é satisfeita com a oferta de trabalhadores mais qualificados e com maior idade, havendo, portanto, uma substituição da mão-de-obra dos trabalhadores adolescentes por aquela disponibilizada pelos jovens adultos. Desta forma, diante das dificuldades de ingresso na força de trabalho, os adolescentes têm “optado” por permanecer fora do mercado de trabalho em um primeiro momento, para depois, mais preparados, voltar a pressioná-lo.

ENGAJAMENTO PRODUTIVO DA JUVENTUDE: OS DIFERENCIAIS DAS TAXAS DE PARTICIPAÇÃO SEGUNDO OS GRUPOS ETÁRIOS, SEXO E COR

A análise da taxa de participação específica por grupos de idade informa que o percentual dos jovens que pressionam o mercado de tra-

lho nas áreas metropolitanas pesquisadas era equivalente à observada para o conjunto da população de mais de 16 anos. Em 2007, a intensidade de engajamento produtivo da juventude, inclusive, prevaleceu sobre a dos segmentos de idade mais avançada, exceção apenas nas metrópoles nordestinas.

Na Região Metropolitana de São Paulo, por exemplo, a taxa de participação dos jovens era de 76,4% em 2007, enquanto para o total da população de 16 anos e mais, a atividade caia para 70,2%. Com o exame de dados mais segmentados por faixa etária, esta discrepância se acentua. Observa-se que 83,3% dos jovens de 18 a 24 anos estavam inseridos no mercado de trabalho. Já entre os adultos com idade acima de 25 anos eram economicamente ativos apenas 68,5% dos indivíduos.

Considerando o conjunto de regiões estudadas, destacam-se, com as maiores proporções de jovens de 16 a 24 anos na força de trabalho, a Região Metropolitana de São Paulo e o Distrito Federal (72,5%), enquanto as áreas metropolitanas de Salvador e Recife apresentaram as mais baixas taxas de participação produtiva para esta faixa etária: 66,7% e, 54,8%, respectivamente. Com exceção da Região Metropolitana de Recife, também se nota que, em todas as demais áreas investigadas, a participação dos jovens com idade entre 18 e 24 anos superou a identificada para a população com mais de 25 anos (Tabela 16).

TABELA 16
Taxas de participação da população com 16 anos e mais segundo idade
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2007

Regiões Metropolitanas	Total (16 anos e mais)	Jovens				(em %)
		16 a 24 anos	16 e 17 anos	18 a 24 anos	25 anos e mais	
Belo Horizonte	67,5	69,9	40,9	77,3	66,8	
Distrito Federal	73,1	72,5	42,4	79,9	73,3	
Porto Alegre	63,8	68,4	33,8	77,2	62,6	
Recife	58,1	54,8	20,2	64,2	59,0	
Salvador	68,2	66,7	30,5	74,2	68,6	
São Paulo	70,2	76,4	49,1	83,3	68,5	

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Em 2007, as taxas de atividade dos rapazes foram superiores às das moças em todas as regiões metropolitanas analisadas, principalmente no grupo etário de 18 a 24 anos. Neste segmento, dos jovens adultos, a taxa de participação masculina guarda uma diferença de, em média, 10 pontos percentuais em relação à feminina.

Isso ocorre por ainda recair com maior intensidade sobre os homens jovens, do que sobre as mulheres, a pressão para antecipar características próprias da vida adulta, assumindo tarefas para as quais homens com menos de 24 anos não estão, necessariamente, preparados para desempenhar. Como consequência, esses jovens buscam participar da força de trabalho de forma exclusiva, ou, diante das exigências relativas ao aumento da escolaridade do trabalhador, modificam a alocação de seu tempo, passando a conciliar o trabalho/procura de trabalho com o estudo.

TABELA 17
Taxas de participação da população jovem de 16 a 24 anos, por grupos de idade e sexo
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2007

(em %)

Regiões Metropolitanas	Jovens								
	16 a 24 anos			16 e 17 anos			18 a 24 anos		
	Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens
Belo Horizonte	69,9	66,1	74,0	40,9	39,8	41,8	77,3	72,5	82,6
Distrito Federal	72,5	70,1	75,3	42,4	41,6	43,2	79,9	76,8	83,5
Porto Alegre	68,4	64,2	72,7	33,8	32,5	35,1	77,2	72,0	82,5
Recife	54,8	49,0	60,8	20,2	19,0	21,3	64,2	56,6	72,3
Salvador	66,7	63,3	70,4	30,5	28,7	32,3	74,2	70,1	78,6
São Paulo	76,4	71,9	81,1	49,1	47,4	50,8	83,3	78,0	88,9

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

No que se refere ao recorte por cor verifica-se que o grupo denominado jovens não é homogêneo. Uns, notadamente os jovens negros, enfrentam maiores dificuldades que outros. A taxa de participação dos jovens negros é sempre superior à dos não-negros, em qualquer faixa etária, particularmente naquela de 16 e 17 anos, cuja menor idade ou baixa qualificação são determinantes de uma inserção mais precária e instável.

Em 2007, a forte presença dos adolescentes negros no mercado de trabalho é percebida nas áreas metropolitanas de São Paulo (52,9%), Belo Horizonte (46,4%) e no Distrito Federal (46,0%). Chama a atenção a Região Metropolitana de Salvador, onde a taxa de participação dos adolescentes negros, em 1998, apresentava uma diferença de 18,8 pontos percentuais quando comparadas com a dos não-negros: 45,0% e 26,2%, respectivamente (Tabela 18).

Estes resultados demonstram que para o adolescente negro são impostas tarefas e responsabilidades compatíveis com a inserção no mercado de trabalho para o provimento parcial ou total do seu sustento e, em muitos casos, da sua família. Como será visto adiante, a oferta da mão-de-obra do adolescente negro no mercado de trabalho depende menos do perfil da de-

manda por trabalho e mais da necessidade de garantia da sobrevivência. Como o potencial de inserção na força de trabalho tende a ser proporcional à qualificação profissional adquirida anteriormente no sistema educacional, a entrada precoce no mercado de trabalho acaba por conformar o desemprego ou a precariedade no exercício da atividade laboral como um traço definidor da inserção do adolescente negro na PEA.

A presença dos negros no conjunto da PEA juvenil é marcada pelo mesmo padrão de desigualdade. A Região Metropolitana de São Paulo (77,9%), o Distrito Federal (75,0%) e a área metropolitana de Belo Horizonte (73,4%) registraram a maior participação dos jovens negros inseridos na força de trabalho como ocupados ou desempregados. As maiores discrepâncias entre as taxas de atividade dos jovens negros e não-negros foram encontradas em Belo Horizonte e Salvador, regiões em que o diferencial observado para este indicador situava-se em torno de 8 pontos percentuais. Nestas duas regiões, enquanto 73,4% e 67,7% dos indivíduos negros estavam no mercado de trabalho, respectivamente, este percentual caia para 65,4% e 60,0% dos não-negros (Tabela 18).

TABELA 18
Taxas de participação da população jovem de 16 a 24 anos, por grupos de idade e cor
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2007

Regiões Metropolitanas	Jovens									(em %)	
	16 a 24 anos			16 e 17 anos			18 a 24 anos				
	Total	Negros	Não-negros	Total	Negros	Não-negros	Total	Negros	Não-negros		
Belo Horizonte	69,9	73,4	65,4	40,9	46,4	32,6	77,3	80,8	73,0		
Distrito Federal	72,5	75,0	67,9	42,4	46,0	35,3	79,9	82,2	75,6		
Porto Alegre	68,4	68,0	68,4	33,8	33,4	33,9	77,2	78,3	77,0		
Recife	54,8	54,7	55,1	20,2	20,5	18,9	64,2	64,4	63,4		
Salvador	66,7	67,7	60,0	30,5	31,8	(1)	74,2	75,2	67,4		
São Paulo	76,4	77,9	75,5	49,1	52,9	46,6	83,3	84,5	82,6		

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Amostra não comporta desagregação para esta categoria

Os dados do Sistema PED demonstram a persistência da atividade econômica dos jovens negros, independente do grupo etário analisado. A condição de inativo (pessoas que não trabalham e não estão à procura de trabalho) parece ser um privilégio vivenciado por uma minoria dos jovens, de acordo com as condições socioeconômicas das famílias. De modo geral, os indicadores sugerem que os jovens em melhores condições econômicas ficam mais tempo na escola e entram mais tarde no mercado de trabalho.

A análise da taxa de participação feminina vem reafirmar a urgência da inserção dos negros no mercado de trabalho, seja como indivíduos à procura de trabalho ou como ocupados. No Distrito Federal, 72,9% das jovens negras compunham a PEA em 2007, contra 64,9% das pessoas não-negras na mesma faixa etária. A taxa de participação das jovens negras é superior na maioria das áreas metropolitanas investigadas.

TABELA 19
Taxas de participação da população jovem de 16 a 24 anos, por sexo e cor
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2007

(em %)

Regiões Metropolitanas	Jovens					
	Mulheres			Homens		
	Total	Negros	Não-negros	Total	Negros	Não-negros
Belo Horizonte	66,1	69,2	62,1	74,0	77,8	68,9
Distrito Federal	70,1	72,9	64,9	75,3	77,3	71,5
Porto Alegre	64,2	61,6	64,6	72,7	74,7	72,3
Recife	49,0	48,5	50,3	60,8	60,8	60,6
Salvador	63,3	64,2	57,6	70,4	71,5	62,7
São Paulo	71,9	72,7	71,4	81,1	83,1	79,8

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Evolução das taxas de participação dos jovens metropolitanos

No período compreendido entre 1998 e 2007, a População Economicamente Ativa (PEA) jovem do espaço metropolitano cresceu moderadamente, ao ritmo médio de 0,6% a.a., excedendo, mesmo assim a intensidade desenhada pela trajetória da População em Idade Ativa (PIA) – 0,3% a.a. A evolução da taxa de participação juvenil – indicador que expressa a proporção da juventude efetivamente engajada no mercado de trabalho - expressou essa tendência, elevando-se em quase todas as metrópoles estudadas.

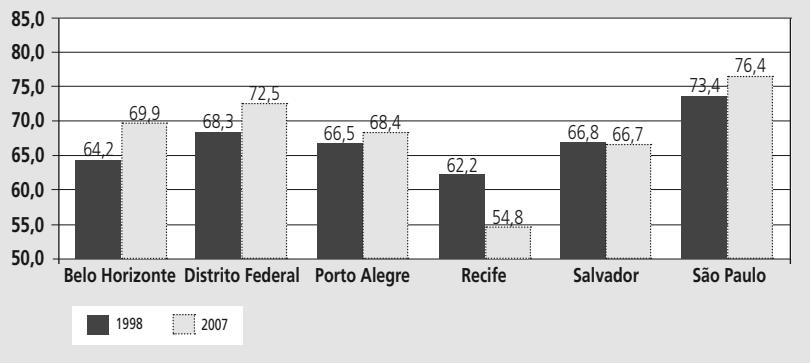
Identificados os diferentes contextos urbanos, fica claro que os níveis de incorporação dos jovens ao mercado de trabalho são diferenciados. De fato, as taxas de participação dos jovens são mais elevadas no Distrito Federal e nas áreas metropolitanas do Sudeste do país, quando comparadas com o Nordeste. Adicionalmente, os dados apurados pelo Sistema PED indicam que os vários patamares encontrados para a inserção produtiva dos jovens, no último ano, decorrem de trajetórias regionais distintas.

Entre as regiões em que a incorporação de jovens ao mercado de trabalho se intensificou, o aumento mais expressivo ocorreu em Belo

Horizonte, onde as taxas de participação juvenil passaram de 64,2%, em 1998, para 69,9%, em 2007, seguido pelo Distrito Federal, cujo percentual de jovens economicamente ativos sofreu incremento de 68,3% para 72,5% no período (Gráfico 13).

GRÁFICO 13

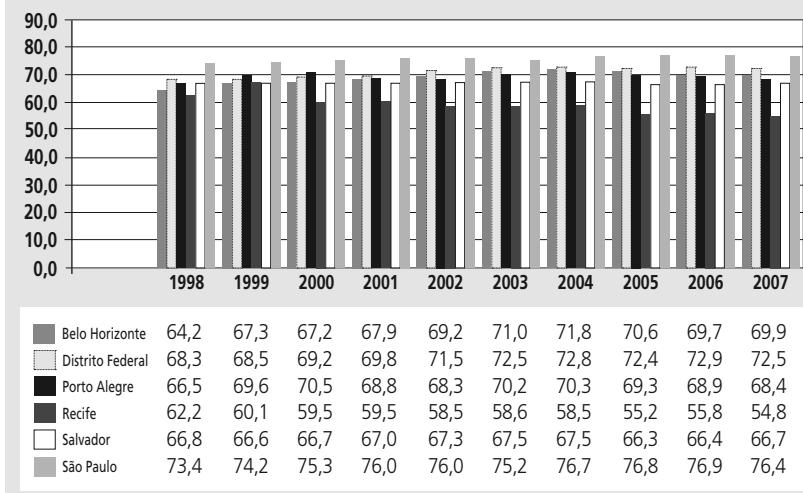
**Taxas de participação da população jovem de 16 a 24 anos
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998 e 2007 (em %)**



Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

Ao revés, percebe-se um ritmo mais lento de ingresso na força de trabalho para os jovens residentes na grande Salvador, o que fez estabilizar a pressão juvenil sobre o mercado de trabalho em 66,7%. A Região Metropolitana do Recife, por sua vez, foi a única a registrar declínio na atividade juvenil, que decresceu de 62,2 para 54,8%, indicando que pouco mais da metade dos jovens residentes na metrópole participa da geração da riqueza local. Esta situação sugere que nestas regiões são reproduzidas condições ainda mais desfavoráveis no que tange às oportunidades de ingresso deste grupo populacional no mercado de trabalho.

Assim como os adultos, os jovens são incorporados à força de trabalho por influência das oscilações próprias da dinâmica do mercado de trabalho em resposta à conjuntura macroeconômica. A análise das informações anuais do Sistema PED indica que a incorporação dos jovens ao mercado de trabalho foi crescente até a primeira metade dos anos 2000, alcançando seu ponto máximo em 2004. A partir dos dados da PED apresentados no Gráfico 14, pode-se concluir que, desde então, a pressão dos jovens sobre o mercado de trabalho se arrefece na maioria das regiões metropolitanas analisadas, embora as taxas de participação juvenil se mantenham maior que aquelas registradas no final da década de 1990.

GRÁFICO 14
**Taxas de participação da população jovem de 16 a 24 anos
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998 a 2007 (em %)**


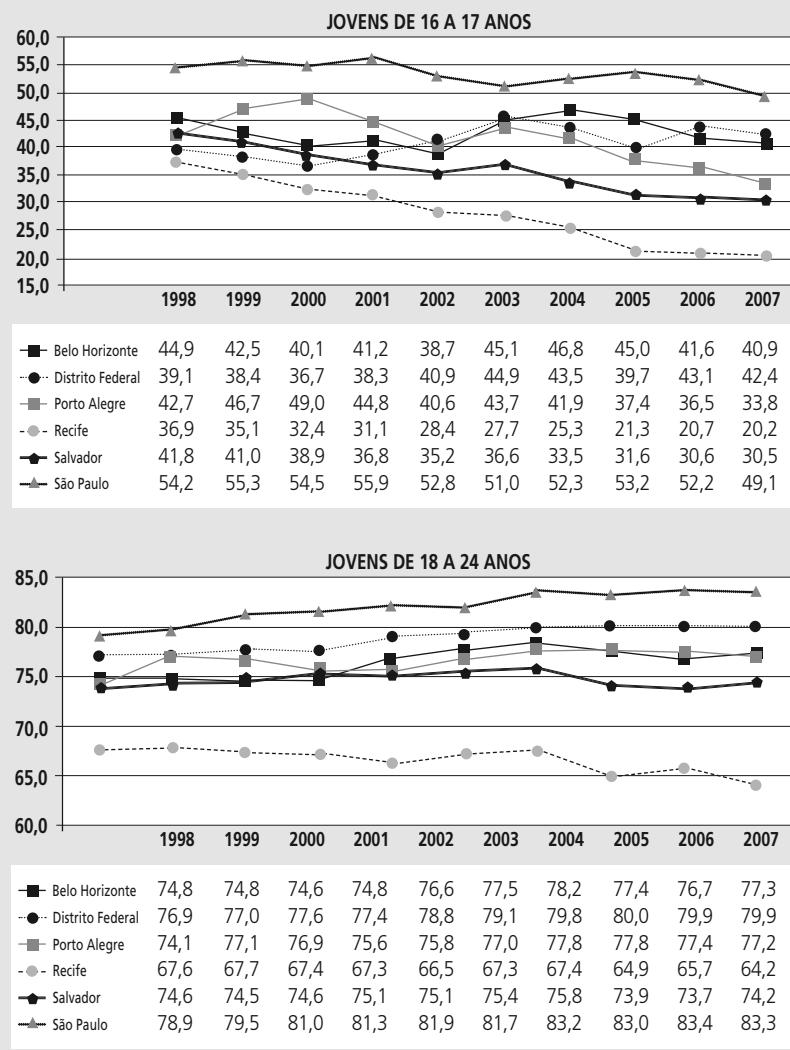
Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Conforme as faixas etárias, o mercado de trabalho apresentou movimentos distintos no período analisado. Entre 1998 e 2007, o trabalho de adolescentes e jovens foi afetado pela conjuntura econômica de forma diferenciada, segundo a faixa etária e o contexto regional. Os dados da PED revelam que houve perda na participação dos adolescentes no mercado de trabalho em todas as regiões metropolitanas, embora com intensidades distintas, enquanto para os jovens adultos ocorreu importante incremento da atividade. Neste sentido, nota-se, uma importante alteração na composição dessas taxas entre os diferentes grupos etários, com um distanciamento das curvas de participação.

Essas diferenças na trajetória da participação dos jovens no mercado de trabalho se fazem sentir de forma mais intensa quando comparadas às regiões pesquisadas. A diminuição da taxa de participação dos jovens de 16 e 17 anos, que em 2007 ficou sempre aquém dos 50,0%, foi mais acentuada nas metrópoles do Nordeste, com destaque especial para a Região Metropolitana de Recife, que apresentou um significativo decréscimo: passou de 36,9% em 1998, para 20,9% em 2007, com a saída de 29 mil pessoas desta faixa etária do mercado de trabalho (Gráfico 15).

Os movimentos de elevação observados na taxa de participação dos jovens com idade entre 18 a 24 anos foram menos intensos que os de retração

GRÁFICO 15**Taxas de participação da população jovem segundo idade
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998 a 2007 (em %)**

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

vistos entre os adolescentes, todavia foram praticamente generalizados e atingiram maior expressão em São Paulo, cujo percentual da juventude ativa nesta faixa etária cresceu de 77,3% para 83,3% no período em estudo. Este padrão foi seguido de perto pela área metropolitana de Porto Alegre e pelo

Distrito Federal, localidades em que a incorporação de jovens adultos ao mercado de trabalho cresceu em 3,1 pp e 3,0 pp , respectivamente.

Segundo o sexo, o decréscimo da PEA adolescente entre 1998 e 2007 para a maioria das regiões pesquisadas resultou tanto da menor participação de homens quanto de mulheres, apesar de entre os homens esta ter sido bem maior. Observa-se a queda da taxa de participação entre os homens para todas as regiões metropolitanas nos anos considerados, com exceção do Distrito Federal. Destaca-se a Região Metropolitana de Recife: nessa área, ocorre a maior redução da taxa de participação entre os adolescentes homens, que passa de 68,9%, em 1998, para 60,8% em 2007. Em suma, destaca-se a população masculina de 16 e 17 anos como a principal responsável por esse movimento, com uma queda de 20,4 pontos percentuais na atividade na Grande Recife (Tabela 20).

TABELA 20
Taxas de participação da população jovem de 16 a 24 anos por grupos de idade e sexo
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998 e 2007

(em %)

Regiões Metropolitanas e período	Jovens								
	16 a 24 anos			16 e 17 anos			18 a 24 anos		
	Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens
Belo Horizonte									
1998	67,7	60,0	75,6	44,9	39,5	50,6	74,8	66,5	83,2
2007	69,9	66,1	74,0	40,9	39,8	41,8	77,3	72,5	82,6
Distrito Federal									
1998	68,3	63,6	74,0	39,1	37,8	40,7	76,9	71,1	83,7
2007	72,5	70,1	75,3	42,4	41,6	43,2	79,9	76,8	83,5
Porto Alegre									
1998	66,5	58,1	75,1	42,7	37,8	47,5	74,1	64,3	84,2
2007	68,4	64,2	72,7	33,8	32,5	35,1	77,2	72,0	82,5
Recife									
1998	60,2	52,1	68,9	36,9	32,2	41,7	67,6	58,2	77,9
2007	54,8	49,0	60,8	20,2	19,0	21,3	64,2	56,6	72,3
Salvador									
1998	66,8	60,9	73,3	41,8	36,9	47,0	74,6	68,2	81,8
2007	66,7	63,3	70,4	30,5	28,7	32,3	74,2	70,1	78,6
São Paulo									
1998	73,4	65,5	81,5	54,2	47,9	60,8	78,9	70,6	87,5
2007	76,4	71,9	81,1	49,1	47,4	50,8	83,3	78,0	88,9

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Na análise da participação dos jovens adultos – de 18 a 24 anos – , quando confrontado o comportamento dos homens e das mulheres, nota-se que o incremento da participação juvenil não foi maior em função da diminuição das taxas para os homens dessa faixa etária, uma vez que, entre as

mulheres, a taxa de participação juvenil teve melhor desempenho na maioria das metrópoles. Mais uma vez, a Região Metropolitana de Recife destacou-se: foi a única a apresentar queda da participação juvenil feminina entre 1998 e 2007, que passou de 58,2% para 56,6%. Este comportamento destoou do observado nas outras regiões, cujos acréscimos de contingente feminino na atividade econômica fizeram as taxas de participação das jovens mulheres variar entre 1,9 ponto percentual (Salvador) e 7,7 pontos percentuais (Porto Alegre) nesse período. Entre as jovens, cumpre ressaltar que o aumento da taxa de participação da juventude na Região Metropolitana de Porto Alegre foi estimulado pelas mulheres com idades entre 18 e 24 anos, que passaram de 64,3%, em 1998, para 72%, em 2007.

Na Tabela 21 observam-se as taxas de participação dos jovens homens e mulheres segundo a cor. O crescimento da presença das jovens na atividade econômica no período de 1998 a 2007 pode ser atribuído às negras e não-negras. Assim, ao contrário do que se percebe para os jovens do sexo masculino, conclui-se que as mulheres jovens, mais que as mulheres adultas, e, independente da cor, permanecem e continuam a ingressar no mercado de trabalho.

TABELA 21
Taxas de participação da população jovem de 16 a 24 anos por sexo e cor
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998 e 2007

(em %)

Regiões Metropolitanas e período	Jovens					
	16 a 24 anos					
	Mulheres		Homens			
	Total	Negros	Não-negros	Total	Negros	Não-negros
Belo Horizonte						
1998	60,0	63,5	56,3	75,6	78,1	72,5
2007	66,1	69,2	62,1	74,0	77,8	68,9
Distrito Federal						
1998	63,6	64,8	61,3	74,0	75,2	71,6
2007	70,1	72,9	64,9	75,3	77,3	71,5
Porto Alegre						
1998	58,1	56,5	58,3	75,1	73,6	75,3
2007	64,2	61,6	64,6	72,7	74,7	72,3
Recife						
1998	52,1	52,3	51,7	68,9	70,0	66,8
2007	49,0	48,5	50,3	60,8	60,8	60,6
Salvador						
1998	60,9	62,5	53,7	73,3	75,4	63,4
2007	63,3	64,2	57,6	70,4	71,5	62,7
São Paulo						
1998	65,5	65,0	65,7	81,5	83,1	80,6
2007	71,9	72,7	71,4	81,1	83,1	79,8

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

JOVENS E SUA RELAÇÃO COM O MUNDO DO TRABALHO E A ESCOLA

Um dos fatores mais importantes da análise da inserção do jovem no mercado de trabalho é a relação entre a escola e o trabalho. Barros e Mendonça (1991) afirmam que a compulsoriedade e a atratividade da escola tendem a se reduzir com a idade. Ao mesmo tempo em que a inserção no mercado de trabalho resulta na diminuição da dedicação aos estudos, determinada não apenas pela natureza do trabalho dos jovens, que na maioria das vezes conjugam longas jornadas com freqüência à escola, a precariedade do ensino oferecido aos mais pobres também representa barreira à continuidade dos estudos.

Mesmo que os jovens pertencentes às classes sociais mais carentes tenham acesso à escola, percebe-se uma descontinuidade entre as expectativas juvenis e o tipo de formação propiciada pela escola (MADEIRA, 1986, 1993, 1998; SABÓIA, 1998). A deterioração do sistema público de ensino põe em xeque a capacidade de a escola atender às aspirações destes jovens. Para as autoras citadas, os jovens tendem a identificar o espaço escolar como desinteressante, uma vez que eles não se reconhecem numa instituição onde suas culturas não podem se realizar, nem tampouco podem se fazer presentes. A escola não é considerada pelos jovens um espaço de expressão ao mesmo tempo em que o ensino público não é reconhecido como um instrumento capaz de criar as condições necessárias para a inserção no mercado de trabalho, uma vez que as informações acerca da baixa qualidade da formação oferecida às camadas populares são interpretadas pela sociedade e traduzidas em inserções diferenciadas no mercado de trabalho.

A demanda do mercado de trabalho por maior educação acaba por agir como um mecanismo de exclusão para aqueles que não contam com ela. Em outras palavras, uma vez que o mercado tem requerido a finalização do ensino médio como pré-requisito mínimo para acesso e permanência no mercado de trabalho, uma parte relevante dos jovens metropolitanos persiste nos estudos, a despeito das dificuldades de conciliação de escola e trabalho e dos resultados incertos relacionados à formação.

Em suma, os jovens metropolitanos estão cercados por um ambiente desanimador, sem perspectivas de uma boa escolaridade (baixa qualidade da infra-estrutura educativa e da docência, defasagem dos currículos escolares) e muito menos de um bom emprego e consequentemente de melhora de vida.

Diante deste contexto, a análise do modo como os jovens alocam o tempo entre as atividades de trabalho e estudo, uma ou outra exclusivamente, ambas simultaneamente ou nem uma nem outra, é realizada em seguida.

ESCOLA E PARTICIPAÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO

Dos 6,3 milhões de jovens residentes nas regiões metropolitanas pesquisadas pela PED, em 2007, 1,2 milhões (18,5%) dedicavam-se exclusivamente aos estudos, 1,6 milhões conjugavam escola e inserção no mercado de trabalho, 2,9 milhões apenas trabalhavam ou estavam desempregados e 640 mil, mais precisamente 10,3% destes jovens, não trabalhavam nem estudavam.

Considerando-se as diferenças regionais, entre 14,0% (São Paulo) e 29,2% (Recife) dos jovens de 16 a 24 anos tinham como única atividade a freqüência à escola. Esses percentuais conviviam, no caso da metrópole paulistana, com a elevada taxa de participação da juventude no mercado de trabalho (76,4%), o que sugere a limitação do tempo disponível para dedicação exclusiva dos jovens aos estudos. Aliem-se a isso as jornadas de trabalho extenuantes enfrentadas por este grupo populacional. O trabalho dos jovens na metrópole paulista ocupa uma jornada semanal de 41 horas semanais, bem próxima daquela jornada de trabalho imposta para os adultos (43 horas/semana). O fato de trabalharem em jornadas de trabalho iguais as dos adultos, em tempo integral, denota o caráter sofrido do cotidiano de trabalho dos jovens.

Em 2007, entre 19,4% dos jovens, em Recife, e 28,2% , no Distrito Federal, aderiram à opção de trabalhar ou procurar trabalho concomitantemente ao estudo. Nas demais regiões investigadas, essa inserção simultânea no mercado de trabalho e no sistema de ensino absorvia, aproximadamente, ¼ da população jovem total.

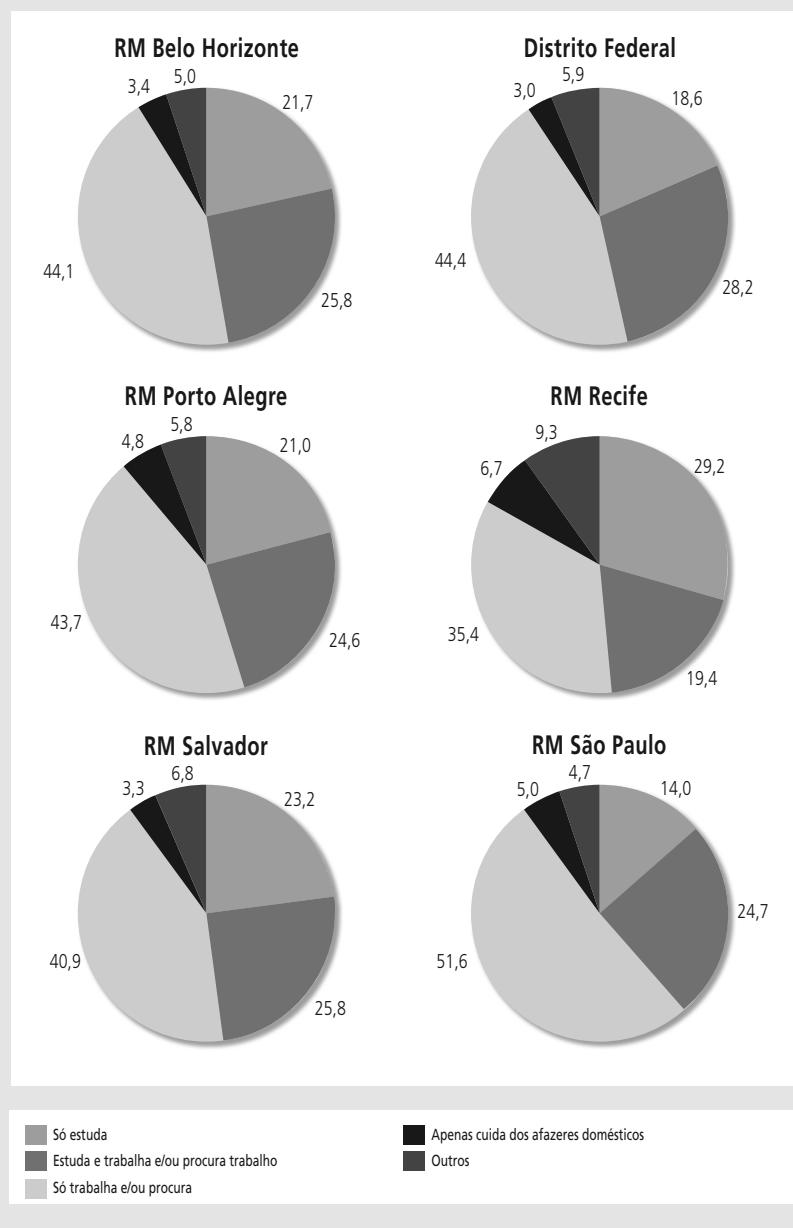
Já a opção pelo mercado de trabalho em detrimento da vida escolar era a realidade para mais da metade (51,6%) dos jovens na mesma faixa etária na Região Metropolitana de São Paulo. Com exceção da Região Metropolitana de Recife (35,4%), a inserção do jovem no mercado de trabalho em detrimento da escola também era elevada nas outras localidades, superando 40% do total de jovens ali residentes: Distrito Federal (44,4%), Belo Horizonte (44,1%) e Salvador (40,9%).

Estes resultados chamam a atenção para os graves prejuízos a que estão sujeitos os jovens a partir da deserção escolar. Cabe mencionar que quanto maior o estoque de conhecimento de um trabalhador, maior será a sua capacidade produtiva, tornando a educação e seu prolongamento fator fundamental da determinação das suas condições futuras de inserção qualificada no mercado de trabalho e de sobrevivência.

Mais uma vez estão expostas as dificuldades enfrentadas pelo aluno trabalhador para dar continuidade aos seus estudos. A irregularidade da freqüência, associada à defasagem entre série ou curso freqüentado e a idade, e

GRÁFICO 16

Distribuição dos jovens de 16 a 24 anos, segundo situação de trabalho, estudo e procura de trabalho – Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2007 (em %)



Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

a posterior evasão escolar constituem um grave problema social que vem afetando os jovens em todas as regiões analisadas. A transição escola-trabalho se torna ainda mais relevante com a maior idade, ou seja, entre os jovens mais velhos. Associadas às dificuldades no processo de aprendizagem, incompatibilidade de horários (escola-trabalho) e falta de adaptação ao regime escolar, há, para os jovens adultos a maior importância relativa das variáveis de demanda de trabalho na determinação da taxa de ocupação destes em detrimento da escola. Como será visto adiante, a acumulação de todos estes fatores, pode levar a um abandono da escola mais frequente entre os jovens que entre os adolescentes.

Em Recife, 70,0% dos jovens de 16 e 17 anos dedicavam-se exclusivamente aos estudos, em Salvador, 63,0%, e em Porto Alegre, 57,1%. Na área metropolitana de Belo Horizonte e no Distrito Federal, esta proporção situava-se em torno de 50% e, em São Paulo, observava-se a menor proporção dos jovens cuja única atividade é a freqüência à escola (45,6%).

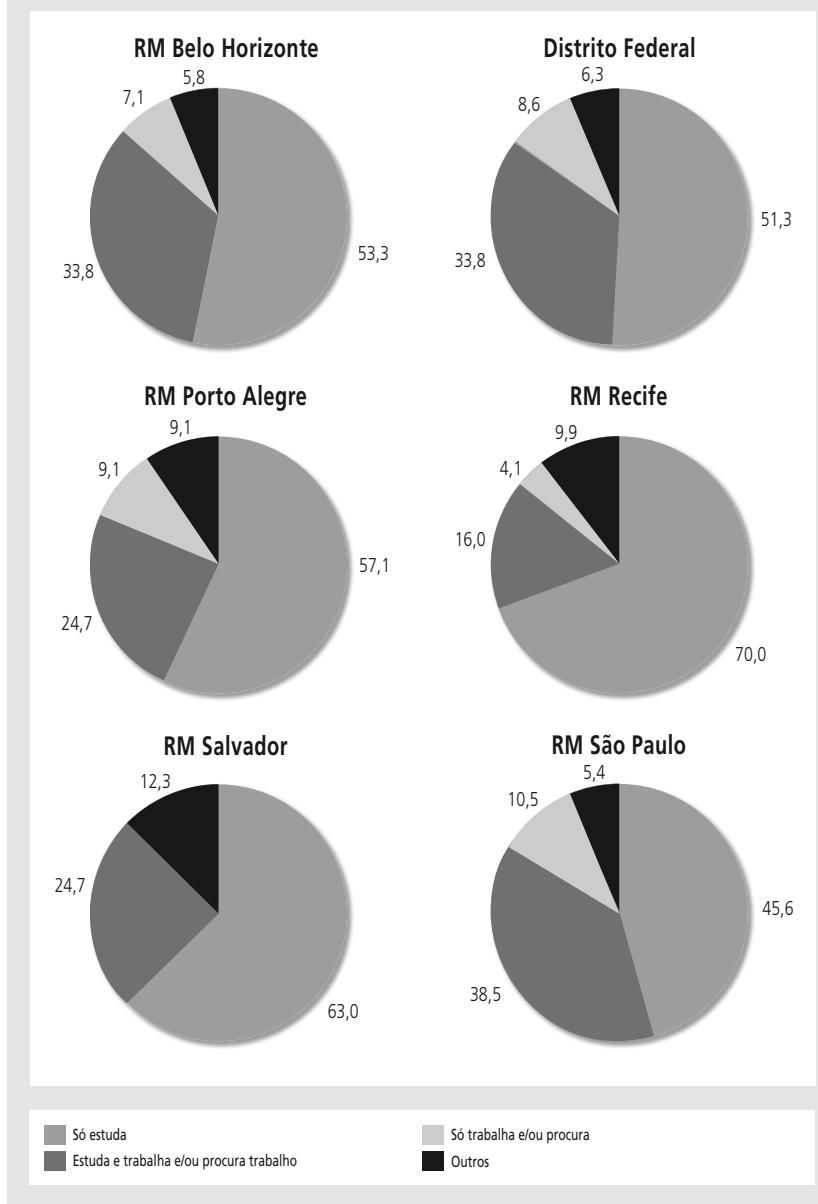
Na análise do Gráfico 21 verifica-se que a dedicação exclusiva aos estudos cai com a idade em todas as áreas metropolitanas analisadas. O acúmulo de trabalho e estudo é mais frequente entre os indivíduos com mais de 18 anos, pois o aumento da idade induz à simultaneidade entre as atividades escolares e do mercado de trabalho.

De fato, em quatro das seis regiões metropolitanas pesquisadas, mais da metade dos jovens de 18 a 24 anos já não freqüentava a escola e estava inserida no mercado de trabalho como ocupada ou desempregada: São Paulo (62,1%), Belo Horizonte (53,7%), Distrito Federal (53,1%) e Porto Alegre (52,6%). Aqui, mais uma vez os elementos de atração do mercado de trabalho parecem exercer papel fundamental na maior disponibilidade da mão-de-obra da população jovem. Dessa forma, do ponto de vista da demanda, destacam-se a estrutura e dinâmica do mercado de trabalho das regiões mais desenvolvidas do país, que possuem espaços apropriados à incorporação da força de trabalho da população jovem. Nas metrópoles nordestinas, a incorporação exclusiva dos jovens ao mercado de trabalho ocorre para um percentual menor dos jovens de 18 a 24 anos: 48,2% (Salvador) e 43,9% (Recife).

A partir dos resultados apresentados pode-se inferir que para os jovens adultos é mais reduzida a oportunidade de investimento em educação e formação profissional, seja em regime de dedicação exclusiva, seja na posição de estudante e ocupado/desempregado. Destaca-se que mesmo entre os jovens adultos, a inserção e permanência no sistema educacional é fundamental para a melhoria nas condições de sobrevivência destes indivíduos e de suas famílias, principalmente num país onde grande parcela da população encontra-se nos estratos mais baixos de renda.

GRÁFICO 17

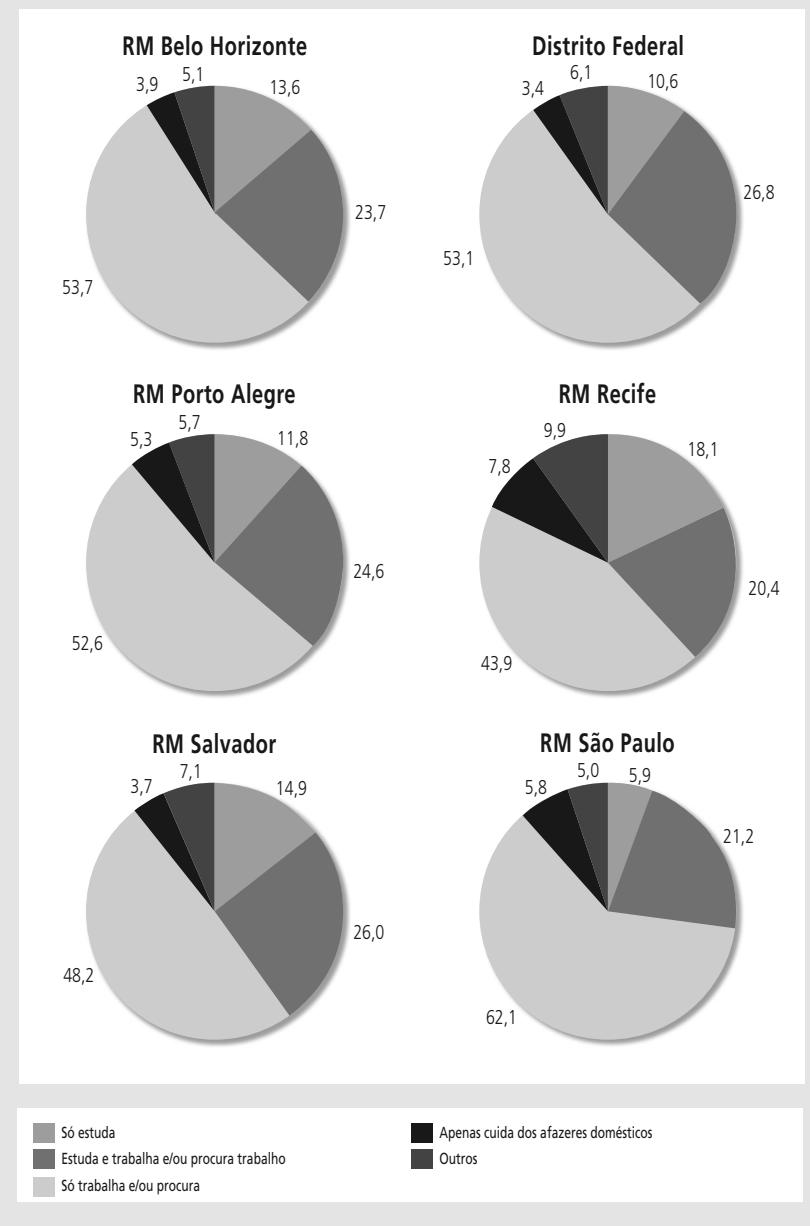
Distribuição dos adolescentes de 16 e 17 anos, segundo situação de trabalho, estudo e procura de trabalho – Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2007 (em %)



Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

GRÁFICO 18

Distribuição dos jovens adultos de 18 a 24 anos, segundo situação de trabalho, estudo e procura de trabalho – Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2007 (em %)



Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

Um último grupo importante a ser analisado quanto à relação escola trabalho é aquele constituído pelos jovens excluídos do sistema escolar e do mundo laboral. Na metrópole pernambucana, os jovens que não trabalhavam e nem estudavam compunham 16,0% do total da faixa etária de 16 a 24 anos. Ou seja, dos 632 mil jovens residentes na Região Metropolitana de Recife, em 2007, 101 mil dedicavam-se exclusivamente a atividades domésticas ou de outro tipo. Ainda considerando o grupo dos jovens que estão alijados do mercado de trabalho e do sistema de ensino, destacam-se as áreas metropolitanas de Porto Alegre (10,6%), Salvador (10,1%) e São Paulo (9,7%). O Distrito Federal e a Região Metropolitana de Belo Horizonte apresentaram os menores percentuais: 8,9% e 8,4%, respectivamente.

Neste contexto, embora os jovens nas regiões metropolitanas nordestinas estejam cada vez mais fora do mercado de trabalho, a escola não parece ser a escolha natural destes indivíduos. Esta é uma situação de alto risco para os jovens, já que os meios de sobrevivência na inatividade nem sempre estão desvinculados das formas ilegais de subsistência.

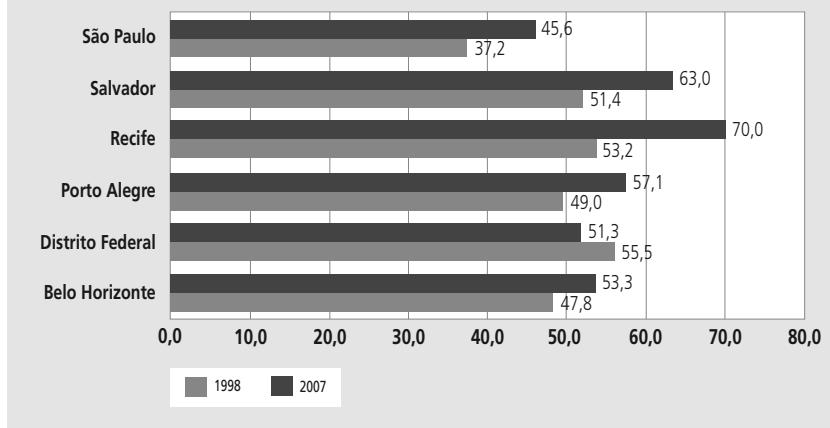
Esta situação é ainda mais dramática para a parcela dos jovens adultos. Na Região Metropolitana do Recife aproximadamente 18% dos jovens adultos não estavam nem no mercado de trabalho nem na escola. Considerando as demais áreas metropolitanas, a proporção desta população nestas mesmas condições varia de 9,0%, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, a 11,0%, na grande Porto Alegre. A vulnerabilidade destes jovens é entendida aqui como uma exposição potencial maior a riscos de diversas naturezas que implicam o enfrentamento de inúmeros desafios. Próximos de atingir a vida adulta, estes jovens não têm a possibilidade de assumir os papéis à maturidade associados: aquisição de formação profissional, inserção no mercado de trabalho e independência financeira.

Entre 1998 e 2007, destacam-se ainda algumas das transformações recentes que se observam entre os jovens, como o prolongamento do tempo passado na escola, entre os adolescentes, e aumento da transição para o mercado de trabalho em detrimento da escola, para os jovens adultos.

Desta forma, verificou-se uma evolução favorável da freqüência à escola para o jovem de 16 e 17 anos, na maioria das regiões metropolitanas pesquisadas, e, embora o crescimento da proporção de estudantes tenha ocorrido também para os jovens de 18 a 24 anos, ela foi mais intensa para os primeiros. Assim, na grande Recife e no caso dos adolescentes, o percentual daqueles que se dedicavam apenas aos estudos elevou-se de 53,2%, em 1998, para 70,0%, em 2007, enquanto para os indivíduos de 18 a 24 anos, esta proporção passou de 15,0% para 18,1%, nesses mesmos anos.

GRÁFICO 19

Distribuição dos adolescentes de 16 e 17 anos, segundo situação de freqüência exclusiva à escola – Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998 e 2007 (em %)



Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

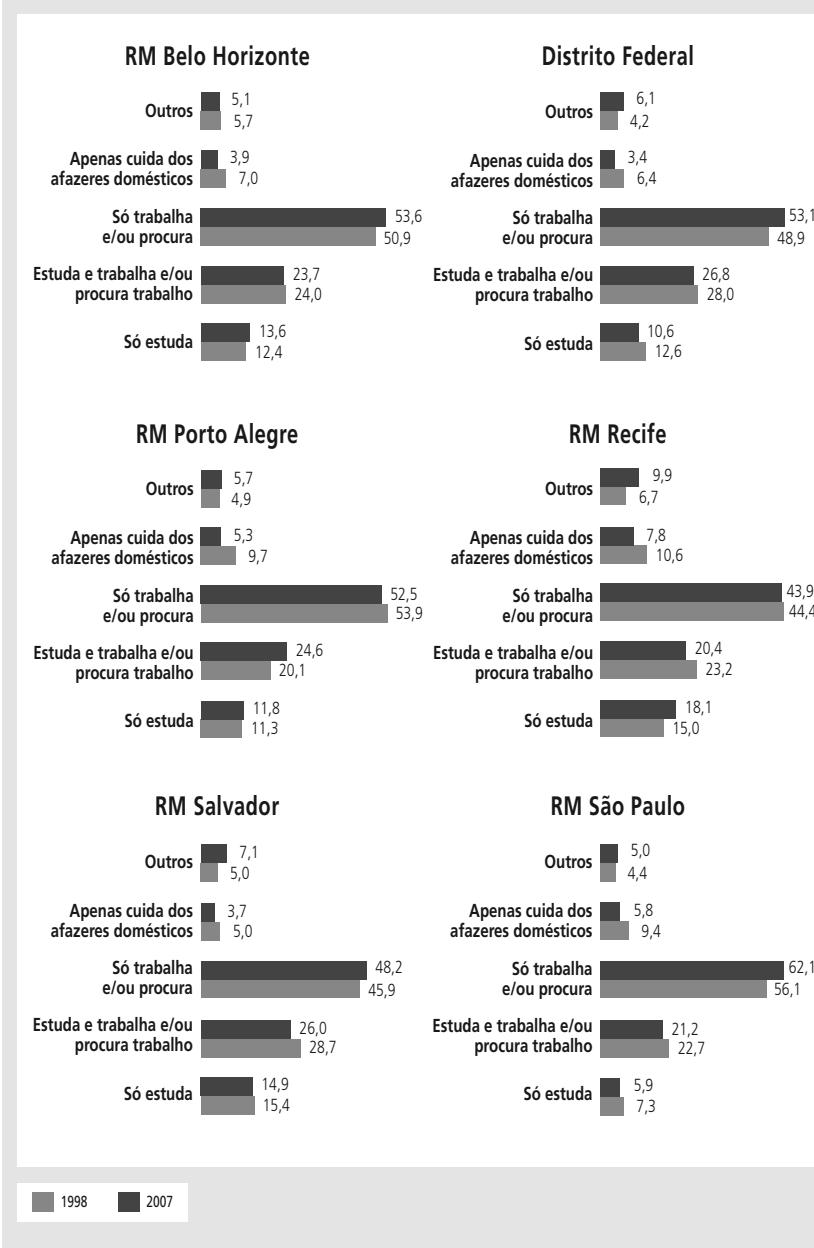
Elaboração: DIEESE

Como já descrito, para os jovens adultos, articular a educação e a atividade laboral nem sempre é possível. O número de jovens que apenas trabalha e ou/procura trabalho é bem maior que o de adolescentes. Conforme pode ser constado no Gráfico 20, a proporção de jovens de 18 a 24 que só trabalha e/ou procura trabalho elevou-se em quatro das seis regiões metropolitanas pesquisadas. Na metrópole paulista, esta proporção aumentou, entre 1998 e 2007, de 56,1% para 62,1%. Mesmo para os jovens adultos, a entrada no mercado de trabalho em detrimento da escola torna mais difícil a situação e mais precária sua inserção, o que pode ter consequências ao longo de toda a vida.

Por fim, cabe ressaltar que a parcela dos jovens dedicada aos serviços domésticos sofreu redução substancial, em todas as áreas metropolitanas investigadas pela PED, independente do grupo etário.

GRÁFICO 20

Evolução da distribuição dos jovens de 18 a 24 anos, segundo situação de trabalho, estudo e procura de trabalho – Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998 e 2007 (em %)



Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

A SITUAÇÃO EDUCACIONAL DOS JOVENS

Se o fluxo escolar fosse desenvolvido como o planejado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação brasileira, a população analisada neste estudo - adolescentes e jovens quase adultos - deveria ter completado o ensino fundamental, estar cursando o ensino médio ou algum curso universitário. Todavia, a realidade, aferida através das informações captadas pelo Sistema PED em domicílios de importantes regiões metropolitanas do país, é muito diversa da idealizada. Afinal, amplas parcelas desse contingente não apresentavam níveis educacionais condizentes com a idade e já participavam do mercado de trabalho, muitas vezes, em detrimento da escola.

Examinada segundo o nível de escolaridade, a distribuição regional da população jovem total mostra que, em 2007, 40,8% deste contingente possuíam instrução igual ou inferior ao ensino fundamental completo na Grande Recife. Esta situação alarmante, contudo, não é peculiar, pois o atraso da série em relação à idade do jovem também era bastante significativo nas demais áreas: na análise da metrópole paulista os indicadores são mais favoráveis, mas ainda assim 22,8% dos jovens tinham apenas o ensino fundamental na região mais desenvolvida do país.

TABELA 22
Distribuição da população jovem de 16 a 24 anos, segundo nível de instrução
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2007

(em %)

Nível de instrução	Jovens					
	16 a 24 anos					
	Belo Horizonte	Distrito Federal	Porto Alegre	Recife	Salvador	São Paulo
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Analfabeto	(1)	(1)	(1)	1,3	(1)	0,7
Ensino Fundamental Incompleto	12,8	16,9	18,2	28,1	21,4	11,1
Ensino Fundamental Completo	13,0	11,3	15,3	11,4	11,4	11,0
Ensino Médio Incompleto	22,3	21,1	20,0	19,6	20,2	21,6
Ensino Médio Completo	36,8	34,0	31,1	30,9	32,7	42,7
Ensino Superior Incompleto	11,7	12,3	12,6	7,6	11,4	9,7
Ensino Superior Completo	2,7	3,6	2,1	1,0	2,0	3,2

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) A amostra não comporta desagregação para esta categoria

Como foi visto anteriormente, na literatura especializada, destaca-se como principal empecilho para a ampliação do ensino nas camadas mais pobres da população a baixa qualidade da educação. Neste sentido, a inade-

quação do sistema escolar resulta em altos índices de repetência e evasão, diminuindo muito as chances de jovens pertencentes aos estratos de renda mais baixos da população alcançar os níveis de escolaridade exigidos pelas empresas. Uma das principais vertentes de análise é a avaliação de que a evasão precoce dos alunos adolescentes e jovens, assim como a defasagem série/idade é gerada internamente, no próprio sistema educativo (MADEIRA, 1993, 1998; SABÓIA, 1998).

Os dados de acesso ao ensino superior vêm confirmar a assertiva acima. Tornando novamente como parâmetro a idade, de acordo com o sistema educacional brasileiro, os jovens maiores de 18 anos deveriam estar freqüentando uma faculdade, mas os dados da PED revelaram que são poucos os jovens metropolitanos com acesso a um curso de nível superior: em 2007, entre 19,7% (Distrito Federal) e 10,9% (Recife) dos jovens de 18 a 24 anos estavam nesta condição.

Essa diferença é favorável em relação às mulheres, ao mesmo tempo em que é profundamente desvantajosa para os jovens negros. Assim, defasagem entre nível de ensino atinge níveis extremos entre os jovens do sexo masculino e negros, para todas as regiões metropolitanas analisadas. Na Região Metropolitana de Salvador, por exemplo, apenas 12,3% dos jovens negros tiveram acesso aos bancos escolares de uma faculdade, enquanto esta oportunidade foi dada a mais de 35,0% dos não-negros.

Os dados do Sistema PED nos anos de 1998 e 2007 mostram que, apesar da melhora dos indicadores da inserção dos jovens no sistema de ensino, não houve melhora suficiente dos níveis de escolaridade dos jovens negros capaz de responder às demandas desta parcela da população por mais educação. Em 2007, na Região Metropolitana de Porto Alegre, do total de estudantes de 16 a 24 anos negros, cerca de 48,0%, não conseguiram acessar o ensino médio, confirmando os altos índices de defasagem da série cursada em relação à idade do aluno. Na análise deste mesmo indicador para os jovens não-negros percebe-se profunda desigualdade de oportunidades entre os subgrupos de jovens. Do total de jovens não-negros que freqüentavam a escola na metrópole gaúcha, em torno de 30% estavam cursando ou tinham completado o ensino fundamental.

Em que pese terem ocorrido, no período de análise, avanços significativos na escolaridade da população total, um traço da caracterização da população jovem metropolitana ainda é a baixa escolaridade. Os jovens residentes na região Nordeste do país, sobretudo os negros, estavam concentrados na faixa de escolaridade que vai até a 8^a série. Um percentual mínimo freqüentava o 3º grau. Para os estudantes das regiões mais desenvolvidas, o atraso série/idade é menor.

TABELA 23
Distribuição da população jovem de 18 a 24 anos, segundo nível de instrução por sexo
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2007

Nível de instrução	Jovens de 18 a 24 anos									
	Belo Horizonte			Distrito Federal			Porto Alegre			
	Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens	
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	
Analfabeto	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	
Ens. fundamental incompleto	10,6	8,9	12,5	13,9	11,6	16,6	14,8	13,3	16,4	
Ens. fundamental completo	10,6	8,8	12,5	9,6	8,2	11,1	13,9	12,4	15,3	
Ensino médio incompleto	15,0	12,9	17,2	15,4	14,8	16,1	15,1	14,8	15,4	
Ensino médio completo	45,1	48,8	41,2	40,7	44,0	36,9	37,3	38,9	35,6	
Ensino superior incompleto	14,7	15,9	13,4	15,2	15,5	14,9	15,8	17,0	14,5	
Ensino superior completo	3,4	4,2	2,5	4,5	5,4	3,6	2,7	3,2	2,1	
Jovens de 18 a 24 anos										
Nível de instrução	Recife			Salvador			São Paulo			
	Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens	
	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	
Analfabeto	1,5	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	
Ens. fundamental incompleto	24,5	21,1	28,0	18,0	14,6	21,6	10,0	8,3	11,7	
Ens. fundamental completo	9,8	8,5	11,1	9,5	8,0	11,0	9,0	7,8	10,4	
Ensino médio incompleto	15,4	14,1	16,8	17,1	16,5	17,9	12,5	11,0	14,1	
Ensino médio completo	37,9	42,0	33,6	38,4	42,7	33,8	51,7	54,6	48,6	
Ensino superior incompleto	9,6	11,1	8,0	13,6	14,6	12,6	12,1	13,0	11,2	
Ensino superior completo	1,3	(1)	(1)	2,4	(1)	(1)	4,0	4,8	3,2	

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria

Soma-se a este quadro a subsistência de diversas fontes de desigualdade quanto ao acesso e à permanência dos jovens metropolitanos no sistema de ensino. Entre 1998 e 2007, verifica-se a queda da proporção de estudantes

TABELA 24
Distribuição da população jovem de 18 a 24 anos, segundo nível de instrução por cor
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2007

(em %)

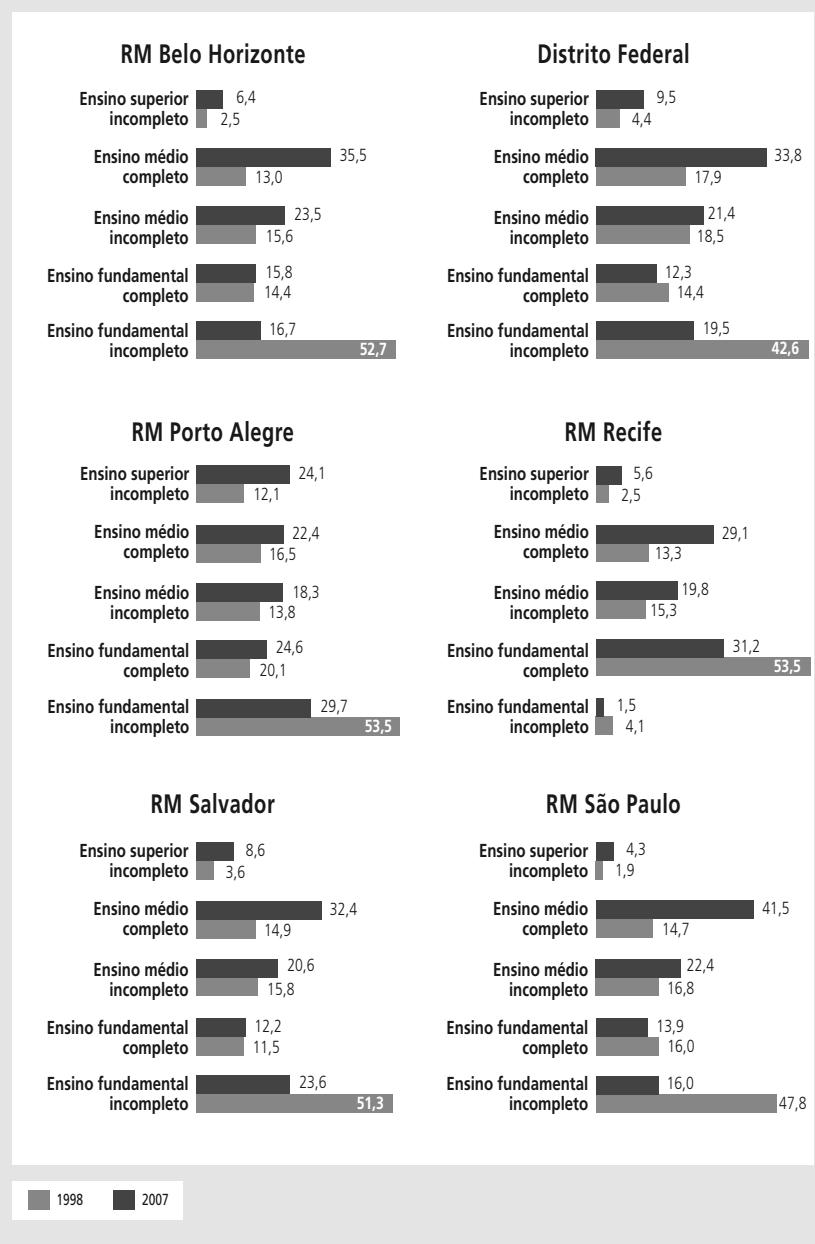
Nível de instrução	Jovens de 18 a 24 anos									
	Belo Horizonte			Distrito Federal			Porto Alegre			
	Total	Negros	Não-negros	Total	Negros	Não-negros	Total	Negros	Não-negros	
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	
Analfabeto	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	
Ens. fundamental incompleto	10,6	14,2	6,0	13,9	16,3	9,6	14,8	24,4	13,1	
Ens. fundamental completo	10,6	13,4	7,0	9,6	10,6	7,6	13,9	16,6	13,4	
Ensino médio incompleto	15,0	17,5	11,8	15,4	16,3	13,6	15,1	21,4	14,0	
Ensino médio completo	45,1	44,2	46,3	40,7	40,8	40,4	37,3	30,8	38,4	
Ensino superior incompleto	14,7	8,2	23,0	15,2	11,8	21,5	15,8	(1)	17,6	
Ensino superior completo	3,4	(1)	5,6	4,5	3,4	6,6	2,7	(1)	3,0	
Jovens de 18 a 24 anos										
Nível de instrução	Recife			Salvador			São Paulo			
	Total	Negros	Não-negros	Total	Negros	Não-negros	Total	Negros	Não-negros	
	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	
Analfabeto	1,5	1,8	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	
Ens. fundamental incompleto	24,5	27,4	15,2	18,0	19,8	(1)	10,0	14,3	7,3	
Ens. fundamental completo	9,8	10,4	7,6	9,5	10,3	(1)	9,0	12,0	7,2	
Ensino médio incompleto	15,4	16,2	12,8	17,1	18,3	(1)	12,5	14,9	11,0	
Ensino médio completo	37,9	36,1	43,8	38,4	38,3	39,5	51,7	51,2	52,0	
Ensino superior incompleto	9,6	7,2	17,3	13,6	10,4	35,3	12,1	5,4	16,2	
Ensino superior completo	1,3	(1)	(1)	2,4	1,9	(1)	4,0	(1)	5,7	

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) A amostra não comporta desagregação para esta categoria

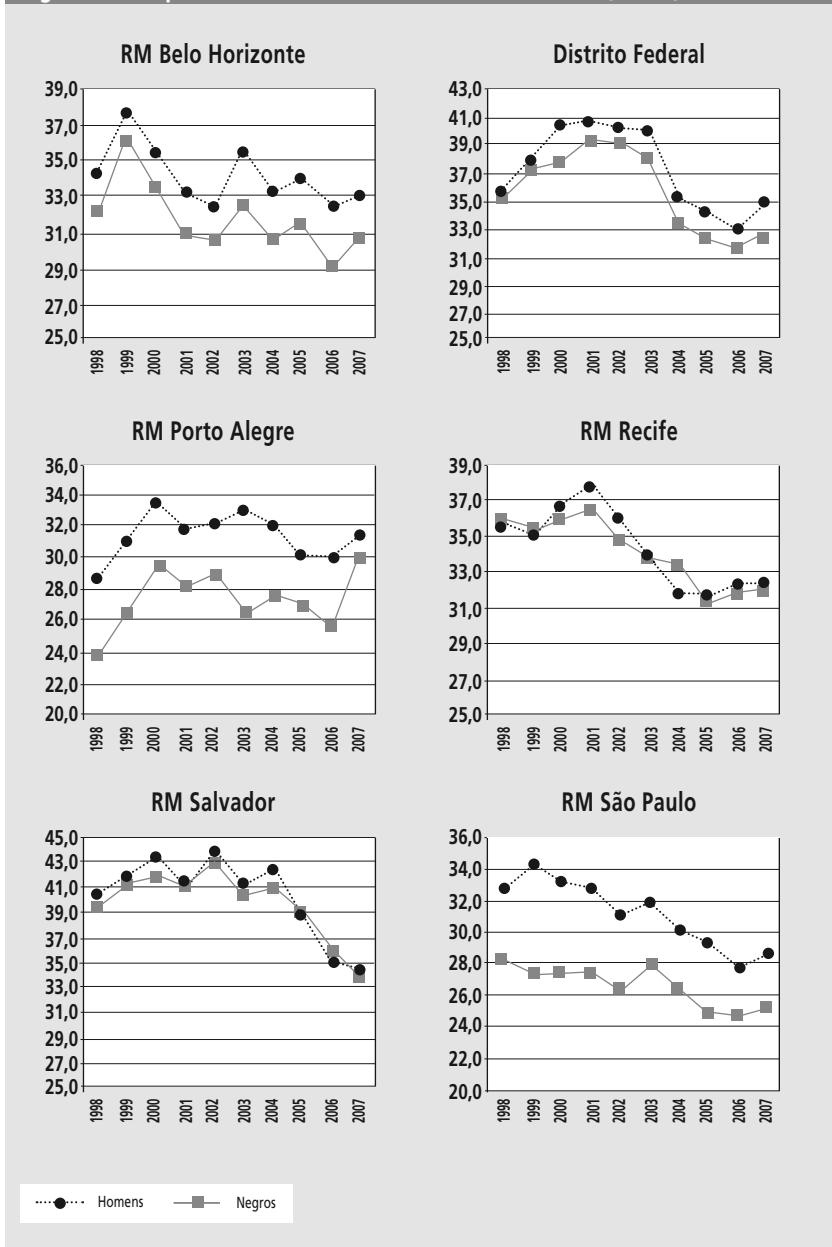
na população ocupada jovem, de 16 a 24 anos, para os negros e homens. A proporção de estudantes entre os trabalhadores jovens homens da Região Metropolitana de Salvador, em 2007, era 6,1 pontos percentuais menor que a registrada em 1998.

GRÁFICO 21**Evolução da distribuição da população jovem negra, segundo níveis de escolaridade – Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998 e 2007 (em %)**

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

GRÁFICO 22

Evolução da proporção de estudantes na população jovem ocupada por sexo e cor
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998 a 2007 (em %)



Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

O quadro claramente insatisfatório da situação educacional do jovem metropolitano, apresentado através dos dados da PED, informa que este é um grave problema a ser enfrentado pelos gestores de políticas públicas. E não apenas devido à importância da educação na determinação das perspectivas profissionais, produtividade e desigualdade de renda dos indivíduos, mas, sobretudo diante da nova realidade do mercado de trabalho, que exige como requisito mínimo para a entrada no mercado de trabalho o ensino médio completo, para qualquer que seja a atividade desenvolvida.

Capítulo 4

O desemprego dos jovens metropolitanos

O desemprego juvenil tem sido objeto de preocupação crescente por parte dos governos e da sociedade. Existem inúmeras hipóteses para as elevadas taxas de desemprego observadas entre os jovens em todo o mundo, entre as quais se destacam aquelas relacionadas à falta de experiência desta camada da população. Embora não haja um consenso, de modo recorrente, argumenta-se que a causa das elevadas taxas de desemprego da juventude estão fortemente ancoradas na dificuldade para a obtenção do primeiro emprego.

Vale ressaltar ainda o maior tempo de procura de emprego em função da menor urgência da ocupação, uma vez que, geralmente, o custo de oportunidade da permanência fora do mercado de trabalho dos jovens é relativamente menor que aquele apresentado para os adultos. Ou seja, do lado da oferta, tem-se alegado que os jovens, mais que os adultos, apresentam maior tempo de procura por trabalho, costumam deixar voluntariamente de trabalhar e mudam freqüentemente de emprego (MADEIRA, 2004).

Em geral, com o incremento dos níveis de escolaridade, os jovens tornam-se mais seletivos e ficam mais tempo à procura de emprego, esperando por melhores oportunidades e uma inserção adequada às suas expectativas. Muitos desses jovens caracterizam-se por movimentos freqüentes de entrada e saída do mercado de trabalho: assumem posições que não condizem com suas aspirações, buscam ocupações muitas vezes incompatíveis com suas qualificações, voltam a estudar, alguns conciliam trabalho e estudo, outros passam a se dedicar exclusivamente aos estudos. Esta discrepancia, entre as aspirações em relação ao mundo do trabalho e o que lhes é oferecido, pode ser um fator de explicação da alta rotatividade da mão-de-obra desta camada da população, com impactos diretos sobre as taxas de desemprego.

Do lado da demanda, o incremento das exigências dos jovens em relação à nova ocupação e a incapacidade de muitos deles de permanecer na escola são determinantes para os altos índices de desemprego deste grupo etário. Por outro lado, como será visto adiante, embora a educação e a formação profissional sejam cada vez mais necessárias, esta não é mais suficiente para garantir ao jovem uma colocação no mercado de trabalho. São evidentes os ganhos de escolaridade dos jovens brasileiros, mas o nível dos empregos não avança da mesma forma, ou seja, permanecem os obstáculos para a inserção deste grupo populacional.

O DESEMPREGO DA JUVENTUDE: DIVERSIDADE SEGUNDO OS GRUPOS ETÁRIOS, SEXO E COR

Também entre os jovens, as taxas de desemprego respondem às características da base produtiva e conjuntura econômica regional, por isso, tal como para outros segmentos etários, não se distribui de forma homogênea entre os territórios estudados. As menores taxas de desemprego da população jovem foram registradas na Grande Belo Horizonte (24,4%), em Porto Alegre (24,7%) e em São Paulo (27,6%). Por outro lado, as maiores taxas de desemprego para o total de jovens de 16 a 24 anos se encontram nas regiões metropolitanas de Salvador e Recife: 39,1% e 38,5%, respectivamente, onde também são as mais altas para o conjunto da população de 16 anos e mais.

TABELA 25
Taxas de desemprego da população jovem de 16 a 24 anos por grupos de idade
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2007

Regiões Metropolitanas	Total (16 anos e mais)	Jovens			(em %)
		16 a 24 anos	16 e 17 anos	18 a 24 anos	
Belo Horizonte	11,8	24,4	45,0	21,6	7,9
Distrito Federal	17,1	34,2	59,8	30,9	11,5
Porto Alegre	12,8	24,7	43,3	22,6	9,4
Recife	19,6	38,5	48,7	37,6	14,5
Salvador	21,6	39,1	53,0	37,9	16,4
São Paulo	14,5	27,6	48,5	24,5	10,5

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Sabe-se que as oportunidades de emprego para o total da população são menores nestas regiões, dada a própria condição periférica das economias nordestinas, além do perfil da indústria, centrada em ramos de capital intensivos, o que acaba por colocar obstáculos à expansão de atividades urbano-industriais, com maior potencial de absorver mão-de-obra. Assim, associadas

às restrições impostas ao mercado consumidor local em função da elevada concentração de renda, estão definidos os traços de áreas metropolitanas historicamente incapazes de gerar ocupações na proporção necessária para reduzir os excedentes de força de trabalho.

O desemprego também não recai de modo equivalente sobre toda a População Economicamente Ativa de cada região, sendo mais ou menos intenso a depender do atributo considerado. A taxa de desemprego calculada a partir dos dados do Sistema PED mostra que, embora o desemprego no mercado de trabalho metropolitano seja intenso e generalizado, os adolescentes, as mulheres e os negros estão mais expostos a este fenômeno.

No caso da população jovem em estudo, esta situação é especialmente dramática quando analisados os casos dos adolescentes residentes no Distrito Federal, cuja taxa de desemprego atinge 59,8% da PEA jovem. Em condição similar estão os adolescentes na área metropolitana de Salvador, sobre os quais a proporção de desempregados também ultrapassa a metade daqueles que são economicamente ativos (53,0%). Nas regiões metropolitanas de Recife e de São Paulo, tão diferenciadas do ponto de vista econômico-social, em 2007, registraram-se patamares semelhantes, em torno de 49%. Por fim, a menor taxa de desemprego para esta faixa etária foi identificada na área metropolitana de Porto Alegre, porém, os níveis atingidos por este indicador estão longe de serem confortáveis - 43,3% dos jovens economicamente ativos com idade entre 16 e 17 anos.

Independente do sexo, as taxas de desemprego dos mais jovens são muito elevadas. Entretanto, para as adolescentes, esses indicadores atingem os patamares mais expressivos. Exemplo disso é o que ocorre na Grande Recife, local em que do total da PEA feminina de 16 a 17 anos, 63,5% en-

TABELA 26
Taxas de desemprego da população jovem de 16 a 24 anos por sexo
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2007

(em %)

Regiões Metropolitanas	Jovens								
	16 a 24 anos			16 e 17 anos			18 a 24 anos		
	Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens
Belo Horizonte	24,4	30,9	18,2	45,0	51,7	38,8	21,6	28,1	15,4
Distrito Federal	34,2	38,1	30,2	59,8	63,0	56,5	30,9	34,9	26,7
Porto Alegre	24,7	30,2	19,7	43,3	51,1	36,4	22,6	27,9	17,8
Recife	38,5	46,4	32,0	48,7	63,5	36,5	37,6	44,9	31,6
Salvador	39,1	44,5	34,0	53,0	62,0	45,3	37,9	43,0	33,0
São Paulo	27,6	31,5	24,1	48,5	53,9	43,4	24,5	28,0	21,2

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

contravam-se em situação de desemprego, em 2007. No Distrito Federal e na metrópole baiana, o desemprego também atinge mais do que 60% das adolescentes, superando a marca dos 50% para as demais regiões pesquisadas.

Entre os jovens negros, na faixa etária de 16 a 17 anos, o ajuste do mercado de trabalho também acontece a partir da manutenção de altas taxas de desemprego para esta parcela da população. Em 2007, o desemprego entre os adolescentes negros atingiu os patamares mais elevados no Distrito Federal, região em que 60,0% dos afro-brasileiros buscavam sem sucesso oportunidade de trabalho. Já os níveis mais baixos foram vistos na Região Metropolitana de Belo Horizonte, onde a proporção de desempregados para esta parcela era de 47,8%.

TABELA 27
Taxas de desemprego da população jovem de 16 a 24 anos por cor
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2007

(em %)

Regiões Metropolitanas	Jovens								
	16 a 24 anos			16 e 17 anos			18 a 24 anos		
	Total	Negros	Não-negros	Total	Negros	Não-negros	Total	Negros	Não-negros
Belo Horizonte	24,4	27,1	20,3	45,0	47,8	39,0	21,6	23,9	18,3
Distrito Federal	34,2	35,1	32,3	59,8	60,0	59,1	30,9	31,7	29,3
Porto Alegre	24,7	33,2	23,1	43,3	(1)	42,0	22,6	31,0	21,1
Recife	38,5	38,9	37,1	48,7	48,7	(1)	37,6	38,1	36,3
Salvador	39,1	39,9	32,6	53,0	52,6	(1)	37,9	38,8	31,1
São Paulo	27,6	31,1	25,4	48,5	48,9	48,2	24,5	28,2	22,2

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) A amostra não comporta desagregação para esta categoria

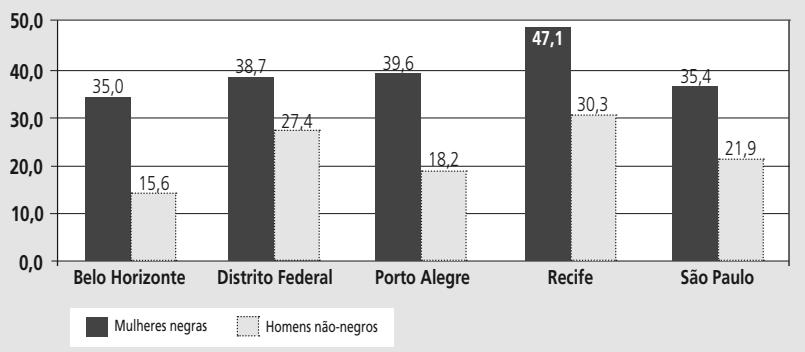
Indicador das diferentes possibilidades de acesso e permanência no mercado de trabalho, a taxa de desemprego segundo a condição de cor e sexo do indivíduo revela que este fenômeno atinge principalmente as jovens negras. Na Região Metropolitana de Recife, o desemprego aflijia 47,1% das jovens negras de 16 a 24 anos economicamente ativas. Nas demais regiões metropolitanas, as taxas de desemprego das jovens negras superaram muito a apresentada para os outros grupos populacionais: em Salvador, 45,9% das jovens negras estavam desempregadas, em Porto Alegre, 39,6%, no Distrito Federal, 38,7%. Nas áreas metropolitanas de São Paulo e Belo Horizonte, em 2007, o percentual ficou em torno de 35%.

Por outro lado, consideradas as discrepâncias de intensidade das taxas de desemprego juvenil entre os sexos e grupos de cor, cumpre destacar os níveis de desigualdade aferidos entre as jovens negras e os homens não-

negros com idade entre 16 e 14 anos nas regiões metropolitanas de Porto Alegre e de Belo Horizonte. Nestas localidades, em 2007, a proporção de desempregadas entre as mulheres jovens negras economicamente ativas foi de, respectivamente, 38,7% e 35,0%, portanto, mais que o dobro da encontrada para os jovens não-negros do sexo masculino (18,2% e 15,6%). No Distrito Federal verifica-se a menor diferença entre as taxas de desemprego para os grupos analisados: o diferencial observado neste indicador foi de 11,3 pontos percentuais. Em resumo, são os negros os mais afetados pelo desemprego, mas esta subutilização da força de trabalho é incrementada sobretudo pelas mulheres negras.

GRÁFICO 23

**Taxas de desemprego da população jovem entre 16 e 24 anos, por sexo e cor
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2007 (em %)**



Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Obs.: A amostra da Região Metropolitana de Salvador não comporta desagregação para a categoria "Homens não-negros. A taxa de desemprego para as jovens negras é de 45,9%"

A DINÂMICA DO DESEMPREGO DOS JOVENS

Além de deter as maiores taxas de desemprego, a força de trabalho juvenil tem se beneficiado pouco da conjuntura, em geral favorável para a inserção ocupacional, desenhada nos últimos anos. Esta situação é ainda mais nítida quando se focaliza o aumento do desemprego, particularmente dos adolescentes, quando comparados aos outros grupos etários.

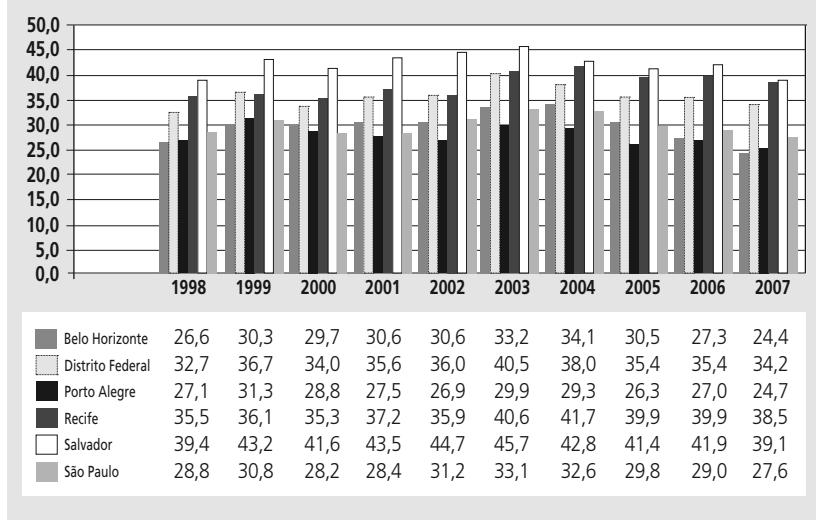
No período de análise, mais especificamente entre 1998 e 2007, ocorreu redução da taxa de desemprego para o conjunto dos trabalhadores acima de 16 anos na maioria das regiões metropolitanas. Este movimento

resultou do aumento do nível da ocupação (0,7%), que foi suficiente para incorporar o crescimento da População Economicamente Ativa (0,5%).

Para os jovens de 16 a 24 anos, no entanto, apesar do comportamento do desemprego ter sido, de maneira geral, semelhante ao verificado para a população total, com recuos em quatro das seis regiões em que é realizada a pesquisa, há variações importantes na intensidade deste fenômeno. Em outras palavras, verifica-se que mesmo em períodos que apresentam queda do nível de desemprego total, o desemprego dos jovens não diminui na mesma proporção que em outros grupos etários. Em algumas localidades, inclusive, o desemprego juvenil se elevou, como no caso da Região Metropolitana de Recife, na qual a proporção da juventude desempregada passou de 35,5%, em 1998, para os 38,5%, no último ano, e do Distrito Federal, onde este percentual cresceu de 32,7% para 34,2% nos últimos nove anos. Tal situação acaba por comprometer o futuro desempenho socioeconômico da população juvenil.

GRÁFICO 24

**Taxas de desemprego da população jovem entre 16 e 24 anos
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998 a 2007 (em %)**



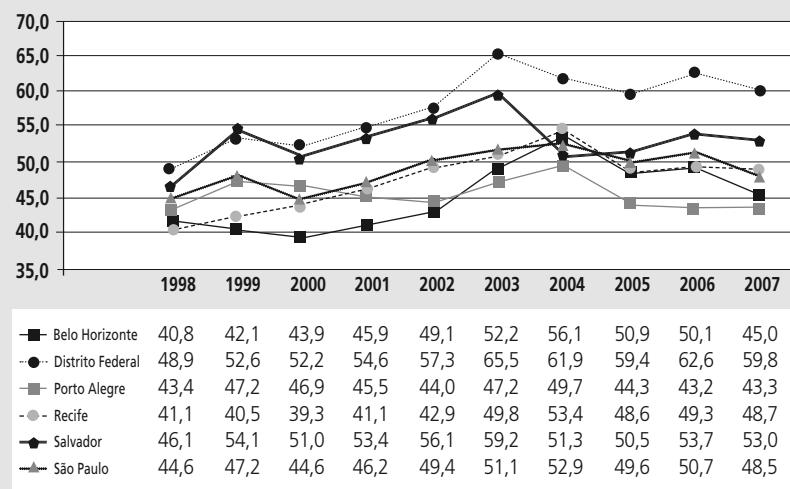
Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

A partir da análise dos subgrupos etários da juventude, observa-se que a concentração das maiores taxas de desemprego, bem como a ampliação delas ao longo do período de análise, penalizam o segmento dos adolescentes.

Em 1998, no Distrito Federal, a taxa de desemprego dos economicamente ativos com idade entre 16 e 17 anos era de 48,9%, chegou a 65,5%, em 2003, para, em 2007, alcançar o patamar de 59,8%. Entre 1998 e 2007, as altas taxas de desemprego para os adolescentes e sua evolução desfavorável também foram verificadas nas regiões metropolitanas de Recife, passando de 41,1% para 48,7%, Salvador (de 46,1% para 53,0%), Belo Horizonte (de 40,8% para 45,0%) e São Paulo (de 44,6% para 48,5%). A única exceção coube à área metropolitana de Porto Alegre, justamente onde a taxa de desemprego dos adolescentes é menor, mantendo-se em torno dos 43%.

GRÁFICO 25

**Taxas de desemprego da população jovem entre 16 e 17 anos
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998 a 2007 (em %)**



Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

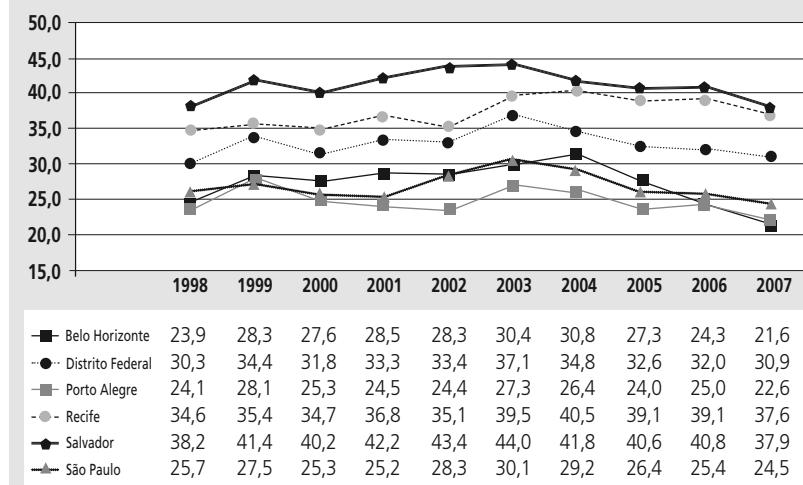
Elaboração: DIEESE

Embora seja perceptível a diminuição dos níveis de desemprego entre os adolescentes nos últimos anos, este ainda apresenta níveis mais elevados do que aqueles do final dos anos 1990, período em que o mercado de trabalho apresentou resultados substancialmente negativos, decorrentes da política de câmbio fixo. O crescimento do desemprego entre os adolescentes, em que pese ter ocorrido queda na pressão exercida por este grupo populacional sobre o mercado de trabalho, sinaliza, sobretudo, a capacidade limitada de incorporação deste segmento etário na estrutura produtiva, mesmo em conjunturas macroeconômicas mais favoráveis.

Entre os jovens adultos verifica-se uma tendência praticamente generalizada de queda do desemprego no período analisado, movimento que se acentua no último ano da série. Contudo, examinadas as informações de 2007, comparativamente às taxas de desemprego para os jovens com idade entre 18 e 24 anos em 1998, percebem-se as limitações deste movimento. Como fato ilustrativo, contata-se que na Região Metropolitana de Belo Horizonte, a taxa de desemprego dos jovens de 18 a 24 anos saiu de 23,9%, em 1998, para 21,6%, em 2007, decréscimo de apenas 2,3 pontos percentuais em nove anos. Nas demais regiões investigadas a intensidade da queda do desemprego para os jovens é ainda menor.

GRÁFICO 26

**Taxas de desemprego da população jovem entre 18 a 24 anos
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998 a 2007 (em %)**



Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

Em um contexto restritivo, os efeitos da acomodação do mercado de trabalho não atingem igualmente todos os grupos populacionais. No que diz respeito à juventude, vê-se com facilidade a reprodução deste traço da heterogeneidade da inserção ocupacional brasileira, notadamente na forma desvantajosa como os adolescentes, as mulheres e os negros enfrentam as oscilações do desemprego.

Estas características ficam nítidas quando se observa a diferença existente no desemprego de homens e mulheres entre 16 e 24 anos ao longo dos últimos nove anos. Para as mulheres, quando o desemprego não aumentou, decresceu com menor intensidade que o declínio observado para o segmento masculino da juventude. Estes movimentos foram mais expressivos na Região Metropolitana de Porto Alegre, onde a recuperação do mercado de trabalho repercutiu de modo diferenciado para homens e mulheres jovens: para elas, a taxa de desemprego declinou dos 32,5% da população economicamente ativa feminina entre 16 e 24 anos, em 1998, para os 30,2%, em 2007; enquanto para os rapazes, o decréscimo neste período foi de 22,9% para 19,7%.

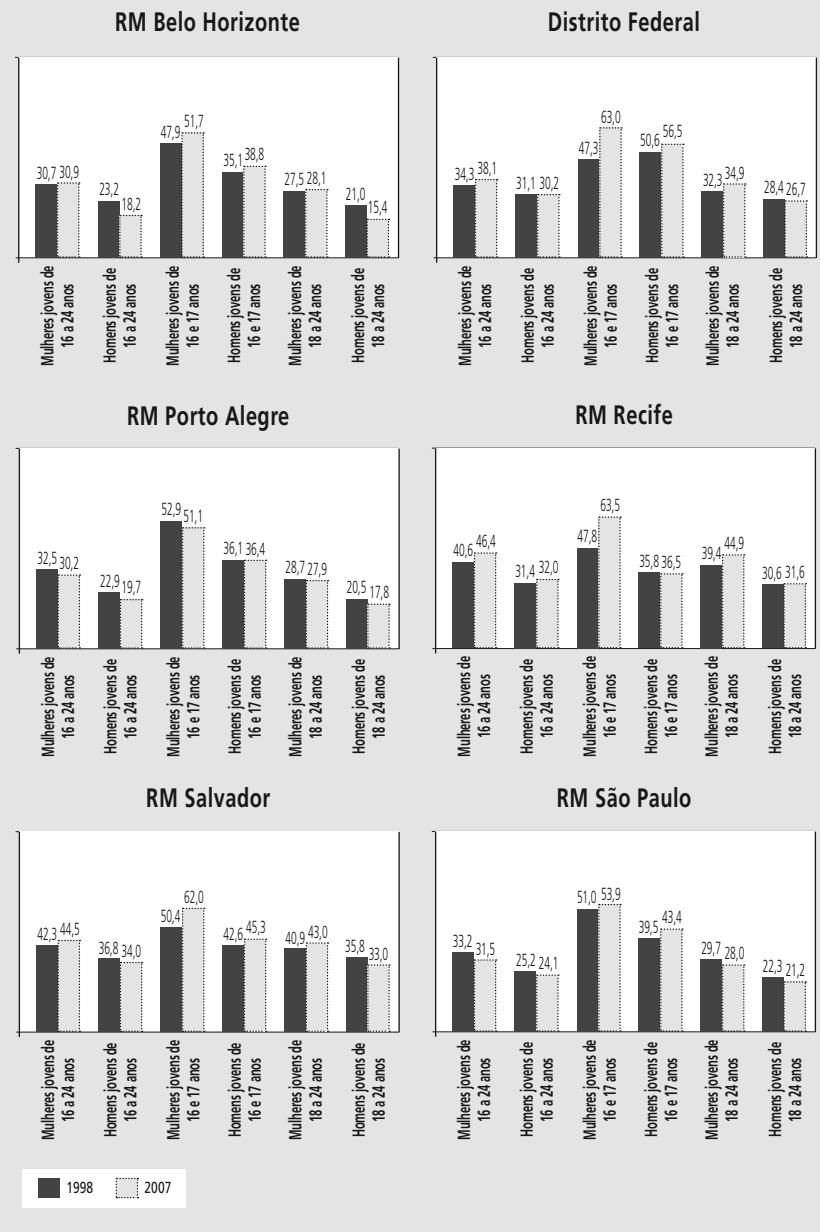
Foram as adolescentes que arcaram com o ônus da maior elevação do desemprego ocorrida entre as jovens nos anos avaliados neste estudo. Na Região Metropolitana de Recife, a taxa de desemprego feminina saltou dos já elevados 47,8%, em 1998, para os 63,5%, em 2007, o que evidencia o alargamento da distância das taxas de desemprego do grupo de jovens segundo o sexo: a taxa de desemprego dos homens nesta faixa etária registrou expansão de apenas 0,7 pp (de 35,8%, em 1998 para 36,5%, em 2007).

Essa elevação das taxas de desemprego das mulheres também foi verificada entre os jovens na faixa etária de 18 a 24 anos. Na Grande Recife, entre 1998 e 2007, a taxa de desemprego elevou 5,5 pontos percentuais, ao mesmo tempo em que a referida taxa no Distrito Federal ascendia 2,6 pontos percentuais. Esta elevação das taxas de desemprego das jovens mostra que o mercado de trabalho metropolitano tem gerado crescentes contingentes de trabalhadoras marginalizadas da atividade econômica, dada a incapacidade de absorver, mesmo que de forma precária, a expansão da oferta de mão-de-obra feminina.

No caso específico dos jovens negros, o movimento de exclusão a partir do desemprego tende a se perpetuar como uma das principais características da evolução da PEA deste grupo etário. A pressão dos negros sobre o mercado de trabalho é maior para todas as faixas de idade consideradas, no entanto, a maior disponibilidade para o trabalho deste grupo não tem contribuído para diminuir a “baixa empregabilidade”, característica desta parcela da população. De fato, os dados apresentados na Tabela 28 evidenciam a tendência de crescimento do desemprego dos jovens negros, não obstante as diferenças de magnitude entre os subgrupos de jovens. Sob o ponto de vista da composição etária da população jovem, verifica-se que, no Distrito Federal, em 1998, 47,5% dos adolescentes negros estavam desempregados, percentual que se elevou para 60,0%, em 2007. A eliminação de postos de trabalho entre os adolescentes negros ocorreu em um ritmo mais acentuado do que o desenhado para os jovens adultos. Por outro lado, a limitada capacida-

GRÁFICO 27

Taxas de desemprego da população jovem entre 18 a 24 anos , por grupos de idade e sexo – Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998 e 2007 (em %)



Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

de de geração de oportunidades de trabalho para os jovens de 18 a 24 anos parece atingir principalmente os negros, já que a taxa de desemprego dos não-negros apresenta decréscimo em cinco das seis regiões metropolitanas pesquisadas.

TABELA 28
Taxas de desemprego da população jovem de 16 a 24 anos por cor
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998 e 2007

(em %)

Regiões Metropolitanas e períodos	Jovens								
	16 a 24 anos			16 e 17 anos			18 a 24 anos		
	Total	Negros	Não-negros	Total	Negros	Não-negros	Total	Negros	Não-negros
Belo Horizonte									
1998	26,6	27,8	25,0	40,8	41,2	40,2	23,9	25,0	22,5
2007	24,4	27,1	20,3	45,0	47,8	39,0	21,6	23,9	18,3
Distrito Federal									
1998	32,7	32,7	32,8	48,9	47,5	52,1	30,3	30,4	30,2
2007	34,2	35,1	32,3	59,8	60,0	59,1	30,9	31,7	29,3
Porto Alegre									
1998	27,1	33,3	26,2	43,4	51,2	42,1	24,1	29,5	23,3
2007	24,7	33,2	23,1	43,3	(1)	42,0	22,6	31,0	21,1
Recife									
1998	35,5	36,6	33,6	41,1	41,6	39,9	34,6	35,6	32,6
2007	38,5	38,9	37,1	48,7	48,7	(1)	37,6	38,1	36,3
Salvador									
1998	39,4	40,4	34,0	46,1	46,6	(1)	38,2	39,3	33,1
2007	39,1	39,9	32,6	53,0	52,6	(1)	37,9	38,8	31,1
São Paulo									
1998	28,8	32,4	26,8	44,7	47,0	43,2	25,7	29,3	23,7
2007	27,6	31,1	25,4	48,5	48,9	48,2	24,5	28,2	22,2

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

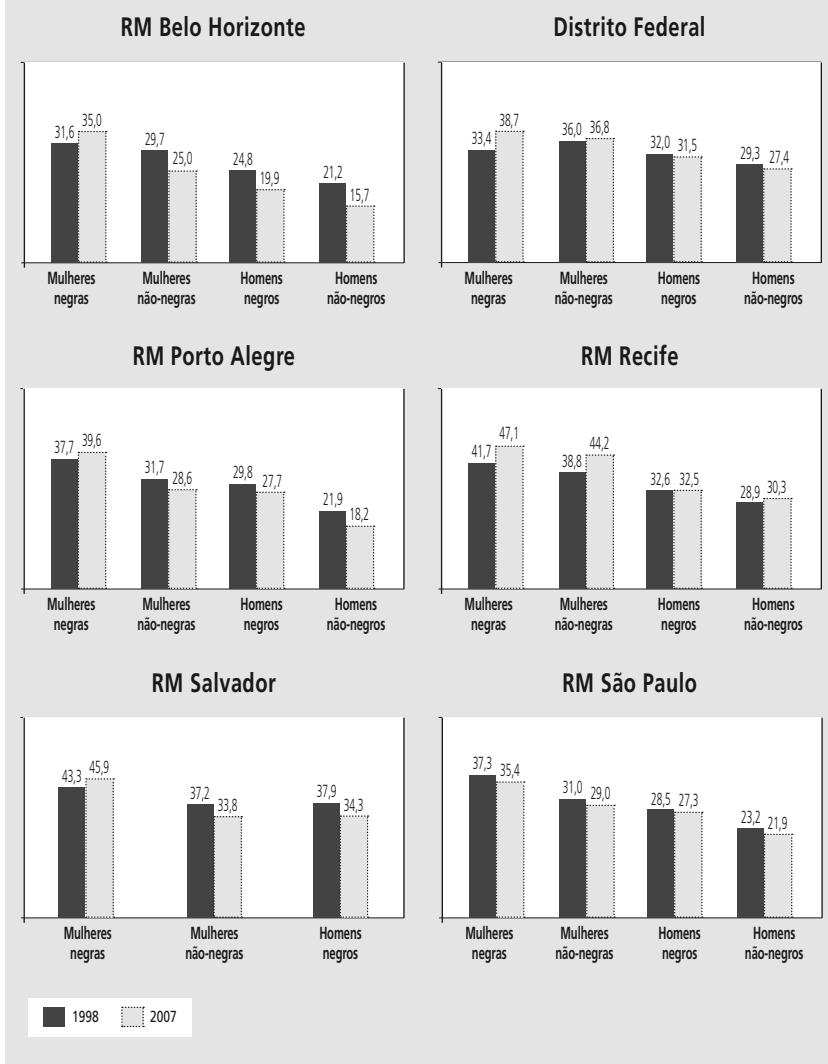
Nota: (1) A amostra não comporta desagregação para esta categoria

Cumpre ainda destacar a influência da distinção por sexo na evolução do desemprego dos jovens negros de 16 a 24 anos. Os dados apurados pelo Sistema PED mostram que as jovens negras são as que mais sofrem com as adversidades relacionadas à exclusão do mercado de trabalho. A desigualdade no acesso a uma oportunidade ocupacional para este grupo de jovens resulta na incorporação de um vasto leque de dificuldades relacionadas principalmente ao recrudescimento da situação de pobreza.

Na comparação mulher negra/homem não-negro, entre 1998 e 2007, em quase todas as regiões metropolitanas pesquisadas, o desemprego das primeiras, já bastante elevado, cresceu. Para os jovens não-negros ocorreu movimento inverso, na maioria das regiões investigadas. Com base nas in-

GRÁFICO 28

Taxas de desemprego da população jovem entre 18 a 24 anos, por sexo e cor – Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998 e 2007 (em %)



Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

formações para o Distrito Federal, verificou-se alta de 5,3 pontos percentuais na taxa de desemprego das jovens negras, que passou de 33,4% para 38,7%, entre 1998 e 2007. De outra forma, no mesmo período, o percentual de desempregados não-negros caiu de 29,3% para 27,4%.

Esta constatação deixa claro um importante padrão de comportamento das taxas de desemprego destes grupos populacionais: os níveis de desemprego das mulheres negras não só representam quase o dobro daquelas verificadas para os jovens homens não-negros, mas passam a descrever, no período de análise, uma trajetória inversa, pois é ascendente, enquanto a taxa masculina é descendente. Já no final, há certo arrefecimento das taxas de desemprego feminino, embora as discrepâncias entre níveis de desemprego dos grupos analisados tenham aumentado.

PROCURA DE TRABALHO

A procura de trabalho e os mecanismos acionados para obtenção da inserção ocupacional dependem do contexto em que se opera esta busca. O contexto da procura, por sua vez, está determinado pela configuração do sistema de emprego e/ou redes sociais existentes.

As formas de reconhecimento institucional do desemprego, bem como a configuração deste - de longa duração, com procura sistemática ou irregular - marcam de modo importante os recursos mobilizados para localizar uma oportunidade no mercado de trabalho. Para os jovens, as condições em que se opera a procura de trabalho se configuram de formas distintas segundo os subgrupos etários analisados. A percepção sobre o trabalho ou a dificuldade de obtê-lo, além da trajetória de vida, acabam por determinar as estratégias das diferentes faixas etárias na tentativa de inserção no mercado de trabalho.

A partir da análise dos meios mais utilizados pelos jovens para a procura de trabalho nas regiões metropolitanas estudadas, verifica-se que as estratégias adotadas por aqueles com idade até 17 anos e aqueles com 18 anos ou mais guardam algumas diferenças que merecem ser destacadas. Enquanto as formas de procura de trabalho dos jovens de 16 e 17 anos estão relativamente mais associadas às redes de relações sociais em que estão inseridas suas famílias, o esforço individual da prospecção direta junto às empresas, agências de emprego, aos sindicatos, anúncios em jornais, além do Sistema Nacional de Emprego, caracteriza-se como principal fonte de pressão sobre o mercado de trabalho exercida pelos jovens adultos (18 a 24 anos).

Conforme os dados da PED, em 2007, enquanto 79,0% dos jovens de 18 a 24 anos residentes na Região Metropolitana de Salvador recorreram a visitas a empresas, agências de emprego, assim como responderam ou colocaram anúncios nos jornais para uma colocação no mercado de trabalho, pouco mais da metade dos adolescentes baianos (59,4%) utilizou mecanismos de procura de trabalho semelhantes. Nesta região, para encontrar o pri-

TABELA 29

Distribuição da população desempregada jovem de 16 a 24 anos com procura em 30 dias, segundo meios mais utilizados para procura de trabalho e idade
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2007

(em %)

Regiões Metropolitanas e meios para procura de trabalho	Jovens		
	16 a 24 anos	16 e 17 anos	18 a 24 anos
Belo Horizonte			
Total	100,0	100,0	100,0
- Procurou empresas, agências, sindicatos, Sine ou jornais	85,6	77,4	87,7
- Procurou parentes, amigos ou conhecidos	11,5	(1)	9,6
- Procurou na rua	(1)	(1)	(1)
- Outras formas de procura	(1)	(1)	(1)
Distrito Federal			
Total	100,0	100,0	100,0
- Procurou empresas, agências, sindicatos, Sine ou jornais	83,8	85,8	83,4
- Procurou parentes, amigos ou conhecidos	11,2	(1)	11,5
- Procurou na rua	(1)	(1)	(1)
- Outras formas de procura	(1)	(1)	(1)
Porto Alegre			
Total	100,0	100,0	100,0
- Procurou empresas, agências, sindicatos, Sine ou jornais	96,4	95,5	96,6
- Procurou parentes, amigos ou conhecidos	(1)	(1)	(1)
- Procurou na rua	(1)	(1)	(1)
- Outras formas de procura	(1)	(1)	(1)
Recife			
Total	100,0	100,0	100,0
- Procurou empresas, agências, sindicatos, Sine ou jornais	86,5	78,1	87,4
- Procurou parentes, amigos ou conhecidos	9,9	(1)	9,0
- Procurou na rua	(1)	(1)	(1)
- Outras formas de procura	(1)	(1)	(1)
Salvador			
Total	100,0	100,0	100,0
- Procurou empresas, agências, sindicatos, Sine ou jornais	76,9	59,4	79,0
- Procurou parentes, amigos ou conhecidos	17,7	(1)	16,2
- Procurou na rua	(1)	(1)	(1)
- Outras formas de procura	(1)	(1)	(1)
São Paulo			
Total	100,0	100,0	100,0
- Procurou empresas, agências, sindicatos, Sine ou jornais	95,6	95,0	95,8
- Procurou parentes, amigos ou conhecidos	3,9	(1)	(1)
- Procurou na rua	(1)	(1)	(1)
- Outras formas de procura	(1)	(1)	(1)

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) A amostra não comporta desagregação para esta categoria

meiro emprego ou conseguir um novo trabalho, foi requerida a mediação pessoal de um amigo ou parente.

As dificuldades sentidas na busca por trabalho e a própria percepção sobre a efetividade do suporte do sistema público de apoio ao desempregado acabam por determinar as diferentes formas de busca de uma ocupação segundo as metrópoles analisadas. Embora venham perdendo importância relativa, as redes sociais ainda se sustentam como mecanismos relevantes para a procura de trabalho para os adolescentes residentes nas regiões metropolitanas de Salvador, Belo Horizonte e Recife.

Neste sentido, apesar de os dados demonstrarem que os canais informais de acesso a empregos têm sido cada vez menos utilizados pelos jovens, estes ainda são relevantes nestas regiões. Vale ressaltar que as diferenças dos meios mais utilizados pelos desempregados na procura por uma ocupação nas regiões metropolitanas podem ser vistas como um indicador do menor grau de estruturação do mercado de trabalho metropolitano, visto que em regiões onde o mercado de trabalho é pouco estruturado, há maior facilidade de inserção em atividades precárias, autônomas e de curta duração que, geralmente, podem prescindir dos mecanismos formais de colocação no mercado de trabalho.

Capítulo 5

Jovens trabalhando:

caracterização da ocupação e dos rendimentos

Entre os vários indicadores que vão sinalizar a vulnerabilidade da inserção dos jovens no mercado de trabalho encontram-se aqueles relacionados aos postos de trabalho ocupados por esta parcela da população. Estes indicadores são importantes na medida em que se este segmento da população vai acumulando experiências de inserção precária no mercado de trabalho. Na vida adulta a dificuldade permanecerá e o impacto na pobreza e na desigualdade se recrudesce.

Os problemas relacionados à inserção do jovem no mercado de trabalho não se refletem meramente mediante mudanças na quantidade total de emprego disponível, mas, em grande medida, através de mudanças na composição e na qualidade da ocupação. Para esta aferição, por sua vez, devem ser examinados não apenas as formas mais freqüentes de inserção ocupacional da juventude, mas os setores econômicos que absorvem com mais intensidade os jovens trabalhadores, bem como os ganhos por eles auferidos em contrapartida ao esforço de trabalho.

POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO

A exemplo do que ocorre para o conjunto dos trabalhadores, as empresas constituem a principal fonte de trabalho para os jovens. Em todas as regiões metropolitanas, o trabalho assalariado participa com o maior peso da ocupação dos jovens. Assim, na Região Metropolitana de Porto Alegre, por exemplo, 87,1% dos jovens de 16 a 24 anos se inseriam como empregados, com ou sem carteira assinada, em 2007. As demais regiões analisadas apresentaram, de maneira geral, o mesmo padrão descrito para a metrópole gaúcha. Em São Paulo, o assalariamento correspondia a 83,8% do total da ocupa-

pação dos jovens e em Belo Horizonte, o percentual era de 81,9%. Nas áreas metropolitanas de Salvador e Recife, o assalariamento também é predominante entre os jovens, embora esta proporção seja cerca de 10 pontos percentuais a menos do que a identificada no Sul e Sudeste.

TABELA 30
Distribuição da população ocupada jovem de 16 a 24 anos, segundo posição na ocupação, por grupos de idade
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2007

Posição na ocupação	Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2007 (em %)								
	Belo Horizonte			Distrito Federal			Porto Alegre		
	Jovens								
	16 a 24 anos	16 e 17 anos	18 a 24 anos	16 a 24 anos	16 e 17 anos	18 a 24 anos	16 a 24 anos	16 e 17 anos	18 a 24 anos
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Assalariados	81,9	75,7	82,5	76,9	71,3	77,3	87,1	85,8	87,2
Setor privado	74,5	70,1	75,0	67,3	65,9	67,4	78,1	76,5	78,2
- com carteira assinada	57,3	30,8	59,8	44,8	(2)	46,8	58,1	28,9	60,5
- sem carteira assinada	17,2	39,3	15,1	22,6	47,7	20,7	20,0	47,6	17,7
Setor público	7,3	(2)	7,5	9,5	(2)	9,8	9,0	(2)	8,9
Autônomos	11,6	(2)	11,1	10,3	(2)	9,8	7,3	(2)	7,4
Para o público	7,8	(2)	7,3	5,9	(2)	5,8	4,5	(2)	4,7
Para a empresa	3,8	(2)	3,7	4,4	(2)	4,1	2,8	(2)	2,7
Domésticos	4,9	(2)	4,9	9,7	(2)	9,6	2,3	(2)	2,2
Outros ⁽¹⁾	1,6	(2)	(2)	3,2	(2)	3,3	3,3	(2)	3,2
Recife									
Posição na ocupação	Salvador								
	Jovens								
	16 a 24 anos	16 e 17 anos	18 a 24 anos	16 a 24 anos	16 e 17 anos	18 a 24 anos	16 a 24 anos	16 e 17 anos	18 a 24 anos
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Assalariados	71,3	45,7	73,1	74,1	58,5	75,1	83,8	72,0	85,0
Setor privado	62,1	37,6	63,9	67,4	(2)	69,0	79,6	67,8	80,8
- com carteira assinada	38,6	(2)	41,1	41,8	(2)	44,3	54,7	22,7	58,0
- sem carteira assinada	23,6	(2)	22,8	25,6	(2)	24,7	24,8	45,0	22,8
Setor público	9,1	(2)	9,2	6,6	(2)	6,1	4,2	(2)	4,2
Autônomos	16,4	(2)	15,4	15,3	(2)	14,4	9,5	17,2	8,7
Para o público	7,8	(2)	7,4	12,1	(2)	11,4	3,2	(2)	3,0
Para a empresa	8,6	(2)	8,0	3,2	(2)	(2)	6,3	(2)	5,7
Domésticos	6,0	(2)	5,9	8,0	(2)	8,0	4,1	(2)	4,0
Outros ⁽¹⁾	6,3	(2)	5,6	2,6	(2)	(2)	2,6	(2)	2,4

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Notas: (1) Incluem empregadores, donos de negócio familiar, trabalhadores familiares e outras posições

(2) A amostra não comporta desagregação para esta categoria

Para a parcela dos jovens entre 16 e 17 anos, o emprego assalariado também permanece alto: do total de adolescentes residentes na Região Me-

tropolitana de Porto Alegre, cerca de 85% são assalariados. Na de Recife, no entanto, a proporção dos empregados é de apenas 45,7%.

Como as oportunidades ocupacionais são desigualmente distribuídas, alguns grupos sociais são alocados em posições menos valorizadas econômica e socialmente. Mesmo entre os jovens ocupados, as mulheres e os negros constituem grupos que se encontram em relações mais precárias de trabalho, no trabalho autônomo e no serviço doméstico, demonstrando a vulnerabilidade social destes segmentos.

TABELA 31
Distribuição da população ocupada jovem de 16 a 24 anos, segundo posição
na ocupação, por sexo
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2007

(em %)

Posição na ocupação	Belo Horizonte			Distrito Federal			Porto Alegre		
				Jovens					
	Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Assalariados	81,9	77,6	85,3	76,9	71,1	82,2	87,1	86,8	87,3
Setor privado	74,5	69,6	78,5	67,3	63,6	70,7	78,1	76,3	79,5
- com carteira assinada	57,3	52,9	60,8	44,8	42,5	46,9	58,1	55,6	60,1
- sem carteira assinada	17,2	16,7	17,6	22,6	21,1	23,9	20,0	20,7	19,4
Setor público	7,3	8,0	6,8	9,5	7,4	11,4	9,0	10,5	7,8
Autônomos	11,6	10,6	12,4	10,3	7,9	12,5	7,3	5,6	8,7
Para o público	7,8	6,5	8,9	5,9	(2)	6,9	4,5	3,9	5,0
Para a empresa	3,8	4,1	3,6	4,4	(2)	5,6	2,8	(2)	3,7
Domésticos	4,9	10,7	(2)	9,7	19,0	(2)	2,3	5,0	(2)
Outros ⁽¹⁾	1,6	(2)	(2)	3,2	(2)	(2)	3,3	(2)	3,8
Posição na ocupação	Recife			Salvador			São Paulo		
				Jovens					
	Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Assalariados	71,3	69,2	72,6	74,1	66,6	80,1	83,8	80,8	86,3
Setor privado	62,1	58,6	64,4	67,4	59,5	73,7	79,6	76,1	82,5
- com carteira assinada	38,6	36,5	39,9	41,8	36,3	46,2	54,7	52,6	56,5
- sem carteira assinada	23,6	22,2	24,5	25,6	23,2	27,6	24,8	23,5	26,0
Setor público	9,1	10,6	8,1	6,6	7,1	6,3	4,2	4,6	3,8
Autônomos	16,4	13,5	18,4	15,3	14,3	16,1	9,5	8,6	10,3
Para o público	7,8	7,2	8,2	12,1	11,7	12,4	3,2	3,4	3,0
Para a empresa	8,6	6,3	10,2	3,2	(2)	(2)	6,3	5,2	7,3
Domésticos	6,0	13,7	(2)	8,0	16,9	(2)	4,1	8,6	(2)
Outros ⁽¹⁾	6,3	(2)	8,1	(2)	(2)	(2)	2,6	(2)	3,0

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Notas: (1) Incluem empregadores, donos de negócio familiar, trabalhadores familiar e outras posições

(2) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria

Do ponto de vista da posição na ocupação, mais uma vez não há dúvidas de que população jovem negra se insere no mercado de trabalho metropolitano de forma muito mais desvantajosa quando comparada com a população não-negra. Os dados de 2007, para a Região Metropolitana de Salvador, mostram que entre os jovens trabalhadores negros é menor a proporção de ocupados assalariados (72,8%) que a encontrada entre os não-negros (83,1%).

TABELA 32
Distribuição da população ocupada jovem de 16 a 24 anos,
segundo posição na ocupação, por cor
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2007

(em %)

Posição na ocupação	Belo Horizonte			Distrito Federal			Porto Alegre		
	Jovens								
	Total	Negros	Não-negros	Total	Negros	Não-negros	Total	Negros	Não-negros
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Assalariados	81,9	79,6	85,0	76,9	74,6	81,4	87,1	82,3	87,8
Setor privado	74,5	74,1	75,2	67,3	66,6	68,8	78,1	74,2	78,7
- com carteira assinada	57,3	57,5	57,1	44,8	44,3	45,6	58,1	53,9	58,8
- sem carteira assinada	17,2	16,6	18,1	22,6	22,2	23,2	20,0	20,4	19,9
Setor público	7,3	5,5	9,8	9,5	8,0	12,5	9,0	(2)	9,1
Autônomos	11,6	12,4	10,5	10,3	10,9	9,0	7,3	(2)	6,9
Para o público	7,8	8,8	6,5	5,9	6,1	(2)	4,5	(2)	4,3
Para a empresa	3,8	3,6	(2)	4,4	4,8	(2)	2,8	(2)	2,6
Domésticos	4,9	7,0	(2)	9,7	11,5	(2)	2,3	(2)	1,9
Outros ⁽¹⁾	1,6	(2)	(2)	3,2	(2)	(2)	3,3	(2)	3,4
Posição na ocupação	Recife			Salvador			São Paulo		
	Jovens								
	Total	Negros	Não-negros	Total	Negros	Não-negros	Total	Negros	Não-negros
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Assalariados	71,3	68,8	79,0	74,1	72,8	83,1	83,8	80,6	85,7
Setor privado	62,1	60,4	67,8	67,4	66,6	73,1	79,6	77,3	80,9
- com carteira assinada	38,6	37,2	42,9	41,8	41,0	47,3	54,7	52,8	55,9
- Sem carteira assinada	23,6	23,2	24,9	25,6	25,6	25,8	24,8	24,5	25,0
Setor público	9,1	8,5	11,1	6,6	6,1	(2)	4,2	3,1	4,8
Autônomos	16,4	17,9	11,7	15,3	16,1	(2)	9,5	11,0	8,7
Para o público	7,8	8,5	(2)	12,1	12,8	(2)	3,2	4,3	2,6
Para a empresa	8,6	9,4	(2)	3,2	(2)	(2)	6,3	6,7	6,1
Domésticos	6,0	6,6	(2)	8,0	8,8	(2)	4,1	6,4	2,7
Outros ⁽¹⁾	6,3	6,6	(2)	(2)	(2)	(2)	2,6	(2)	2,9

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

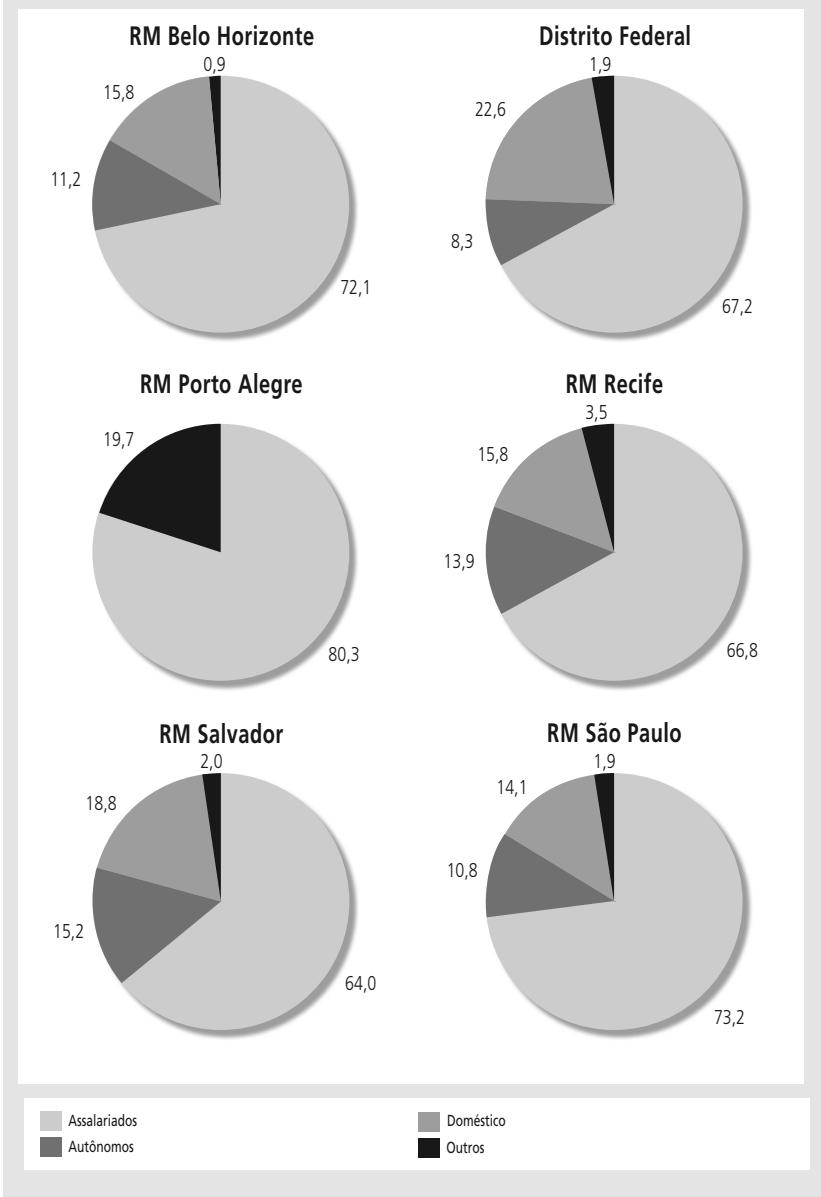
Elaboração: DIEESE

Notas: (1) Incluem empregadores, donos de negócio familiar, trabalhadores familiar e outras posições

(2) A amostra não comporta desagregação para esta categoria

GRÁFICO 29

Distribuição da população ocupada jovem, negra e mulher de 16 a 24 anos, segundo posição na ocupação – Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2007 (em %)



Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Obs.: A amostra da Região Metropolitana de Porto Alegre não comporta desagregação para as categorias Domésticas e Outros

Adicionalmente, destaca-se que é significativamente maior a presença das negras em formas de inserção menos protegidas. Para o contingente feminino, o emprego doméstico entre as jovens de 16 a 24 anos negras variou de 22,6% - no Distrito Federal – a 14,1% - em São Paulo. Já entre as jovens não-negras, esses patamares se situavam em 4,0%, em Porto Alegre e 5,5%, em São Paulo.

Inicialmente observando a posição na ocupação, o assalariamento, que aparecia como uma forma de inserção em declínio até final da década de 1990, voltou a se expandir. Este aumento do peso dos empregados no conjunto dos ocupados deu-se em detrimento da ocupação em atividades por conta-própria e no emprego doméstico. Verifica-se incremento do trabalho assalariado para os jovens de 16 a 24 anos em todas as regiões analisadas, com destaque para a metrópole baiana, cujo assalariamento passou de 61,7% em 1998, para 74,1%, em 2007. Recife também presenciou significativa elevação do assalariamento entre os jovens: 60,1%, em 1998 e 71,3%, em 2007.

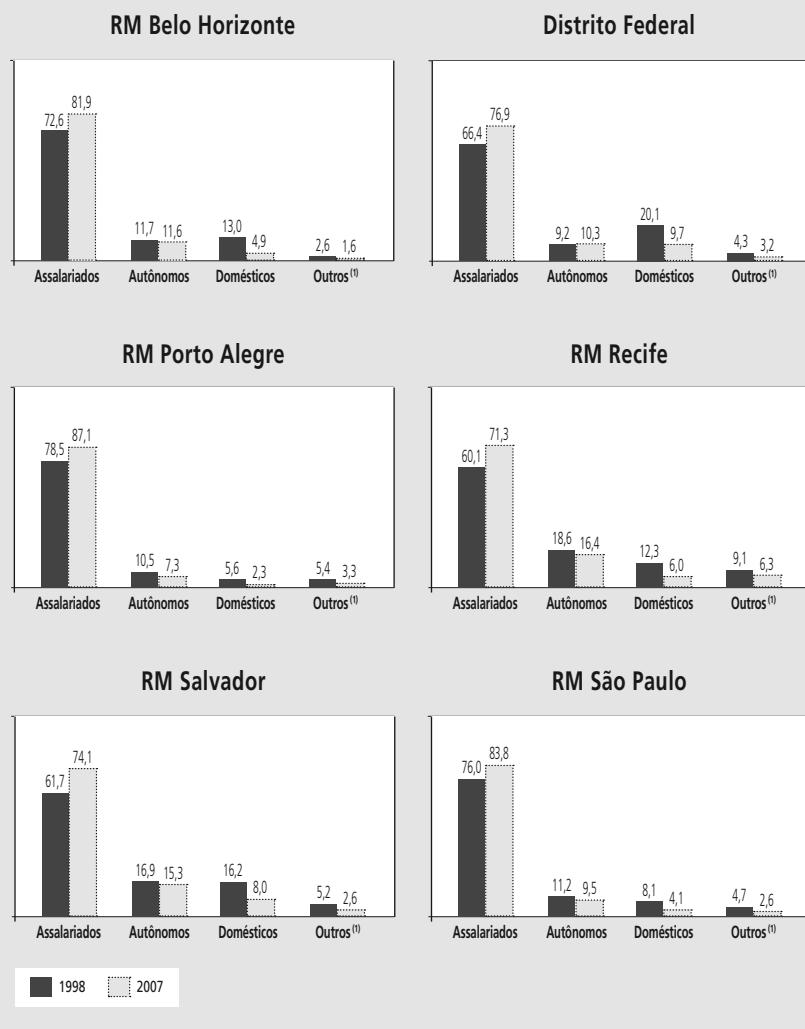
No período de análise, o emprego assalariado reapareceu como oportunidade, tanto para os adolescentes como para os jovens adultos. Para os mais jovens (16 e 17 anos), no entanto, o emprego com carteira assinada diminuiu seu peso no estoque de ocupados na comparação com os jovens adultos, ao mesmo tempo em que os empregados sem carteira aumentaram essa proporção. Esta tendência indica o traço mais marcante do perfil das ocupações dos adolescentes: quase todo o aumento do emprego no período ocorre na categoria sem carteira de trabalho assinada. Assim, observa-se uma piora na qualidade desses postos de trabalho, visualizada por meio do maior peso dos contratos sem vínculo para esta camada da população.

A evolução dos percentuais entre 1998 e 2007 contribuiu para reduzir as disparidades existentes entre a qualidade dos postos de trabalho, notadamente acesso ao assalariamento, de negros e não-negros. No conjunto das regiões metropolitanas investigadas pela PED, as proporções de trabalhadores assalariados jovens negros na parcela da população ocupada apresentam incrementos que variaram de 9,6 (São Paulo) a 13,5 (Salvador) pontos percentuais. Para os jovens não-negros esta proporção apresenta incrementos menores, embora as diferenças persistam.

Na desagregação por sexo e cor, observa-se, que a situação da jovem negra diante do jovem não-negro, ainda é bastante precária, em que pese ter havido uma tênue redução da desigualdade entre estes dois extremos no período analisado. Em 1998, na grande Recife, enquanto apenas 44,2% das jovens negras de 16 a 24 anos eram assalariadas, este percentual sobe para 66,8% dos jovens não-negros do sexo masculino. Em 2007, o primeiro grupo apresentou um incremento do assalariamento de 22,6 pontos percentuais contra 14,6 pontos percentuais dos não-negros.

GRÁFICO 30

Distribuição da população ocupada jovem, com idade entre 16 a 24 anos, segundo posição na ocupação – Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998 e 2007 (em %)



Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

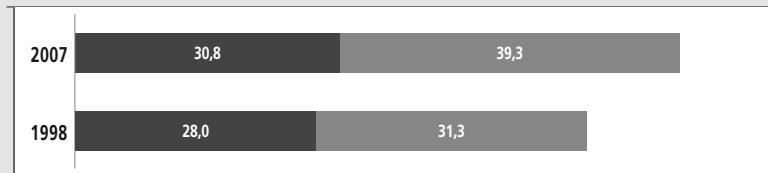
Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Incluem empregadores, donos de negócio familiar, trabalhadores familiares e outras posições

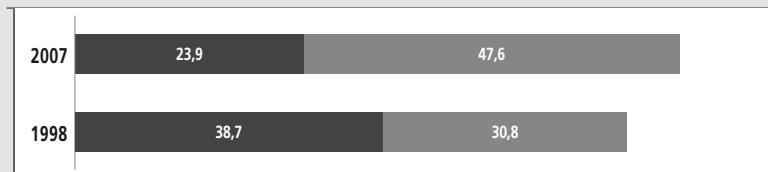
GRÁFICO 31

Distribuição dos adolescentes assalariados, com idade entre 16 e 17 anos, com e sem carteira de trabalho assinada – Regiões Metropolitanas e Distrito Federal 1998 e 2007 (em %)

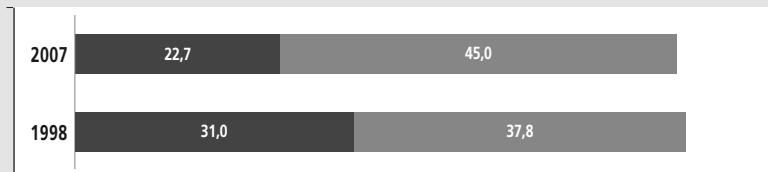
RM Belo Horizonte



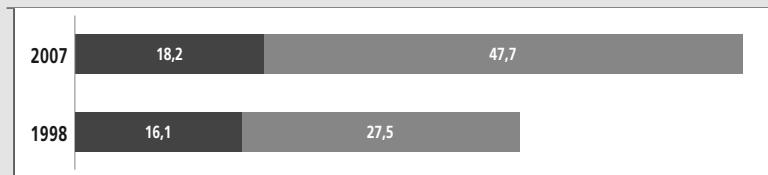
RM Porto Alegre



RM São Paulo



Distrito Federal



■ Assalariados com carteira de trabalho assinada ■ Assalariados sem carteira de trabalho assinada

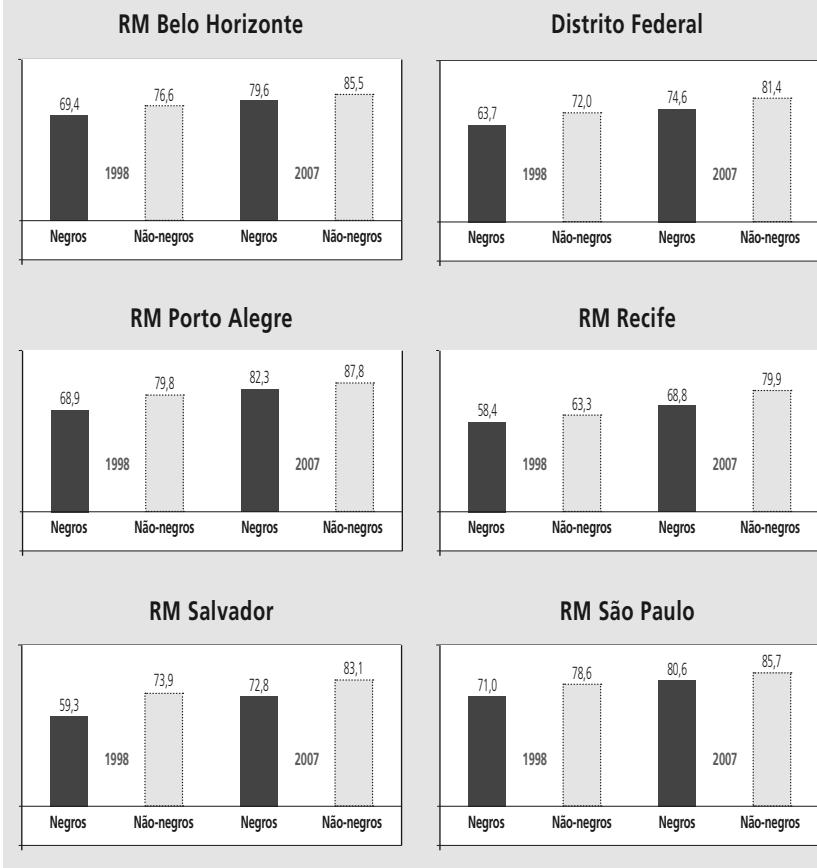
Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Obs.: As amostras das Regiões Metropolitanas de Recife e Salvador não comportam desagregação para as categorias Assalariados com carteira e sem carteira de trabalho assinada

GRÁFICO 32

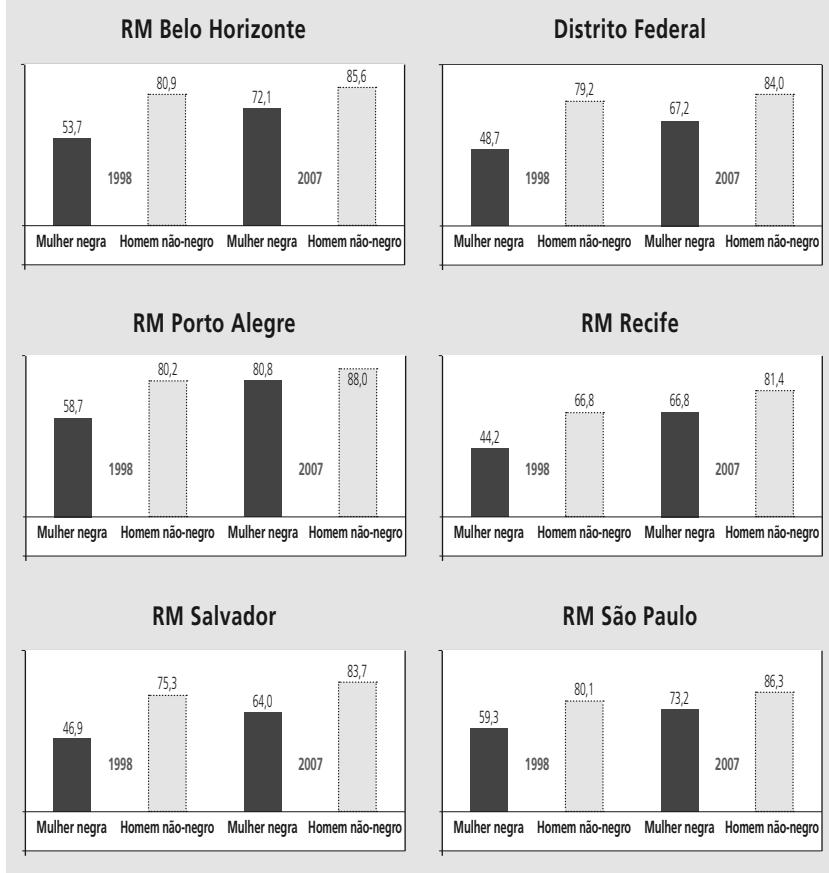
**Distribuição da população assalariada jovem de 16 a 24 anos por cor
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998 e 2007 (em %)**



Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

GRÁFICO 33

Distribuição da população assalariada jovem de 16 a 24 anos por sexo e cor Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998 e 2007 (em %)



Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

SETOR DE ATIVIDADE

Um segundo traço importante do perfil atual da ocupação dos jovens pode ser captado pelo indicar setor de atividade. A seguir, são apresentadas informações sobre a distribuição dos jovens segundo setores de atividade da ocupação principal, para os anos de 1998 e 2007, diferenciados por grupos de idade e regiões metropolitanas.

Em uma análise inicial observa-se que, em 2007, os setores de serviços e comércio de mercadorias foram os que mais absorveram a força de trabalho juvenil. Quando considerados os demais setores de atividade econômica, entre 48,9% (Porto Alegre) e 60,4% (Distrito Federal) do total de jovens ocupados nas diversas regiões metropolitanas deste estudo encontravam-se no setor de Serviços.

Deve-se destacar que, embora a indústria de transformação representasse um percentual menor na incorporação da população jovem no mercado de trabalho, é neste setor que os jovens estão proporcionalmente mais presentes na comparação com o total da população ocupada. Em São Paulo e Porto Alegre, a proporção de jovens ocupados na indústria supera a marca dos 20%; enquanto no Distrito Federal e regiões metropolitanas de Salvador e Recife, em que pesem as diferenças inter-regionais no que diz respeito à estrutura produtiva, a proporção da ocupação na indústria é bem menor, variando entre 3,5%, 9,8% e 10,2%, respectivamente.

TABELA 33
**Distribuição da população ocupada jovem de 16 a 24 anos,
segundo setor de atividade, por sexo**
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2007

(em %)

Posição na ocupação	Belo Horizonte			Distrito Federal			Porto Alegre		
	Jovens						Total	Mulheres	Homens
	Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens			
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Indústria	17,4	9,6	23,5	3,5	(1)	4,8	22,9	16,5	27,9
Comércio	20,4	21,3	19,8	22,6	21,1	23,9	22,4	25,0	20,4
Serviços	51,9	57,6	47,5	60,4	56,2	64,4	48,9	53,0	45,6
Construção civil	5,0	(1)	8,3	3,0	(1)	5,5	3,3	(1)	5,6
Serviços domésticos	4,9	10,7	(1)	9,7	19,0	(1)	2,3	5,0	(1)
Demais	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)
Posição na ocupação	Recife			Salvador			São Paulo		
	Jovens						Total	Mulheres	Homens
	Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens			
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Indústria	10,2	(1)	13,7	9,8	(1)	12,9	21,0	15,6	25,5
Comércio	24,8	26,3	23,9	22,1	20,7	23,2	20,5	21,2	19,9
Serviços	50,3	51,2	49,8	54,4	55,3	53,8	51,0	53,7	48,7
Construção civil	4,1	(1)	6,5	5,1	(1)	8,6	2,9	(1)	5,0
Serviços domésticos	6,0	13,7	(1)	8,0	16,9	(1)	4,1	8,6	(1)
Demais	4,5	(1)	5,2	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria

Entre as mulheres jovens, o setor de comércio e, em menor grau, o emprego doméstico detinham pesos consideráveis. Entre os homens, destacam-se a indústria e o comércio. Considerando os dois sexos, as atividades relacionadas aos serviços, assim como para os adultos, também devem ser apontadas como as que mais absorvem a mão-de-obra juvenil.

Em todas as regiões metropolitanas, o emprego doméstico é o *lócus* de inserção da jovem negra trabalhadora. O emprego doméstico figura como uma das únicas alternativas ocupacionais para estas jovens trabalhadoras. Mais uma vez, os dados empíricos permitem apontar como a raça/cor dos indivíduos, diferencia as experiências cotidianas da população feminina trabalhadora.

TABELA 34
Distribuição da população ocupada jovem de 16 a 24 anos, segundo setor
de atividade por sexo e cor
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2007

Posição na ocupação	Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2007 (em %)									
	Belo Horizonte			Distrito Federal			Porto Alegre			
Total	Mulheres negras	Homens não-negros	Total	Mulheres negras	Homens não-negros	Total	Mulheres negras	Homens não-negros		
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Indústria	17,4	9,1	20,7	3,5	(1)	(1)	22,9	(1)	29,1	
Comércio	20,4	20,6	19,1	22,6	20,9	22,1	22,4	(1)	19,9	
Serviços	51,9	54,1	54,0	60,4	52,7	68,7	48,9	54,8	45,6	
Construção civil	5,0	(1)	(1)	3,0	(1)	(1)	3,3	(1)	4,9	
Serviços domésticos	4,9	15,8	(1)	9,7	22,6	(1)	2,3	(1)	(1)	
Demais	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	
Recife										
Posição na ocupação	Recife			Salvador			São Paulo			
	Total	Mulheres negras	Homens não-negros	Total	Mulheres negras	Homens não-negros	Total	Mulheres negras	Homens não-negros	
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Indústria	10,2	(1)	(1)	9,8	(1)	(1)	21,0	15,5	24,5	
Comércio	24,8	24,9	26,8	22,1	20,5	(1)	20,5	20,8	20,0	
Serviços	50,3	50,3	54,4	54,4	53,8	64,1	51,0	48,6	51,1	
Construção civil	4,1	(1)	(1)	5,1	(1)	(1)	2,9	(1)	3,6	
Serviços domésticos	6,0	15,8	(1)	8,0	18,8	(1)	4,1	14,1	(1)	
Demais	4,5	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

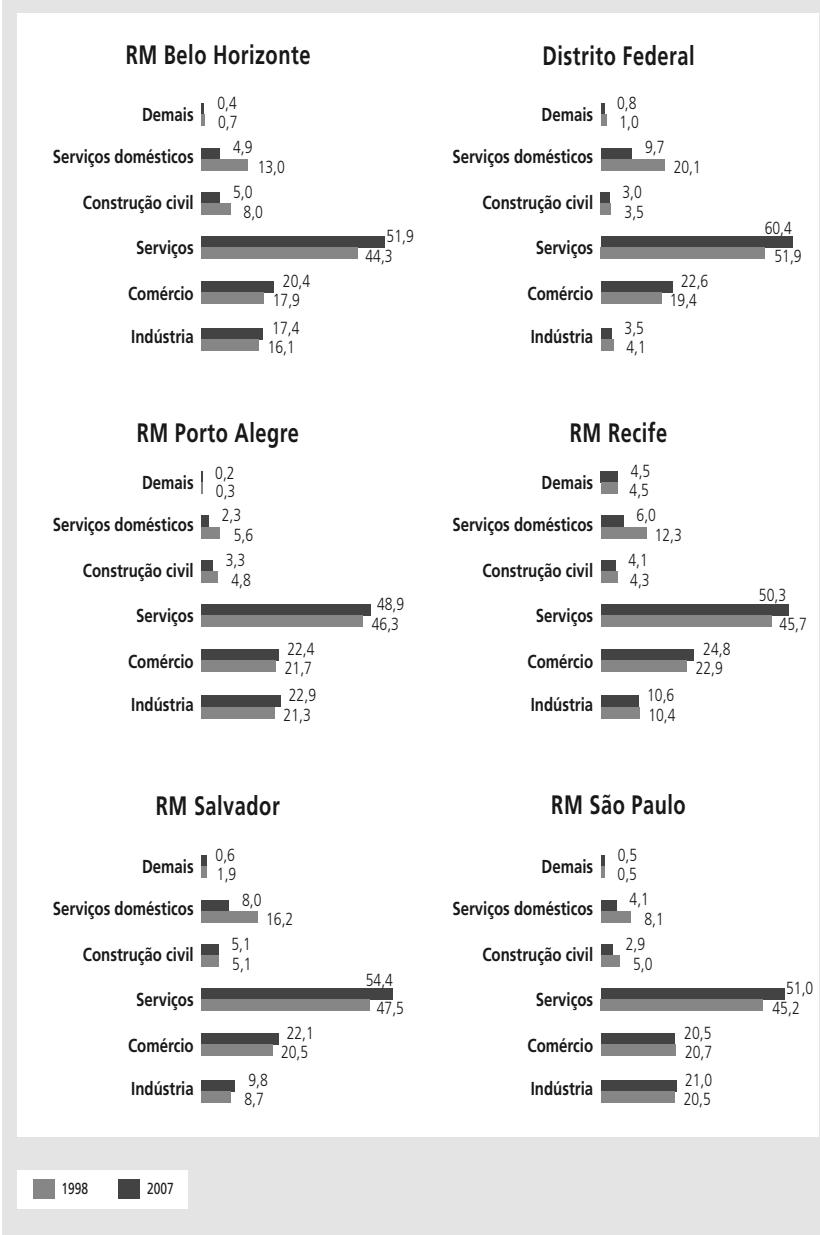
Elaboração: DIEESE

Nota: (1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria

Na análise da variação dessas proporções ao longo do período de estudo, nota-se, a perda de importância da construção civil e do emprego doméstico na absorção da mão-de-obra dos jovens trabalhadores, na maioria das regiões analisadas. No caso específico do emprego doméstico, o Distrito Federal, Salvador e Belo Horizonte, apresentaram as reduções mais signifi-

GRÁFICO 34

Distribuição da população ocupada jovem de 16 a 24 anos, segundo setor de atividade – Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998 e 2007 (em %)



Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

cativas. No Distrito Federal, onde a proporção de jovens ocupados no emprego doméstico era de 20,1%, em 1998, o percentual caiu para 9,7% em 2007. Essa tendência de menor permanência dos jovens nas atividades relacionadas ao emprego doméstico vem compensando, em parte, a desvantagem de posição das mulheres no mercado de trabalho quando comparadas aos homens jovens. Este movimento, no entanto, não impediu que a precarização do emprego feminino fosse maior que a ocorrida entre os homens. Para os homens da Região Metropolitana de Belo Horizonte, por exemplo, a indústria de transformação representava 23,5% da força de trabalho da população de 16 a 24 anos em 2007, enquanto para as mulheres, a proporção de ocupadas na indústria (9,6%) não alcançava o percentual referente ao emprego doméstico (10,7%).

A VALORAÇÃO DO TRABALHO JUVENIL: OS RENDIMENTOS DOS JOVENS TRABALHADORES

Por fim, resta analisar a contrapartida financeira do trabalho dos jovens, afinal, a renda auferida pelos trabalhadores pode ser um indício do tipo de inserção no mercado de trabalho. Em geral, a avaliação de informações sobre os ganhos do trabalho aponta substanciais diferenças de renda por faixa etária, dando suporte para a hipótese da precariedade das ocupações dos jovens, resultado, entre outros fatores, da baixa escolaridade e falta de experiência profissional.

Em 2007, o rendimento real médio do total de ocupados, apurado pelo Sistema PED, era maior no Distrito Federal (R\$ 1.595) e menor na grande Recife (R\$ 706). Mais uma vez os jovens estavam em desvantagem em relação à população ocupada total com mais de 16 anos, pois auferiam, em média, R\$ 650 e R\$ 425, nas áreas investigadas. No Distrito Federal o rendimento dos jovens correspondia a cerca de 41% do rendimento da população ocupada total. Nas demais regiões, os jovens receberam pelo seu trabalho, em média, entre 55,5% (Salvador) e 60,2% (Recife) do rendimento médio mensal da população ocupada total.

A situação se agrava quando se analisa o rendimento médio por grupos etários. Em 2007, um adolescente ganhava, em média, 50% do que um jovem adulto recebia, fato que confirma que os perfis de rendimentos crescem à medida que a idade avança. A média salarial dos adolescentes variou entre R\$ 305, em Belo Horizonte, e R\$ 380, em Porto Alegre. Nestas mesmas áreas metropolitanas, a comparação com os jovens adultos confirma esta assertiva, pois, no último ano da série, os jovens de 18 a 24 anos recebiam R\$ 596 e R\$ 661.

TABELA 35
**Rendimento médio mensal da população ocupada de 16 anos e mais,
segundo grupos de idade por sexo**
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2007

(em R\$ de junho de 2008)

Regiões Metropolitanas	População total			Jovens		
	16 anos e mais			16 a 24 anos		
	Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens
Belo Horizonte	1.023	821	1.203	570	494	633
Distrito Federal	1.595	1.305	1.873	650	577	719
Porto Alegre	1.092	918	1.234	639	576	688
Recife	706	588	800	425	402	442
Salvador	862	719	994	478	426	520
São Paulo	1.202	954	1.413	677	620	726

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

TABELA 36
**Rendimento médio mensal da população ocupada jovem de 16 a 24 anos,
segundo grupos de idade por sexo**
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2007

(em R\$ de junho de 2008)

Regiões Metropolitanas	Jovens								
	16 a 24 anos			16 e 17 anos			18 a 24 anos		
	Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens
Belo Horizonte	570	494	633	305	(1)	(1)	596	514	664
Distrito Federal	650	577	719	343	(1)	(1)	673	595	748
Porto Alegre	639	576	688	380	(1)	(1)	661	593	714
Recife	425	402	442	(1)	(1)	(1)	440	413	459
Salvador	478	426	520	(1)	(1)	(1)	494	438	541
São Paulo	677	620	726	351	(1)	(1)	711	651	762

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria

Os jovens recebem rendimentos mais baixos mesmo que nas áreas metropolitanas investigadas apresentem níveis educacionais equivalentes ao da população total. Para atingir o mesmo patamar salarial dos trabalhadores adultos (25 anos ou mais), os jovens precisam estudar mais.

A investigação da remuneração do trabalho para os jovens mostra, ainda, que há uma grande dispersão dos rendimentos, segundo a posição na ocupação, os atributos pessoais e o local de residência. As mulheres recebiam, em média, as menores remunerações. No Distrito Federal, onde ocorre a maior diferença entre o rendimento médio de mulheres jovens e homens na mesma faixa etária, a renda média feminina era de R\$ 577, e a masculina, R\$ 719. Conforme os dados da PED, as menores dispersões entre os rendimentos

médios dos jovens homens e mulheres foram verificadas para aqueles residentes na Região Metropolitana de Recife. Enquanto o rendimento médio dos jovens homens, em 2007, era de R\$ 442, para as mulheres estas cifras eram de R\$ 402, correspondendo a aproximadamente 91%, do rendimento médio da população masculina (Tabela 37).

TABELA 37
Rendimento médio mensal da população ocupada
jovem de 16 a 24 anos por grupos de idade e cor
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2007

(em R\$ de junho de 2008)

Regiões Metropolitanas	Jovens								
	16 a 24 anos			16 e 17 anos			18 a 24 anos		
	Total	Negros	Não-negros	Total	Negros	Não-negros	Total	Negros	Não-negros
Belo Horizonte	570	510	647	305	(1)	(1)	596	535	672
Distrito Federal	650	591	762	343	(1)	(1)	673	613	788
Porto Alegre	639	529	657	380	(1)	(1)	661	545	679
Recife	425	406	494	(1)	(1)	(1)	440	420	509
Salvador	478	451	669	(1)	(1)	(1)	494	466	686
São Paulo	677	570	741	351	(1)	(1)	711	600	775

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria

Esta desigualdade de rendimentos é ainda mais flagrante na análise por cor. A remuneração dos jovens negros, independente do sexo, é muito inferior à dos não-negros, em todas as regiões analisadas. Em 2007, nas regiões metropolitanas de Salvador e de Recife, o valor recebido pelos negros equivalia, respectivamente, a 67,4% e 82,2% do dos não-negros.

O rendimento real médio por grupos etários mostra que mesmo nas atividades mais precárias como, por exemplo, o assalariamento sem carteira de trabalho assinada, os jovens recebiam menos do que os não jovens (25 anos e mais): no Distrito Federal os trabalhadores não jovens e que possuem vínculo empregatício sem carteira assinada ganhavam em média R\$ 1.072, contra R\$ 508 dos jovens de 16 a 24 anos.

O rendimento médio real dos jovens ocupados evidenciou uma evolução desfavorável no mercado de trabalho das regiões metropolitanas cobertas pela PED, no período 1998-2007, embora uma pequena recuperação seja visualizada nos anos mais recentes, notadamente a partir de 2005. O impacto negativo sobre a renda dos jovens é verificado na maioria das áreas metropolitanas analisadas. Na Grande São Paulo, em 2007, esse indicador, para os jovens de 16 a 24 anos, estava 21,5% abaixo daquele registrado em 1998,

TABELA 38
Rendimento médio mensal da população assalariada
de 16 anos e mais por grupos de idade
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2007

(em R\$ de junho de 2008)

Posição na ocupação	Belo Horizonte		Distrito Federal		Porto Alegre	
	Jovens de 16 a 24 anos	Não-jovens de 25 anos e mais	Jovens de 16 a 24 anos	Não-jovens de 25 anos e mais	Jovens de 16 a 24 anos	Não-jovens de 25 anos e mais
TOTAL	570	1.136	650	1.827	639	1.203
Assalariados	588	1.217	694	2.195	648	1.267
Setor privado	565	1.034	623	1.097	650	1.081
- com carteira assinada	602	1.065	676	1.101	697	1.119
- sem carteira assinada	439	800	508	1.072	504	832
Setor público	811	1.822	1.226	3.992	631	2.016
<hr/>						
Posição na ocupação	Recife		Salvador		São Paulo	
	Jovens de 16 a 24 anos	Não-jovens de 25 anos e mais	Jovens de 16 a 24 anos	Não-jovens de 25 anos e mais	Jovens de 16 a 24 anos	Não-jovens de 25 anos e mais
TOTAL	425	761	478	949	677	1.338
Assalariados	477	887	526	1.075	705	1.456
Setor privado	463	719	520	892	700	1.368
- com carteira assinada	523	770	604	936	762	1.431
- sem carteira assinada	362	481	377	639	557	1.092
Setor público	(1)	1.408	(1)	1.660	(1)	1.946

Fonte: DIEESE/Seade entidades regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria

ficando em R\$ 677. Por sua vez, na área metropolitana de Salvador, o rendimento médio real sofreu incremento de 13,8% neste mesmo período.

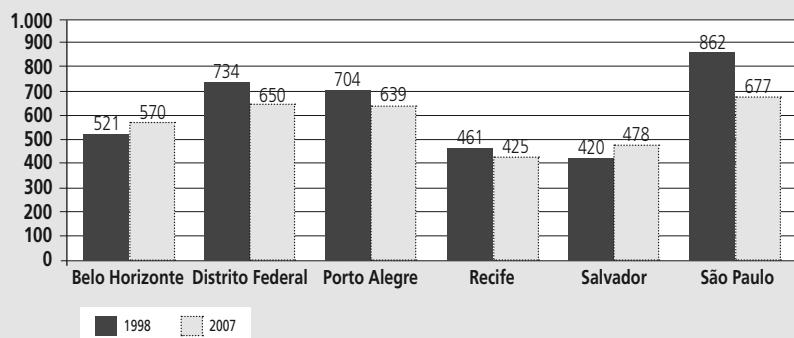
Na comparação da evolução dos rendimentos dos jovens por faixa etária, chama a atenção a redução mais intensa dos rendimentos dos jovens adultos. Na metrópole paulista, o rendimento para esta parcela da população sofreu redução de quase $\frac{1}{4}$, passando de R\$ 921, em 1998, para R\$ 711, em 2007.

A redução do nível de renda não atingiu todos os trabalhadores jovens da mesma maneira. Tomando como base o recorte por sexo, observa-se que, no Distrito Federal, o rendimento das jovens mulheres caiu 7,5% em nove anos, o que é muito, mas é menor que a queda verificada entre os jovens homens: 15,2%. Os dados da Região Metropolitana de Recife para 1998 e 2007 revelam ainda que enquanto o rendimento médio pago à população ocupada feminina apresentou incremento de 4,4%, o dos jovens homens foi reduzido em 14,3%.

A desigualdade dos ganhos do trabalho nas áreas metropolitanas investigadas pela PED, no que tange às diferenças de cor dos indivíduos, diminuiu

GRÁFICO 35

Rendimento médio mensal da população ocupada jovem de 16 a 24 anos
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998 e 2007 (em R\$ de junho de 2008)

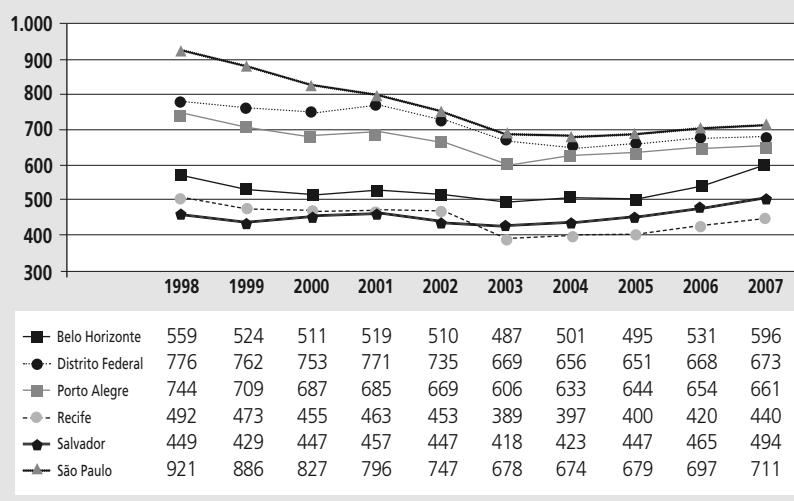


Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

GRÁFICO 36

Rendimento médio mensal da população ocupada jovem de 18 a 24 anos
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998 a 2007 (em R\$ de junho de 2008)

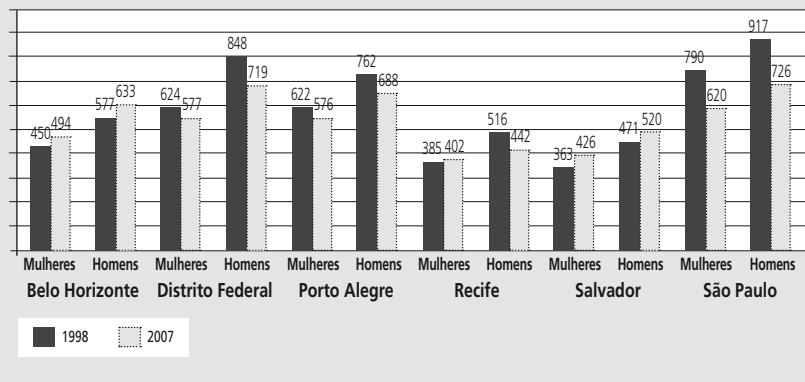


Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

entre 1998 e 2007. Esta evolução é resultado de perdas mais acentuadas nos rendimentos dos jovens não-negros na maioria das metrópoles analisadas, com variações negativas entre 22,3%, em São Paulo, e 9,4%, em Porto Alegre.

GRÁFICO 37

Rendimento médio mensal da população ocupada jovem de 16 a 24 anos por sexo
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998 e 2007 (em R\$ de junho de 2008)

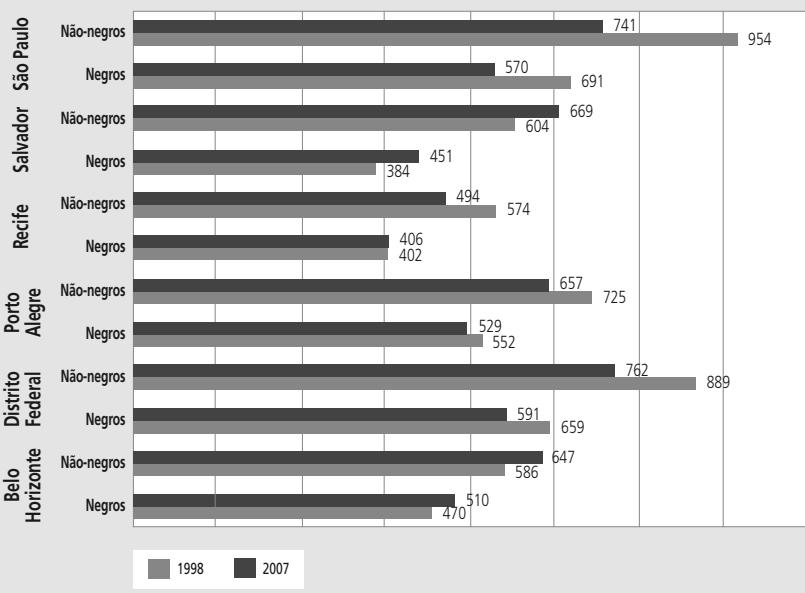


Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

GRÁFICO 38

Rendimento médio mensal da população ocupada jovem de 16 a 24 anos por cor
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998 e 2007 (em R\$ de junho de 2008)



Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Considerações finais

Neste estudo foram analisadas informações sobre a inserção produtiva da população com idade entre 16 e 24 anos, residente na área de cobertura do Sistema PED. Os dados foram apurados por meio de pesquisa domiciliar entre 1998 e 2007, período em que o cenário macroeconômico revelou redução da pressão demográfica juvenil associada à expansão do nível de atividade econômica, notadamente nos últimos anos da série.

Apesar deste contexto favorável, impulsionar trajetórias bem-sucedidas para a inserção da juventude no mercado de trabalho continua a constituir um desafio social, dada a enorme heterogeneidade dos diversos coletivos de jovens.

Trajetórias da Juventude nos Mercados de Trabalho Metropolitanos mostra um preocupante quadro de permanências, mas, ao mesmo tempo, permite identificar oportunidades abertas pela mudança da estrutura etária da população, pois a menor pressão das gerações de jovens possibilitaria um maior retorno dos recursos nelas investidos, como, por exemplo, o investimento público *per capita* em educação. Também incluída entre as questões que ampliaram o leque de possibilidades da política pública está a maior valorização da escolaridade entre os jovens, sobretudo entre os adolescentes.

Ainda com relação ao compromisso nacional com a formação da juventude, deve-se ressaltar que, embora tenha havido melhora de acessibilidade dos jovens aos sistemas formais de ensino, resta o vencimento de uma agenda amplamente conhecida e muito precisa. Afinal, a consolidação de um sistema escolar público de qualidade é via única de promoção social para a maioria dos jovens que ainda cursa as primeiras oito séries do Ensino Fundamental e apresenta equivalência inadequada em relação à idade/série cursada.

Para esta compreensão, entre os dados e análises apresentados neste estudo, destacam-se os seguintes aspectos:

■ 1. Entre 1998 e 2007, na área pesquisada pelo DIEESE, o número total de jovens cresceu a uma taxa média anual de 0,3%, ritmo bem mais modesto do que o visto para o conjunto da população com 16 anos e mais (2,3%) no mesmo período. No início do período estudado, foram contabilizados 6,1 milhões de pessoas com idade entre 16 e 24 anos nas regiões investigadas, contingente que correspondia a 26,4 % da população com 16 anos e mais; já em 2007, os jovens passaram a somar 6,3 milhões de indivíduos - 2,2 % da PIA com mais de 16 anos de idade. Em praticamente uma década, houve aumento de apenas 187 mil jovens, acréscimo totalmente concentrado na faixa etária de 18 a 24 anos, uma vez que houve decréscimo do número de adolescentes da ordem de 150 mil pessoas.

■ 2. As taxas de participação juvenil, que expressam o percentual da população com 16 anos e mais efetivamente engajada nos mercados de trabalho das áreas metropolitanas estudadas, são elevadas e equivalentes à observada para aqueles com mais de 25 anos, registrando-se, em 2007, 4,5 milhões de jovens entre os ocupados e desempregados. Entre os jovens economicamente ativos, identificou-se a pronunciada presença de homens com idade entre 18 e 24 anos, quase a metade deles, negros.

Entre 1998 e 2007, a População Economicamente Ativa (PEA) jovem do espaço metropolitano cresceu moderadamente ao ritmo médio de 0,6% a.a.. Mesmo assim, excedeu a trajetória da População em Idade Ativa (PIA) - 0,3% a.a. A evolução da taxa de participação juvenil expressou esta situação, elevando-se em quase todas as metrópoles estudadas. Ao longo do período estudado, a incorporação dos jovens ao mercado de trabalho foi crescente até a primeira metade dos anos 2000, alcançando seu ponto máximo em 2004. Desde então, a pressão dos jovens sobre o mercado de trabalho se arrefeceu na maioria das regiões metropolitanas analisadas, embora suas taxas de participação se mantenham maior que aquelas registradas no final da década de 1990.

■ 3. Pressionados pela maior exigência e valorização da escolaridade pelo mercado de trabalho, a juventude tem ampliado sua permanência na escola. Porém, sem condições econômicas adequadas, para a maioria dos jovens, tal situação que, inicialmente induz à simultaneidade entre as

atividades escolares e do mercado de trabalho, não encontra solução satisfatória, resultando no abandono da vida escolar.

Dos 6,3 milhões de jovens residentes nas regiões metropolitanas pesquisadas pela PED, em 2007, 1,2 milhão (18,5%) dedicavam-se exclusivamente aos estudos, 1,6 milhão conjugavam escola e inserção no mercado de trabalho, 2,9 milhões apenas trabalhavam ou estavam desempregados e 640 mil, ou 10,3%, não trabalhavam nem estudavam.

Entre 1998 e 2007, destacam-se ainda algumas das transformações recentes, como o prolongamento do tempo passado na escola, no caso dos adolescentes, e a maior transição para o mercado de trabalho em detrimento da escola, para os jovens adultos.

Examinada segundo o nível de escolaridade, a distribuição regional da população jovem total mostra que, em 2007, 40,8% deste contingente possuía instrução igual ou inferior ao ensino fundamental completo na Grande Recife. Esta situação alarmante, contudo, não é peculiar, pois o atraso da série em relação à idade do jovem também era bastante significativa nas demais regiões: na análise da metrópole paulista, os indicadores são mais favoráveis, mas, ainda assim, 22,8% dos jovens tinham apenas o ensino fundamental na região mais desenvolvida do país.

Os dados de acesso ao ensino superior vêm confirmar a assertiva acima. Tomando novamente como parâmetro a idade, de acordo com o sistema educacional brasileiro, a juventude maior de 18 anos deveria estar freqüentando a faculdade, mas os dados da PED revelaram que são poucos os jovens metropolitanos com acesso a um curso de nível superior: em 2007, entre 19,7% (Distrito Federal) e 10,9% (Recife) dos jovens de 18 a 24 anos estavam nesta condição. Essa diferença é favorável em relação às mulheres, ao mesmo tempo em que é profundamente desvantajosa para os jovens negros.

■ 4. Também entre os jovens, as taxas de desemprego respondem às características da base produtiva e da conjuntura econômica regional, por isso, tal como para outros segmentos etários, não se distribuem de forma homogênea nos territórios estudados. As menores taxas de desemprego da população jovem foram registradas na grande Belo Horizonte (24,4%), em Porto Alegre (24,7%) e em São Paulo (27,6%). Por outro lado, as maiores taxas de desemprego para o total de jovens de 16 a 24 anos se encontram nas regiões metropolitanas de Salvador e Recife: 39,1% e 38,5%, respectivamente, sendo também as mais altas para o conjunto da população de 16 anos e mais.

O desemprego também não recai de modo equivalente sobre toda a PEA juvenil de cada região e é mais ou menos intenso a depender do atributo considerado. Assim, embora a subutilização da força de trabalho jovem seja intensa e generalizada, a taxa de desemprego calculada a partir dos dados do Sistema PED para os anos estudados é maior para os adolescentes, as mulheres e os negros.

Além de deter as maiores taxas de desemprego, a força de trabalho juvenil tem se beneficiado pouco da conjuntura favorável para a inserção ocupacional, nos últimos anos. Afinal, apesar do comportamento em geral semelhante ao verificado para a população total, com recuo em quatro das seis regiões em que é realizada a pesquisa, houve variações importantes na intensidade deste fenômeno. Ressalte-se ainda a elevação do desemprego juvenil em Recife, onde a proporção da juventude desempregada passou de 35,5%, em 1998, para os 38,5%, em 2007, e no Distrito Federal, onde este percentual cresceu de 32,7% para 34,2% nos últimos nove anos.

O exame dos meios mais utilizados pelos jovens para a procura de trabalho nas regiões metropolitanas estudadas indica que as estratégias adotadas por aqueles com idade até 17 anos e os com 18 anos ou mais guardam algumas diferenças que merecem ser destacadas. As formas de procura de trabalho dos jovens de 16 e 17 anos estão relativamente mais associadas às redes de relações sociais em que estão inseridas suas famílias. Por outro lado, o esforço individual direto junto a empresas, agências de emprego, sindicatos, anúncios em jornais, além do Sistema Nacional de Emprego, caracteriza-se como principal fonte de pressão utilizada pelos jovens adultos (18 a 24 anos).

■5. Só a disponibilidade de postos de trabalho não é suficiente para exprimir os problemas relacionados à inserção do jovem no mercado de trabalho. É necessário também o exame da composição e qualidade da ocupação juvenil.

A exemplo do que ocorre para o conjunto dos trabalhadores, as empresas constituem a principal fonte de trabalho para os jovens. Em todas as regiões metropolitanas, o trabalho assalariado representa o maior peso da ocupação dos jovens, destacando-se a Região Metropolitana de Porto Alegre, na qual 87,1% dos jovens de 16 a 24 anos se inseriam como empregados, com ou sem carteira assinada, em 2007.

Contudo, como as oportunidades ocupacionais são desigualmente distribuídas, alguns grupos sociais são alocados em posições menos valo-

rizadas econômica e socialmente. Mesmo entre os jovens ocupados, as mulheres e os negros constituem grupos que se encontravam em relações mais precárias de trabalho, como autônomos e no serviço doméstico, demonstrando a vulnerabilidade social destes segmentos.

Em todas as regiões metropolitanas, o emprego doméstico é o *lócus* de inserção da jovem negra trabalhadora. O emprego doméstico figura como uma das únicas alternativas ocupacionais para estas jovens trabalhadoras. Mais uma vez, os dados empíricos permitem apontar como a raça/cor dos indivíduos diferencia as experiências cotidianas da população feminina trabalhadora.

No período de análise, o emprego assalariado reapareceu como oportunidade, tanto para os adolescentes como para os jovens adultos. No entanto, para os mais jovens (16 e 17 anos), o emprego com carteira assinada diminuiu seu peso no estoque de ocupados na comparação com os jovens adultos, ao mesmo tempo em que a proporção de empregados sem carteira aumentou. Esta tendência indica o traço mais marcante do perfil das ocupações dos adolescentes: quase todo o aumento do emprego no período ocorre na categoria sem carteira de trabalho assinada.

■ **6.** Os setores de serviços e comércio de mercadorias destacam-se como os principais absorvedores da força de trabalho juvenil. Todavia, mesmo que a indústria de transformação seja o terceiro setor a ocupar jovens, o faz com mais intensidade, em comparação com a população adulta, ou seja, de 25 anos e mais.

■ **7.** A avaliação de informações sobre os ganhos do trabalho aponta substanciais diferenças de renda por faixa etária, dando suporte à hipótese da precariedade das ocupações dos jovens, resultado, entre outros fatores, da baixa escolaridade e falta de experiência profissional. Em 2007, o rendimento real médio do total de ocupados, aferido pelo Sistema PED, era maior no Distrito Federal (R\$ 1.595) e menor na grande Recife (R\$ 706), enquanto os jovens auferiam, em média, R\$ 650 e R\$ 425, respectivamente.

Os jovens recebem rendimentos mais baixos mesmo que apresentem níveis educacionais equivalentes ao da população total. Para atingir o mesmo patamar salarial dos trabalhadores não jovens (25 anos ou mais) os jovens precisam estudar mais.

A situação se agrava quando é analisado o rendimento médio por grupos etários: um adolescente ganhava, em média, 50% do que um jovem

adulto recebia nas regiões pesquisadas em 2007. A média salarial dos adolescentes variou entre R\$ 305, em Belo Horizonte, e R\$ 380, em Porto Alegre. Nestas mesmas áreas metropolitanas, a comparação com os jovens adultos confirmava esta assertiva, pois, no último ano da série, os jovens de 18 a 24 anos recebiam R\$ 596 e R\$ 661.

A investigação da remuneração do trabalho para os jovens mostra, ainda, que há uma grande dispersão dos rendimentos: as mulheres recebiam, em média, as menores remunerações. Esta desigualdade de rendimentos é ainda mais flagrante na análise por cor. A remuneração dos jovens negros, independente do sexo, é muito inferior à dos não-negros, em todas as regiões analisadas. Em 2007, nas regiões metropolitanas de Salvador e Recife, o valor recebido pelos negros equivalia, respectivamente, a 67,4% e 82,2%, do dos não-negros.

Bibliografia

- ARIAS, A. R. Avaliando a situação ocupacional e dos rendimentos do trabalho dos jovens entre 15 e 24 anos de idade na presente década. In: **Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas**. Brasília: CNPD, 1998.
- AZÊVEDO, J. S. G. et al. **Fora de lugar**: crianças e adolescentes no mercado de trabalho. São Paulo: ABET, 2000. 205 p. (Coleção Teses & Pesquisas).
- BARROS, R. P. de; MENDONÇA, R. S. P. de. Infância e adolescência no Brasil: as consequências da pobreza diferenciadas por gênero, faixa etária e região de residência. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 355-376, ago. 1991.
- CACCIAMALI, M. C.; BRAGA, T. S. A armadilha social destinada aos jovens: mercado de trabalho insuficiente, oferta educacional restrita e de baixa qualidade e ações públicas incipientes. In: CHAHAD, J. P. Z.; CACCIA-MALI, M. C. (Org.). **Mercado de trabalho no Brasil**: novas práticas trabalhistas, negociações coletivas e direitos fundamentais do trabalho. São Paulo: Ltr, 2003, v. 1, p. 469-500.
- CERVINI, R.; BURGER, F. O menino trabalhador no Brasil urbano dos anos 80. In: FAUSTO, A.; CERVINI, R. (Org.) **O trabalho e a rua**: crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80. São Paulo: Cortez, 1991.
- CORSEUIL, C. H. et al. **Decisões críticas em idades críticas**: a escolha dos jovens entre estudo e trabalho no Brasil e em outros países da América Latina. IPEA, Brasília. 46 p., jun. 2001. (Textos para Discussão, n. 797).
- DIEESE / AFL-CIO. **Situação do trabalho no Brasil**. São Paulo: DIEESE, 2001.

LOURENÇO, C. L. **Características da Inserção Ocupacional dos Jovens no Brasil.** 2002. 130 f. Dissertação (Mestrado)-Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, 2002.

MADEIRA, F. R. Los jóvenes en el Brasil: antiguos supuestos y nuevos derroteros. **Revista de la CEPAL**, Santiago de Chile, n. 29, 1986.

_____. Pobreza, escola e trabalho: convicções virtuosas, conexões viciosas. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 7, n. 1, jan./mar., 1993.

MADEIRA, F.; BERCOVICH, A. A onda jovem e seu impacto na população economicamente ativa de São Paulo. **Planejamento e Políticas Públicas**, Brasília, v. 1, n. 8, p. 1-28, 1992.

MADEIRA, F.; RODRIGUES, E. Recado dos jovens: mais qualificação. In: Comissão Nacional de População e Desenvolvimento (CNPD). **Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas**. Brasília: CNPD, 1998.

OIT. **Desemprego juvenil no Brasil:** em busca de opções à luz de algumas experiências internacionais. Brasília: OIT, 1999.

OLIVEIRA, J. de C. et al. Evolução e características da população jovem no Brasil. In: Comissão Nacional de População e Desenvolvimento (CNPD). **Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas**. Brasília: CNPD, 1998.

POCHMANN, M. **A batalha pelo primeiro emprego:** a situação atual do jovem e as perspectivas no mercado de trabalho brasileiro. São Paulo: Publisher Brasil, 2000, 95 p.

_____. **Inserção ocupacional e o emprego dos jovens.** São Paulo: ABET, 1998, 104 p. (Coleção ABET Mercado de Trabalho).

QUADROS, W. J. **O desemprego juvenil no Brasil dos anos noventa.** Campinas: UNICAMP/IE, dez. 2001. (Cadernos do CESIT, 31).

RAMA, G. La juventud latinoamericana entre el desarollo y la crisis. **Revista de la CEPAL**, Santiago de Chile, n. 29, 1986.

SABÓIA, A. L. Situação educacional dos jovens. In: Comissão Nacional de População e Desenvolvimento (CNPD). **Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas**. Brasília: CNPD, 1998.

SPOSITO, M. (Org.). Juventude e contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5/6, 1997.

ISBN 978-85-87326-39-3



9 788587 326393



Ministério do
Trabalho e Emprego

